



CIDADE E DIVERSIDADE:
CARTOGRAFIA LESBOAFETIVA EM MACEIÓ-AL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

HILDA MARINHO AMARAL BORGES

CIDADE E DIVERSIDADE:
CARTOGRAFIA LESBOAFETIVA EM MACEIÓ-AL

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Flavia de Sousa Araújo

Maceió
2024

HILDA MARINHO AMARAL BORGES

**CIDADE E DIVERSIDADE:
CARTOGRAFIA LESBOAFETIVA EM MACEIÓ-AL**

Trabalho de Conclusão de Curso para
Graduação na Faculdade de Arquitetura e
Urbanismo da Universidade Federal de
Alagoas.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Flavia de Sousa
Araújo.

Maceió

2024

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

B732c Borges, Hilda Marinho Amaral.
Cidade e diversidade : cartografia lesboafetiva em Maceió-AL / Hilda Marinho
Amaral Borges. - 2024.
98 f. : il. color.

Orientadora: Flavia de Sousa Araújo.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Arquitetura e Urbanismo) –
Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Maceió,
2024.

Bibliografia: f. 90-98.

1. Afeto (Psicologia). 2. Direito à cidade. 3. LGBTI+. 4. Cartografia - Maceió
(AL). I. Título

CDU: 72:613.885(813.5)

AGRADECIMENTOS

Primeiro agradeço a todas as mulheres que amam outras mulheres, principalmente aquelas que não tem medo de demonstrar isso ao mundo fortalecendo a nossa existencia.

Crescer não é fácil e sem o apoio das pessoas que aqui cito não teria alcançado esta realização.

A minha orientadora Prof^a. Dr^a. Flavia de Sousa Araújo, por acreditar em mim me dando forças para continuar na jornada acadêmica ao longo de toda graduação.

Aos meus pais, meu irmão e minha família por sempre me apoiarem, permanecerem ao meu lado e torcerem por minhas conquistas.

Ao meu grupo de amigas Adna Litrento, Juliana Geronimo e Lavínia Abreu, que me acompanhou durante toda a graduação, em especial a minha dupla de todos os trabalhos Lara Amorim.

Aos amigos que a vida me deu por torcerem por mim e me fazem enxergar a vida além dos trabalhos, particularmente a Yumi Midori e Leticia Peixoto.

A minha maior referência de professora Andréa Nunes por me ensinar a escrever e me apresentar os primeiros livros que me tornaram quem sou hoje.

A banca examinadora Prof^a. Dr^a. Diana Helene Ramos, Prof^a. Dr^a. Samira Bueno Chahin e Carla Mendes Alves Pinto.

RESUMO

Este trabalho visa refletir sobre as condições de vida urbana e afeto no espaço público de mulheres que desafiam a cisheteronormatividade em Maceió, utilizando uma abordagem teórico-metodológica decolonial lesbo-feminista e interseccional. A partir da pesquisa bibliográfica e documental, aborda-se o (não) direito à cidade brasileira pela população LGBTI+. Em seguida são apresentadas as lutas e conquistas da população LGBTI+ no atual contexto Brasil, incluindo a recente abordagem do tema na arquitetura e urbanismo, a partir de teorias do afeto. Por fim, aborda-se o tema a partir do recorte socioespacial deste trabalho: a luta pelo direito à cidade em Maceió por pessoas LGBTI+, apresentando dados oficiais como as estatísticas de violência, bem como ações contrahegemônicas em prol da diversidade sexual. A proposta deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) se concentra no mapeamento de formas contrahegemônicas de viver e reivindicar direitos na cidade, vivenciados pela população lésbica e/ou sáfica, a fim de subsidiar futuras políticas públicas de combate à violência e LGBTfobia, além de fomentar a diversidade em Maceió. Para isso, além da consolidação do referencial teórico, realiza-se estudo de repertório de cartografias sociais que fundamentam a criação da metodologia e realização da Cartografia Lesboafetiva de Maceió, produto final deste TCC. Por fim, como considerações finais, aponta-se como esta Cartografia pode auxiliar como instrumento político para a visibilidade e melhoria da experiência lésbica na vida urbana, e destaca-se a importância da abordagem deste tema nos processos decisórios sobre a cidade, bem como o planejamento participativo, incluindo representantes dos movimentos LGBTI+, na construção de futuros desejáveis para cidades mais justas e diversas.

Palavras-chave: Afeto; Direito à Cidade; População LGBTI+; Cartografia; Maceió-AL.

ABSTRACT

This work aims to reflect on the urban living conditions and affection in the public space of women who challenge cisheteronormativity in Maceió, using a decolonial lesbian-feminist and intersectional theoretical-methodological approach. Through bibliographic and documentary research, it addresses the (non) right to the Brazilian city for the LGBTI+ population. It then presents the struggles and achievements of the LGBTI+ community in the current context of Brazil, including the recent focus on the topic in architecture and urbanism, drawing on theories of affection. Finally, it discusses the issue from the socio-spatial perspective of this work: the struggle for the right to the city in Maceió by LGBTI+ individuals, presenting official data such as violence statistics, as well as counter-hegemonic actions in favor of sexual diversity. The proposal of this Final Graduation Project (FGP) focuses on mapping counter-hegemonic ways of living and claiming rights in the city, experienced by the lesbian and/or sapphic population, in order to support future public policies to combat violence and LGBTphobia, as well as to promote diversity in Maceió. To achieve this, in addition to consolidating the theoretical framework, a study of social cartographies is conducted to underpin the creation of the methodology and the realization of the Lesbian-Affective Cartography of Maceió, which is the final product of this FGP. In conclusion, it is noted how this Cartography can serve as a political tool for visibility and improving the lesbian experience in urban life, highlighting the importance of addressing this issue in decision-making processes about the city, as well as in participatory planning, including representatives from LGBTI+ movements, in the construction of desirable futures for fairer and more diverse cities.

Keyword: Affection; Right to the City; LGBTI+ Population; Cartography; Maceió-AL.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Das vezes que me senti livre.....	13
Figura 2 - Tirinha “Se Freud e Marx vivessem hoje em dia...” na edição Ferro’s bar, dia 19 de agosto de 1983: uma vitória contra o preconceito do Boletim Chanacomchana.	20
Figura 3 - Arte realizada no evento Bolacha com Café – Artivismo Lésbico em Maceió-AL realizado pelo Ateliê Ambrosina (2018).....	21
Figura 4 - Tirinha “O lesbianismo é o maior barato” na edição Mulher de Chuteira do Boletim Chanacomchana.....	22
Figura 5 - Tirinha “Ser ou estar homossexual, eis a questão?” na edição Ser ou estar homossexual? do Boletim Chanacomchana.....	23
Figura 6 - Jair Bolsonaro durante a entrevista no 'Jornal Nacional'.....	28
Figura 7 - Travesti da Lambada e Deusa das Águas, de Bia Leite.....	29
Figura 8 - Remontagem de Queermuseu foi viabilizada por uma grande campanha de financiamento coletivo.....	30
Figura 9 - Capa da HQ do dia 19/08/2003.....	31
Figura 10 - Colagem memórias Ferro's Bar.....	32
Figura 11 - Colagem de recortes de diversas edições da Revista Chana com Chana.....	33
Figura 12 - Panfleto distribuído pelo GALF em frente ao Ferro’s em julho de 1983.....	34
Figura 13 - Dossiê sobre Lesbocídio no Brasil: A história que ninguém conta (2018).....	36
Figura 14 - Colagem de algumas mulheres referências do trabalho.....	39
Figura 15 - Poetisa Safo e suas alunas na Ilha de Lesbos.....	42
Figura 16 - Bia Ferreira.....	44
Figura 17 - Tirinha “Quando nós nos vimos pela 1a vez, ouvi o som de violinos” na edição Lésbicas e sexualidade do Boletim Chanacomchana.....	45
Figura 18 - Busca no site Google com as palavras-chave “lésbica Maceió notícia”.....	46
Figura 19 - Busca no site Google com as palavras-chave “lésbica Maceió notícia”.....	47
Figura 20 - Parada LGBTQIA+ na orla de Maceió com luzes de natal apagadas, 26/11/2023... 48	
Figura 21 - Maceió é a única capital do Nordeste que deu mais votos a Jair Bolsonaro.....	49
Figura 22 - Página do CAERR na rede social Instagram.....	50

Figura 23 - Posts de divulgação dos eventos realizados pelo Ateliê Ambrosina.....	51
Figura 24 - Post de divulgação da Festa das Sáficas.....	52
Figura 25 - Colagem imagens da 1ª Festa das Sáficas no dia 28 de junho de 2024.....	52
Figura 26 - Post da @festadassaficas com imagens do evento realizado no dia 28 de junho de 2024.....	53
Figura 27 - Post da @festadassaficas com imagens da 1ª edição do Vôlei das Sáficas.....	53
Figura 28 - Posts com imagens do A Festival, apresentação das Tamboricas.....	54
Figura 29 - Sequência de posts de divulgação do A Festival.....	54
Figura 30 - Narrativas Gráficas (imagem e texto) das interlocutoras acerca do afeto lésbico.....	55
Figura 31 - Narrativas Gráficas (imagem e texto) das interlocutoras acerca do afeto lésbico.....	55
Figura 32 - Arte de Bruca Teixeira para a fanzine Mcz Delas.....	56
Figura 33 - Interface Queering The Map.....	61
Figura 34 - Declarações queer na plataforma Queering The Map.....	61
Figura 35 - Interface site do projeto EveryWhere is Queer.....	62
Figura 36 - Interface do mapeamento Everywhere is Queer.....	62
Figura 37 - Exemplo de pin com descrição no mapeamento Everywhere is Queer.....	63
Figura 38 - Mapa de dados quantitativos acerca da violência baseada na identidade de gênero e orientação sexual (2019).....	64
Figura 39 - Mapa mental sobre o que é cidade para Júlio em relação à sua sexualidade.....	65
Figura 40 - Mapa mental sobre o que é cidade para Daniela.....	66
Figura 41 - Mapa mental sobre o que é cidade para Daniela em relação à sua sexualidade.....	66
Figura 42 - Mapeamento cartográfico criado pelo Manual de mapeo colectivo.....	67
Figura 43 - Táticas de mapeamento coletivo apresentadas pelo Manual de mapeo colectivo.....	68
Figura 44 - Diagrama- O trabalho nas oficinas (Manual de mapeo colectivo).....	69
Figura 45 - Momento Enrosco em oficina com estudantes de arquitetura na UFF.....	70
Figura 46 - Exemplos de Fragmentos e Derivas e dispositivos de produção de fragmentos...	71
Figura 47 - Momento Tabuleiro em oficina com participantes do XIX Congresso Iberoamericano de Geografia, Universidade do Minho, Portugal.....	71
Figura 48 - Despacho executado em intervenção em uma praça pública de Porto Alegre.....	72
Figura 49 - Territórios/ Campos de atuação e articuladores territoriais (líderes das	

comunidades estudadas) da pesquisa: Gedilza Mendonça (Porto de Pedras - AL); Josiclea (Zica) Silva (Quilombo Santa Rosa dos Pretos - MA); e Sandra da Silva (Serra da Misericórdia - RJ).....	72
Figura 50 - Processo de confecção dos Mapa mentais realizados na Oficina de Cartografia Coletiva apresentadas no artigo “A Cartografia que virou Turbante: relações entre tecnologia, corpo e território”.....	74
Figura 51 - Pana em amarrações diferentes pelas pesquisadoras em Maceió, AL.....	74
Figura 52 - Colagem “Primeiros beijos sáficos em Maceió”.....	83
Figura 53 - Colagem locais para paquerar em amarelo e locais de pegação no espaço público em rosa para mulheres sáficas em Maceió.....	84
Figura 54 - Nuvem de palavras Praias frequentadas por sáficas em Maceió.....	86
Figura 55 - Colagem “Ocupação Sáfica nas praias em Maceió”.....	86
Figura 56 - Colagem “Para quem o afeto é um direito em Maceió-AL?”.....	88

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEL	Coordenadoria Especial Lesbica
CNJ	Conselho Nacional Judiciário
EAV	Escola de Artes Visuais
FAU	Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
GALF	Grupo Ação Lesbica-Feminista
GGAL	Grupo Gay de Alagoas
GGB	Grupo Gay da Bahia
GLBT	Gay, Lésbica, Bissexual e Transexual
HGE	Hospital Geral do Estado
HQ	História em Quadrinho
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IML	Instituto Médico Legal
LGBT	Lésbica, Gay, Bissexual e Transexual
LGBT+	Lésbica, Gay, Bissexual, Transexual e outras orientações sexuais e identidades de gênero
LGBTI+	Lésbica, Gay, Bissexual, Transexual, Intersexo e outras orientações sexuais e identidades de gênero
LGBTQIA+	Lésbica, Gay, Bissexual, Transexual, Queer, Intersexo, Assexual e outras orientações sexuais e identidades de gênero
MAR	Museu de Arte do Rio
PT	Partido dos Trabalhadores
STF	Supremo Tribunal Federal
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFAL	Universidade Federal de Alagoas

SUMÁRIO

1.	MULHER COM MULHER VIRA JACARÉ.....	11
2.	SER LGBTI+ NAS CIDADES BRASILEIRAS.....	16
2.1.	O (não) direito à cidade brasileira pela população LGBTI+.....	17
2.2.	Lutas e conquistas da população LGBTI+ no atual contexto Brasil.....	25
2.3.	Recente abordagem do tema na arquitetura e urbanismo: teóricos do afeto.....	35
2.4.	A disputa pelo direito à cidade em Maceió: estatísticas e ações contrahegemônicas.....	44
3.	COMO CARTOGRAFAR O LESBOAFETO NA CIDADE CONSTRUINDO REPERTÓRIO.....	58
3.1.	Repertório para criação da Cartografia.....	60
3.2.	Como tirar do armário memórias do afeto lésbico.....	75
4.	CARTOGRAFIA LESBOAFETIVA.....	77
4.1.	Descrição da experiência.....	78
4.2.	Resultados.....	80
4.3.	Considerações Finais.....	86
	REFERÊNCIAS.....	88

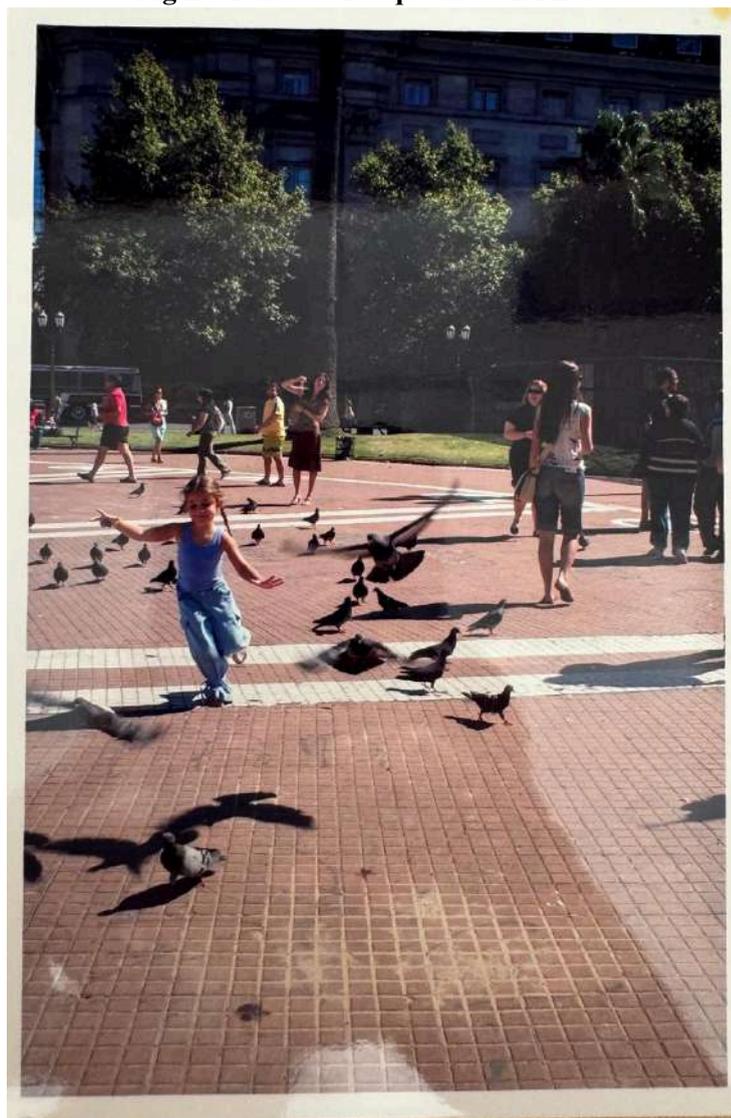
MULHER COM MULHER VIRA JACARÉ



Toda relação lésbica é política

Quando era¹ criança não sabia que lésbicas existiam. Ninguém falava sobre, eu não as via e se não via, logo, elas não existiam. Por outro lado, sempre soube que existiam homens gays, um estereótipo que circulava ao redor de qualquer homem afeminado: sempre escutava alguém ser chamado de “viado” e, por mais que pejorativa, ainda assim era uma forma de existência. Você só critica aquilo que existe.

Figura 1: Das vezes que me senti livre.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2009.

A primeira vez que percebi que gostava de uma menina e tive certeza que era de uma forma romântica tinha por volta dos 13 anos. Esses sentimentos para mim eram inconcebíveis, eu pensava que queria ser um homem para poder gostar dela ou então que as duas fossem

¹ Utilizarei a primeira pessoa durante todo o texto pois conto sobre as minhas experiências.

homens porque seríamos criticadas mas pelo menos poderíamos existir. A gente se olhava e dizia “se eu pudesse gostar de meninas eu gostaria de você.”

Não lembro exatamente quando comecei a conceber a existência de lésbicas e não é que elas não existissem no meu meio mas sempre eram invisibilizadas. Eu perguntava sobre a irmã da minha amiga que morava com outra mulher numa casa que só tinha um quarto mas todos diziam que eram apenas amigas que dividiam apartamento. Hoje fico feliz ao ver que as duas são casadas e têm um filho juntas. Porém, quando eu estava descobrindo, tudo era nebuloso. Nos jornais sempre passavam casos de violência contra homens gays, mas para as lésbicas nem a dor delas era retratada.

Eu fui crescendo, comecei a ler sobre feminismo, primeiro aquele de Simone de Beauvoir e comecei a enxergar coisas que não eram ditas. Entendi que porque não as vejo pelas ruas, não quer dizer que não existam mas sim que há um sistema que se constrói a partir da invisibilização de corpos que diferem do hegemônico. Então, vi necessidade de falar, para me fazer visível.

Durante a graduação em arquitetura e urbanismo, tive contato com algumas poucas disciplinas que foram exceção ao não trabalhar com um referencial teórico hegemônico e seu padrão cis-heteronormativo masculino eurocêntrico. E mesmo nessas brechas me vi colocada na sopa de letrinhas do LGBTI+ (Lésbica, Gay, Bissexual, Tanssexual, Intersexo e outras orientações sexuais e identidades de gênero), onde minhas demandas enquanto mulher lésbica não eram contempladas nos modos de estudar e conceber a cidade. Isso me fez pensar que se eu, que falo de um lugar privilegiado sendo cis, branca e de classe média me sinto assim, quem dirá corpos onde se interseccionam em diversas ~~dissidências~~ dissidências aos marcadores sociais hegemônicos da cidade e sociedade capitalista.

Assim, percebi que o direito à cidade que vem sendo abordado nas diferentes esferas públicas e espaços públicos, não engloba a todes (**grifo nosso**), não é feito de forma plural e não busca atender as demandas específicas daquelas que são invisibilizadas (Borges e Araújo, 2022). No cotidiano que escapa à teoria, corpos lésbicos sofrem diversas violências, inclusive “estupro corretivo”, muitas vezes são impedidos de estar nos espaços de poder e de circular livremente no espaço público. Não conheço uma pessoa LGBTI+, de diferentes gerações, que não tenha passado por alguma situação de hostilidade enquanto estava ocupando a cidade e isso me inclui. O sentimento de estar sempre em alerta, com medo que algo aconteça a você ou a sua companheira por estarem demonstrando afeto ou apenas existindo é constante. E, reforçando a fala da multinstrumentista lésbica e negra Bia Ferreira, somente o afeto, enquanto “tecnologia de sobrevivência”, é capaz de transformar essa realidade, pois o afeto

cura (Ferreira, 2022) e é da ordem do que a filósofa negra norteamericana bell hooks nomeou de “política do amor” (hooks, 2020).

Diante do exposto, neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) pretendo me debruçar em um referencial teórico-metodológico decolonial lesbo-feminista para analisar, pela perspectiva interseccional (Akotirene, 2018), as condições de afeto e vida urbana na cidade de Maceió por mulheres que escapam à cisheteronormatividade. Para isso, busquei cartografar narrativas lésbicas de afeto, por meio da escuta ativa de histórias de dissidências lésbicas, além do levantamento de ativismos² urbanos relacionados às temáticas lesbofeministas (Borges, Araújo, 2022). Aqui vale ressaltar que, segundo bell hooks, a arte pública é uma forma de partilhar pensamentos de afirmação de vida (hooks, 2020) e, estas manifestações político-artísticas urbanas também adquirem uma “propensão de documentação performativa, política, pelo seu caráter viral de difusão em redes globais e rizomáticas” (Raposo, 2015, p.5).

Diante das piores estatísticas de violência contra a população Lésbicas Gays Bissexual, Transexual e orientações sexuais e identidades de gênero (LGBTI+), no que se refere ao pleno usufruto da cidade e o direito ao afeto no Brasil, particularmente, pela população lésbica, o ato de cartografar (novas) formas de viver e reivindicar a vida urbana na perspectiva lesbofeminista, também é fundamental para a elaboração de futuros desejáveis no país. Futuros onde o direito à manifestação do afeto em espaços públicos deixe de ser apenas um sonho para esta parcela invisibilizada da população, e se torne realidade em uma cidade com justiça social e respeito aos direitos humanos.

Compreendendo afeto enquanto tecnologia de sobrevivência e cura urbana (Araújo *et al*, 2022), para fabular esta “cidade do afeto”, interessa: 1) Consolidar um referencial teórico-metodológico majoritariamente lesbofeminista; 2) Compreender a dinâmica de vida lesboafetiva na cidade, através de narrativas individuais e/ou coletivas, por diferentes meios (incluindo o ativismo urbano) com investigação de dados secundários disponíveis em canais e redes sociais oficiais dos grupos sociais, mídia e/ou poder público local; 3) Conhecer diferentes metodologias de realização de Cartografias sociais e afetivas na cidade; 4) Criar a própria metodologia de Cartografia Lesboafetiva e sistematizar os dados encontrados a partir de sínteses imagéticas (Sanches, Martins, 2015) como: diagramas, cartografias, painéis semânticos (colagens).

² Manifestações político-artísticas urbanas também adquirem uma “propensão de documentação performativa, política, pelo seu caráter viral de difusão em redes globais e rizomáticas” (RAPOSO, 2015, p.5)

A metodologia utilizada para este Trabalho fundamenta-se na pesquisa bibliográfica, documental e participante, tendo em vista que a pesquisadora se envolve ativamente analisando sua própria realidade e tem caráter participativo por objetivar promover a participação de interlocutoras da pesquisa (grupo focal anônimo) que auxiliarão na construção cartográfica de espaços e táticas de resistência/reexistência lésbica em Maceió. Quanto à abordagem se caracteriza como quali-quantitativa pois combina a análise dos dados quantitativos e a análise mais subjetiva dos dados qualitativos. Quanto ao levantamento qualitativo, por motivos de ter tempo hábil para a produção e defesa deste Trabalho, optou-se por não submeter esta pesquisa ao Comitê de Ética, trabalhando com o anonimato de todas as interlocutoras. De natureza aplicada, esta pesquisa visa contribuir para a reflexão e construção de soluções de problemas específicos, no que se refere à apropriação dos espaços livres públicos enfrentados pelo público lésbico na capital alagoana.

Como resultado, apresenta-se um panorama de uma cidade lesboafetiva, até então, invisibilizada; onde o afeto rompe com a atual distopia da hegemonia cisheteronormativa patriarcal e colonial. Cartografar esta cidade do afeto lésbico em uma cidade com altas estatísticas de violência contra mulheres, incluindo lésbicas, se trata de um exercício de apontar perspectivas de futuro para cidades mais esperançosas, justas e desejáveis no país.

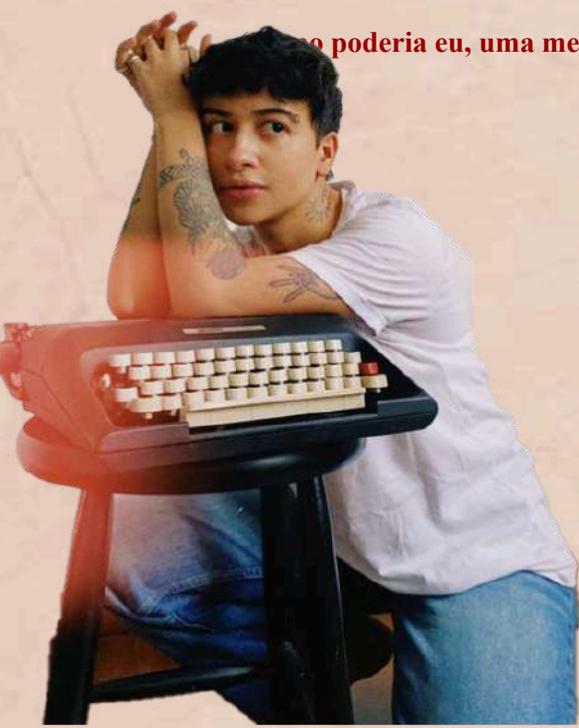
O trabalho se estrutura em quatro capítulos e cada um deles apresenta uma colagem de minha autoria. O primeiro capítulo é este, a introdução, onde apresento o tema, a minha ligação com ele e o motivo por ter me engajado em desenvolver esta Cartografia. No segundo capítulo Ser LGBTQI+ nas cidades brasileiras hoje, é apresentada a contextualização que se divide em quatro subtópicos. Inicialmente abordo a problemática da negação do direito à cidade da população LGBTI+, em seguida as lutas e conquistas da população LGBTI+ no contexto Brasil, depois a recente inclusão/abordagem do tema na arquitetura e urbanismo fundamentada em que teóricos do afeto e amor, para então, abordar o contexto de Maceió utilizando dados quantitativos e qualitativos acerca da disputa pelo direito à cidade e ações ~~contra hegemônicas~~³ na cidade.

No terceiro capítulo, busco uma maneira de cartografar o afeto lésbico na cidade. Inicialmente construí um repertório de procedimentos metodológicos de cartografias sociais, que, posteriormente, fundamentaram a Cartografia criada por mim. O último capítulo

³ Utilizarei a rasura tachando palavras como estratégia para me referir aqueles sujeitos que são vistos sempre como externos os não-contados, não-ditos pelos discursos dominantes (Araújo, 2016). A rasura é um ato que envolve questionar verdades para borrar fronteiras e assim subverter estruturas. Ela permite reescrever identidades em um processo que provoca desvios, transforma a percepção de tempo e espaço criando novas experiências. Assim, as palavras riscadas devem ser entendidas como uma estratégia de manifestação desconstruindo termos da linguagem hegemônica (Araújo, 2016).

apresenta a descrição da experiência de campo, ao realizar uma cartografia lesboafetiva em Maceió, os resultados em forma de Cartografia, diagramas e outras sínteses imagéticas (Sanches, Martins, 2015) além das considerações finais.

SER LGBTI+ NAS CIDADES BRASILEIRAS



o poderia eu, uma menina, segurar publicamente a mão de outra menina e sentir qualquer
outra coisa que não seja orgulho?
quanta coragem é necessária para ser mulher
e amar outras mulheres?
não como se ama uma amiga
ou uma mãe
eu estou falando sobre afeto estou falando sobre fúria
eu estou mandando um brinde aos beijos
que não damos escondido
estão todos contra nós
ouvirão falar de nós
como poderia eu, lésbica,
sentir qualquer outra coisa que não orgulho?
ideais
eu beijo garotas por orgulho, eu beijo garotas por política,
eu beijo garotas por necessidade de sobrevivência.

**você, menina,
eu beijo por sua própria causa.”
(Baeta, 2021, pg. 99)**

Neste trabalho escrevo em primeira pessoa pois me coloco dentro e fora das narrativas presentes, pois “É do vivido que refletimos e propomos” (Tavares, Ramos, p. 22; 2023). Dentro, enquanto mulher lésbica que ocupa Maceió, e fora por entender meu privilégio de mulher branca, cis e acadêmica, buscando diálogos com outros corpos. Assim, não desejo dissociar, na linguagem escrita, minhas vivências pessoais de minhas análises enquanto Arquiteta e Urbanista, pois o saber acadêmico nunca é neutro. Vale ressaltar que entendo por lésbicas não apenas uma categoria de orientação sexual, mas também as relações de afeto e desejo por pessoas que se identificam com a definição (hegemônica) de mulher e se relacionam afetivo-amorosamente com outras mulheres.

A cidade é dinâmica e construída por relações sociais, assim, não pode e não deve ser pensada de forma completamente tecnicista. É necessário que a academia construa confluências com narrativas ~~contra-hegemônicas~~, trilhe caminhos de construção coletiva e, conseqüentemente, mais humanas por englobar outros saberes.

Este segundo capítulo busca, principalmente, apresentar o cotidiano e a vida LGBTI+ em Maceió, abordando, concomitantemente, a negação do direito à cidade para essa população, suas lutas e conquistas no país. Depois disso, será abordada a recente inclusão/abordagem do tema na arquitetura e urbanismo fundamentada em teóricos decoloniais e feministas que abordam ideias como o afeto e o amor. Por fim, apresentamos o contexto da vida LGBTI+ na cidade de Maceió, com dados estatísticos e manifestações ~~contra-hegemônicas~~ pelo direito à plena ocupação da cidade.

Vale ressaltar que, enquanto autora, usarei a denominação lésbica, gay, bissexual, travesti, transexual e intersexo (LGBTI+) para falar desta população, a sigla foi escolhida em consonância ao sugerido pelo Manual LGBTI+ (2021). Esta escolha foi feita, pois se trata de uma publicação realizada pela Aliança Nacional LGBTI+ e Gay Latino com o apoio de diversos grupos formados por pessoas LGBTI+, assim, entende-se que é a população se pronunciando sobre como deve ser mencionada. Esta sigla sofrerá variações no decorrer do texto dependendo da origem da citação, sendo esta direta (respeitando a sigla utilizada pelo autor) ou indireta.

2.1. O (não) direito à cidade brasileira pela população LGBTI+

As cidades refletem estruturalmente as desigualdades de gênero, raça e classe, as quais dizem respeito tanto à sua construção, projeção e planejamento, majoritariamente realizados por olhares masculinos, quanto à constatação de que diferentes grupos sociais se beneficiam de forma desigual dos espaços públicos.
(Sito, Felix, 2021, p.19)

Entendendo a cidade como a projeção da sociedade em um determinado espaço, fica nítido que as contradições e iniquidades de acessos aos benefícios que as cidades contemporâneas brasileiras oferecem são resultado da lógica cisheteronormativa⁴ (Butler, 2016), racista e patriarcal. Esta rege a gestão, uso e ocupação dos territórios urbanos na sociedade capitalista (Berth, 2016).

O atual sistema econômico do Brasil se baseia na propriedade privada, acumulação do capital privado e no trabalho assalariado. “Portanto, o sexo [e o afeto] é proibido, vigiado e reprimido porque não serve a uma organização social para o lucro, porque não é produtivo” (Almeida, 2021, p. 56).

Esse desenho de cidade capitalista beneficia, enquanto cidadãos, aqueles que seguem o padrão cisheteronormativo, branco e masculino, e exclui as demandas das chamadas “~~minorias sociais~~”⁵, entendida aqui também como “confluências sociais” (Santos, 2022). Apesar da Lei nº 10.257 (Brasil, 2001) garantir o usufruto da cidade e de seus espaços públicos por todas as pessoas, na prática o espaço urbano é ocupado de tal maneira a desconsiderar a diversidade de gênero, raça, classe e sexualidade, entre outros marcadores sociais que definem os corpos, “no tocante às escolhas sobre que forma e função os espaços públicos teriam e como seriam acessados” (Casimiro, 2017; Borges, Araújo, 2022).

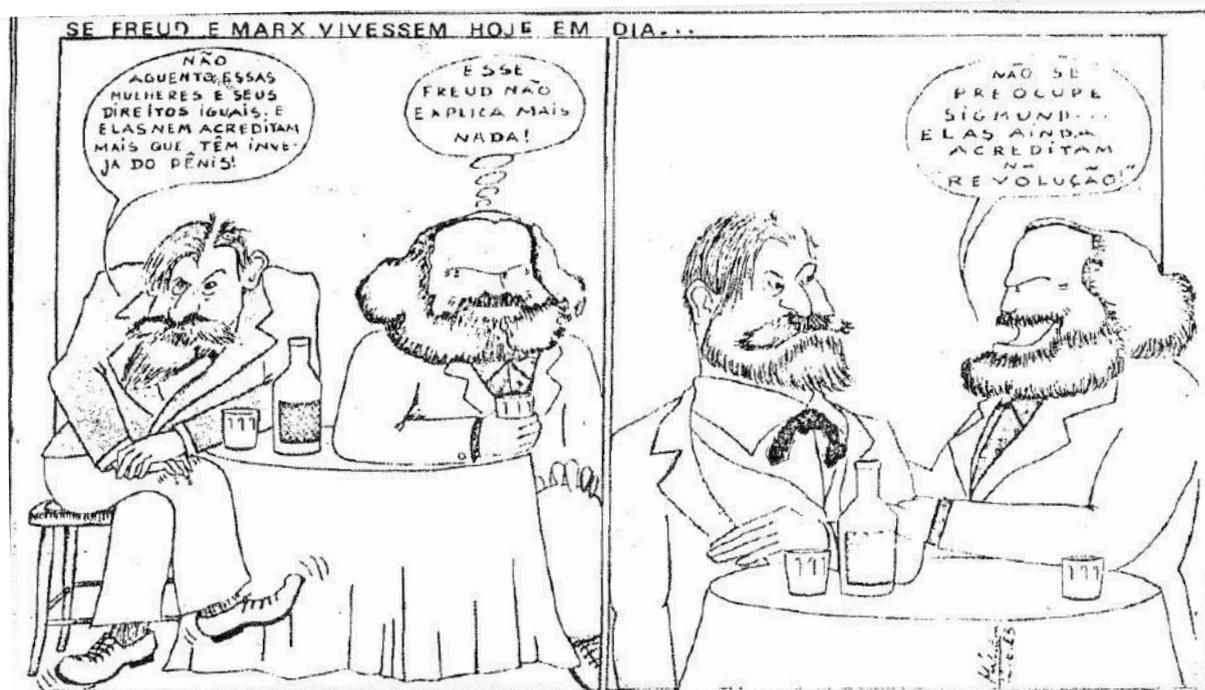
⁴ Cisheteronormatividade é conceito que faz referência a um conjunto de relações de poder que normaliza, regulamenta, idealiza e institucionaliza o gênero, sexo e a sexualidade em uma linha ilógica e estritamente horizontal

⁵ Ratifica-se que ~~minorias~~ são pessoas em desvantagem social, ou seja, grupos que não necessariamente estão em menor número na sociedade, mas sim aqueles que pouco ocupam os espaços de poder e comumente sofrem comportamentos sociais discriminatórios e preconceituosos, inclusive nos modos de produzir o espaço urbano sem considerar demandas dessas ~~minorias~~, negando o direito à cidade para a maioria da população (Borges, Araújo, 2022). Neste trabalho, entendemos que o termo do intelectual quilombola, Antônio Bispo dos Santos, confluências sociais, é mais adequado para tratar desta população diversa e heterogênea que se encontra em encruzilhadas comuns (2023).

Assim, a população LGBTI+ sempre necessitou construir seus próprios apoios na deficiência ou ausência do Estado de prover seus direitos básicos. Isso se inicia na educação básica onde devido “as pessoas LGBTI têm uma altíssima taxa de evasão e as escolas são espaços de extrema opressão para pessoas fora dos padrões de gênero e sexualidade.” (Almeida, 2021, p. 59). Deste modo Organizações Não Governamentais (ONGs) que apoiam os direitos da comunidade LGBTI+ que, para tentar reduzir a quantidade dessa população sem a formação mínima exigida pelo mercado, realizam a promoção de cursos profissionalizantes. Estendendo-se a negação da plena ocupação e usufruto dos benefícios que a cidade oferece.

Nascemos e crescemos em uma sociedade que ensina que o único caminho possível é a heterossexualidade. Em uma realidade misógina como a nossa, essa imposição é diferente para as mulheres, especialmente para as lésbicas (figura 2). Qualquer sexualidade considerada desviante é estigmatizada, mas uma sexualidade que não inclui homens é constantemente desacreditada, como se fosse incompleta ou mesmo inexistente.

Figura 2: Tirinha “Se Freud e Marx vissem hoje em dia...” na edição Ferro’s bar, dia 19 de agosto de 1983: uma vitória contra o preconceito do Boletim Chanacomchana.

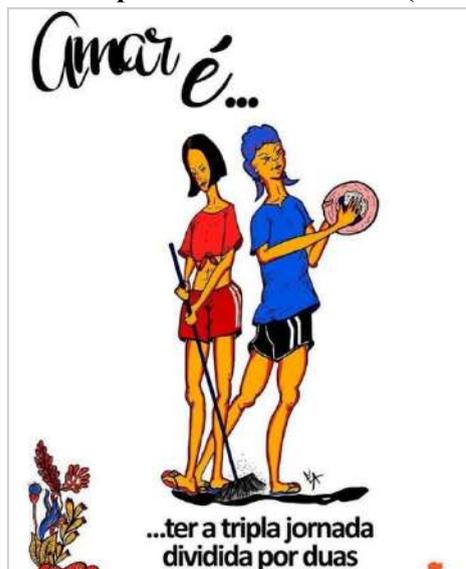


Fonte: CHANACOMCHANA, 1983. Disponível em:
 <<https://cisges.files.wordpress.com/2018/09/chana-com-chana.pdf>> . Acesso em: 03/03/2024.

Então, quando falamos destes corpos entendidos como lésbicos, percebemos uma dupla invisibilização (Oliveira; Mesquita, 2018), pois a história de luta do movimento feminista, com toda sua importância, ainda assim reproduziu o modelo de exclusão que criticou na história tradicional (figura 3), silenciando a fala de mulheres não-brancas,

não-heterossexuais, não-cisgênero, não-pertencentes ao Norte Global e as classes dominantes (Soares, 2021).

Figura 3: Arte realizada no evento Bolacha com Café – Artivismo Lésbico em Maceió-AL realizado pelo Ateliê Ambrosina (2018).



Fonte: Ateliê Ambrosina, 2018. Disponível em: <<https://www.atelieambrosina.com/bolacha-com-cafe>>. Acesso em: 03/03/2024.

E se esse corpo busca apoio na comunidade LGBTI+ as desigualdades entre representatividade, pautas e reivindicações dentro das próprias “letras” que compõem a sigla geram uma hierarquia de acesso aos direitos, onde a primeira letra da sigla sai perdendo sem o direito à vida urbana, de manifestar sua individualidade e demonstrar homoafetividade (figura 4).

Figura 4: Tirinha “O lesbianismo é o maior barato” na edição Mulher de Chuteira do Boletim Chanacomchana.



Fonte: CHANACOMCHANA, 1982. Disponível em:

<<https://cisges.files.wordpress.com/2018/09/chana-com-chana.pdf>> . Acesso em: 03/03/2024.

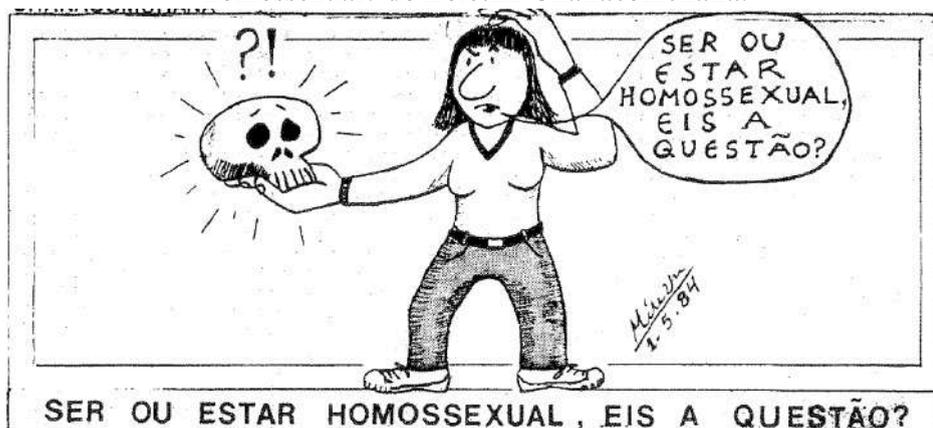
Estas lutas reivindicam lugares de crise, questionando quem pode estar e aparecer no espaço público demonstrando sua identidade e afetividade ou o que a normatividade deixa passar. É a busca pelo exercício do direito à livre circulação nas cidades pela urgência da vida de corpos ~~dissidentes~~ (Gorini, 2019). Assim, minha hipótese é que estas mulheres, assim como eu, tenham vivenciado hostilidade e homofobia, mas, mais que isso, tenham conseguido em meio àqueles que as abraçaram, vivenciar seu afeto. Por isso, se atendermos às demandas lésbicas na garantia do usufruto pleno do espaço urbano, ampliamos o atendimento às demais ~~dissidências~~ sexuais, contribuimos para transformar positivamente as estatísticas de violência no país e construir cidades mais justas e diversas.

Até pouco tempo atrás a homossexualidade e identidades transexuais constavam no catálogo de doenças mentais da Organização Mundial da Saúde (OMS) e em manuais psicológicos como distúrbios relacionados aos fetiches. Esse histórico coloca a comunidade em um recorte a parte, que é objeto de estigmas que perpassam as famílias, escolas e o meio urbano.

Diana de Almeida coloca que “Esse *ethos* do corpo *natural* (cisgênero) põe as pessoas que não se enquadram nesses padrões em um local de erro [...]” (2021, p. 58, grifo do autor) (figura 5). É a partir de discursos como esse, de **direito natural**, que os preconceitos contra pessoas LGBTI+ é reforçado sem a compreensão de que o gênero e a sexualidade são construções, então todos os corpos constroem performances de gênero e sexualidade. E esses

discursos homofobicos e transfobicos se estendem também na linguagem, onde “prevalece a narrativa de que o heterossexual e cisgênero seria a regra, enquanto as vivências LGBTI+, o *desvio*.” (Almeida, 2021, p. 57, grifo do autor), impondo a binaridade inclusive na fala.

Figura 5: Tirinha “Ser ou estar homossexual, eis a questão?” na edição Ser ou estar homossexual? do Boletim Chanacomchana.



Fonte: CHANACOMCHANA, 1984. Disponível em:

<<https://cisges.files.wordpress.com/2018/09/chana-com-chana.pdf>> . Acesso em: 03/03/2024.

Austin (1990 apud Pagnan, 2020) foi o primeiro teórico a considerar a visão performativa da linguagem, entendendo que sua função está além da mera descrição, mas que também dá vida ao que se fala. Hoje “a cidade do pensamento único” em que vivemos é regida pelo consenso que faz calar e invisibiliza aqueles que escapam da sua lógica dominante (Araújo, 2016).

Deste modo:

Frente aos discursos que produzem uma visão de mundo calcada em categorias fixas tais como cidade e identidade, é necessário dominar as ferramentas de criação discursiva que instituem estas categorias, entendendo essa necessidade enquanto estratégia fundamental de sobrevivência/permanência nos territórios criados/disputados. Sobretudo para coletividades que, muitas vezes, são classificadas em identidades fixas como mecanismo de controle, para que permaneçam em um estado de invisibilidade ou opacidade (Araújo, 2016).

Com o intuito de romper esse “estado de invisibilidade”, utilizarei a rasura tachando palavras como estratégia para me referir aqueles “sujeitos singulares não-contados, não-ditos (ou malditos) nos discursos dominantes, cidades e identidades ditas de maneira que ora diferem, ora ratificam aquelas instituídas e fixadas por uma hegemonia” (Araújo, 2016).

Assim, “[...] as letras riscadas devem ser entendidas como manifestações da estratégia desconstrutora em Derrida. Usando termos de uma linguagem que quer desconstruir, Derrida abala esta linguagem e inscreve um sentido outro além dela [...]” (Araújo, 2016).

Vale ressaltar que essas “são artes ditas não positivas no sentido hegeliano, ou seja, que escapam a qualquer plano de legitimação ou valoração determinada heteronomamente pelo poder instituído ou praticado” (GPMC, IPPUR, UFRJ, 2014).

Em suma, pensar a cidade é entendê-la enquanto local de agrupamento de heterogeneidades. Porém, na cidade do Pensamento Único (Arantes *et al*, 2002), encontramos o processo contrário, que busca homogeneizar e controlar os sujeitos e territórios, e que opera a partir de um viver/agir/pensar/compreender/dizer cidade delimitado, estratificado (Araújo, 2016). Uma das **táticas** usadas neste trabalho para **subverter estas limitações da linguagem** escrita com códigos tipográficos em um espaço bidimensional no padrão formato A4, é **utilizar outros termos, códigos tipográficos e táticas artísticas drásticas⁶ para falar apropriadamente - com termos reverentes - acerca destes ~~outros sujeitos~~ e abordar as diversas dimensões do afeto**. Assim, a rasura com o atachado em determinados termos, remete ao sentido múltiplo do termo, considerando a diferença apontada por Derrida (GPMC, 2014; ARAÚJO, 2016). O Brasil é um país homo-trans-lesbofóbico com baixa representatividade e ocupação de corpos dissidentes (Borges, Araújo, 2022) nos espaços públicos de poder, que desenham e regulam o espaço público. Esta baixa representatividade corrobora para o permanente quadro de violência (Gráfico 1) contra a vida de pessoas LGBTI+, invisibilizando suas demandas específicas e perpetuando, assim, as violações dos Direitos Humanos nas cidades brasileiras (Borges, Araújo, 2022).

Gráfico 1: Mortes violentas de LGBT+ no Brasil 2000-2022.



Fonte: Adaptado de Acontece LGBT+, Grupo Gay da Bahia (GGB) e Observatório de Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil, 2023. Disponível em:

⁶ GPMC (Grupo de Pesquisa Modernidade e Cultura); IPPUR (Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional); UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro). MANUAL teórico-prático DE arTes.drÁSTICAS. Tomo VIII do experienciar, Vol. 2, 2014. Disponível em: <<https://www.google.com/url?q=https://periodicos.uff.br/ayvu/article/download/22214/13113/81758&sa=D&source=docs&ust=1709391528137403&usq=AOvVaw3gtky24oR51bX1EC9oC1f8>>. Acesso em: 02/03/2024.

<<https://static.poder360.com.br/2021/05/Observatorio-de-Mortes-Violentas-de-LGBTI-13mai2021.pdf>>
Acesso em: 12/09/2021.

O Gráfico 1 expõe que ao longo das duas últimas décadas, o país registrou uma média de 243 mortes de pessoas LGBTQ+ por ano, sem uma resposta efetiva do poder público (GGB, 2022). Outro destaque estatístico é a queda do número de mortes entre os anos de 2019 e 2020, que não foi decorrente de ações políticas realizadas para mitigar tais mortes, mas sim uma resposta ao isolamento social recomendado pelas autoridades de saúde durante a pandemia do coronavírus.

Quando restringimos os dados à região nordeste, no qual Maceió está inserida, o número de mortes violentas de LGBTQ+ (tabela 1) é o mais elevado em relação ao restante do país, de acordo com o documento "Mortes Violentas de LGBTQ+ no Brasil, relatório do Grupo Gay da Bahia, 2021".

Tabela 1: Mortes Violentas de LGBTQ+ por regiões do Brasil, 2021.

MORTES VIOLENTAS DE PESSOAS LGBTQ+ POR REGIÃO/ 2021		
REGIÃO	QUANT.	%
NORDESTE	106	35,33
SUDESTE	101	33,67
CENTRO-OESTE	33	11,00
NORTE	30	10,00
SUL	27	9,00
SEM INFORMAÇÃO	3	1,00
TOTAL	300	100

Fonte: Adaptado de GGB, 2022. Disponível em: <<https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2022/03/mortes-violentas-de-lgbt-2021-versao-final.pdf>>. Acesso em: 15/02/2023.

Além dos casos violentos mapeados contra esta **minoria**, uma pesquisa feita há mais de uma década, por estudantes do curso de Serviço Social da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), em parceria com o Centro de Amor à Vida (Cavida) de Maceió, revela número elevado de suicídios entre integrantes da comunidade LGBTQ+ em Maceió "[...] de janeiro a outubro deste ano [2013], o Hospital Geral do Estado (HGE) registrou aproximadamente 400 casos de tentativas de suicídio e o Instituto Médico Legal (IML) chegou a registrar 61 casos em apenas 10 meses." (Pereira, 2013).

No caso de violências contra lésbicas, também mencionadas neste trabalho como mulheres **dissidentes**, acreditamos que os números de ocorrências são subnotificados. As

opressões que lésbicas sofrem diferem daquelas enfrentadas pelo público masculino (gay), de modo que a invisibilidade da manifestação pública (e/ou privada) de seus afetos se torna, muitas vezes, estratégia de sobrevivência (Oliveira; Mesquita, 2018).

Uma das únicas referências encontradas acerca do cenário lésbico maceioense, a partir do século XX, é o artigo “Saindo do armário: A história do movimento Lésbico em Maceió” de Mariana Duarte Oliveira e Marcos Ribeiro Mesquita. Escrito na área da psicologia e publicado em 2018, o trabalho aborda as conquistas dos movimentos lésbicos no Brasil e em Maceió: “o início do movimento lésbico em Maceió ocorre cerca de vinte anos após a criação do primeiro grupo de mulheres lésbicas em São Paulo e, mesmo assim, ainda carrega a bandeira da invisibilidade de suas necessidades” (Oliveira; Mesquita, 2018).

Aqui coloco também a importância dos meus trabalhos ao longo de 4 ciclos como Pibic orientada pela Professora Flavia Araujo. Os trabalhos e discussões presentes durante esse período trouxeram a base para que eu acreditasse em uma arquitetura diferente que pode ser trabalhada a partir das necessidades individuais e ainda assim englobando toda a diversidade.

A ocupação plena da cidade, seus espaços públicos e privados, é negada a estes corpos, pois o somatório de violências vivenciadas por eles impõe que seu afeto não seja demonstrado em público, impõe um modelo de vestir-se e comportar-se. E ainda assim “esconder” seu verdadeiro eu não assegura a vida daqueles que divergem ao padrão hegemônico cishetero, assumir-se ~~dissidente~~ é percorrer e permanecer no espaço público sem sentir-se segura. Estes dados apresentados pleiteiam por novas políticas públicas que sejam eficazes no combate às violências.

2.2. Lutas e conquistas da população LGBTI+ no atual contexto Brasil

**“A categoria de sexo é a categoria política que funda a sociedade como heterossexual.”
(Witting, 1982)**

A abordagem dos direitos da população LGBTI+ no Brasil é um tema complexo que reflete desafios significativos, mas também é possível perceber progressos notáveis ao longo dos anos. Esta comunidade traça uma jornada marcada por discriminação, estigmatização e violência, mas sua resiliência e mobilização têm feito conquistas importantes.

Em mais de 68 países ser homossexual é crime, sendo punido com pena de morte em onze desses (BBC Brasil, 2023). No Brasil, houve alguns avanços no quesito legal a partir da redemocratização do país, entre eles a descriminalização da homossexualidade em 1830, na promulgação da Constituição de 1988, que representou um marco ao reconhecer a igualdade de todos perante a lei. Em 2013 o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) publicou a Resolução nº 175 (Brasil, 2013), que estabeleceu que os cartórios deveriam realizar o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo em todo o Brasil; e em maio de 2015, o Supremo Tribunal Federal (STF) também reafirmou a legalidade do casamento entre pessoas do mesmo sexo, consolidando os avanços já estabelecidos pela resolução do CNJ. Posteriormente, houve a criminalização da homofobia pelo STF em 2019, enquadrando o crime na Lei nº 7.716/89, a Lei do Racismo, passos cruciais na garantia de direitos humanos básicos à comunidade LGBTI+.

Porém, as leis que existem para proteger os direitos dessa comunidade ainda são frágeis e pouco específicas. O país segue consecutivamente sendo o que mais mata LGBTI+ no mundo (Cavalcante, 2023). E essa fragilidade é vista quando, por exemplo, a deputada Érika Hilton, mesmo sendo eleita como a mulher mais bem votada em São Paulo, ainda sofre ataques transfóbicos em plena Câmara dos Deputados ou na audiência pública ocorrida ainda em 2023, na Comissão da Família, que votou um Projeto de Lei para proibir casamentos homoafetivos, apesar da não aprovação da mesma, é um debate inconstitucional, reforçando a sociedade homofóbica que ainda constitui a suprema corte brasileira.

Ademais a essa conjuntura, observamos que iniciativas às quais poderiam estimular a discussão dessas questões em ambientes educacionais e de saúde, foram interrompidas devido à falta de informações apropriadas ou à pressão de segmentos conservadores da sociedade. Este último além de atacar os direitos que foram adquiridos para as populações oprimidas, a exemplo dos LGBTI, mulheres, negres, entre outros, criam redes de *fake news* sobre a população (Almeida, 2021, p. 55).

É o caso, por exemplo, do cancelamento em 2014 do projeto "Escola sem Homofobia", que integrava o Programa "Brasil sem Homofobia" instituído em 2004. O projeto consistiu na conscientização dos professores de escolas públicas, por meio de uma série de materiais que tratam da cidadania e dos direitos humanos da população LGBTI+, o qual permitiria o diálogo básico nas escolas, reconhecendo o ambiente escolar como arena de preconceitos e violências físicas e simbólicas, o que é comprovado pelas altas taxas de abandono escolar da população "T"⁷ (Hanna; Cunha, 2017 apud Preu; Brito, 2018). O projeto

⁷ Sigla que abarca pessoas autodeclaradas Travestis, Transexuais e Transgêneros.

acabou sendo apelidado pejorativamente de “Kit Gay” pelos críticos e pelo ex-presidente do Brasil Jair Bolsonaro, o que acabou originando uma série de *fake news* sobre o tema (figura 6).

Figura 6: Jair Bolsonaro durante a entrevista no 'Jornal Nacional'.



Fonte: Reprodução Rede Globo, 2018.

Outro exemplo de políticas públicas reacionárias, contrárias às lutas ~~dissidentes~~, foi o fechamento da exposição *Queermuseu - Cartografias da Diferença na Arte Brasileira* (figura 7), após protestos conservadores nas redes sociais. A exposição reunia 270 trabalhos de 85 artistas que abordavam a temática LGBT, questões de gênero e de diversidade sexual estando em cartaz há quase um mês no Santander Cultural. As manifestações nas redes sociais lideradas em sua maioria pelo Movimento Brasil Livre (MBL), jovem movimento político de caráter conservador, alegavam que algumas das obras promoviam blasfêmia contra símbolos religiosos e também apologia à zoofilia e pedofilia (Mendonça, 2017).

Figura 7: Travesti da Lambada e Deusa das Águas, de Bia Leite.



Fonte: Machado, 2018. Disponível em: <<https://vidacarioca.net/queermuseu-rio-de-janeiro/>>. Acesso em: 03/03/2024.

Inicialmente o Santander declarou que as obras tinham sido criadas com o intuito de fazer os espectadores refletirem sobre os desafios que devemos enfrentar em relação a questões de gênero, diversidade, violência entre outros. Porém, após as ameaças de boicote contra o banco e com medo de manchar a imagem da instituição, a decisão foi ceder às pressões cancelando a exposição censurando os artistas (Mendonça, 2017).

Após a polêmica a exposição ainda foi vetada pelo então prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella, que afirmou que não permitiria que a exposição "de pedofilia e zoofilia" fosse para o Museu de Arte do Rio (MAR). Mas, a partir da maior campanha de financiamento coletivo do país idealizada por Fabio Szwarcwald houve a remontagem da

exposição na Escola de Artes Visuais (EAV) do Parque Lage (figura 8). Foi arrecadado mais de R\$1 milhão de quase 1,7 mil pessoas e a venda de obras de arte doadas (Carneiro, 2018).

Figura 8: Remontagem de *Queermuseu* foi viabilizada por uma grande campanha de financiamento coletivo.



Fonte: Gabi Carrera/ Divulgação, 2018. Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/Brasil/noticia/2018/08/queermuseu-exposicao-mais-debatida-e-menos-vista-dos-ultimos-tempos-reabre-no-rio.html>>. Acesso em: 24/11/2023.

Se aprofundarmos ainda mais o debate para abordar especificamente a questão lésbica, temos que o primeiro Dia do Orgulho Lésbico no Brasil, comemorado no dia 19 de agosto, foi derivado dos esforços das ativistas Luiza Granado e Neusa Maria de Jesus. Ambas integrantes da Rede de Informação Um Outro Olhar e da Coordenadoria Especial de Lésbicas (CEL) da Associação da Parada do Orgulho GLBT (Gay, Lesbica, Bissexual e Transexual- como era denominada a sigla da época) e, como forma de dar destaque a questão lésbica, fomentaram um debate específico durante os eventos da 7ª parada do Orgulho Gay (denominação da época) ocorrida em 2003 e nele foi lançado publicamente o Dia do Orgulho Lésbico como o dia 19 de agosto (figura 9) (Martinho, 2022).

Figura 9: Capa da HQ do dia 19/08/2003.



Fonte: Acervo Um Outro Olhar, 2022. Disponível em: <https://www.umoutroolhar.com.br/2022/06/orgulho-lesbico-o-happening-politico-do.html>. Acesso em: 23/11/2023.

A data também foi escolhida por ser especial para o Grupo Ação Lésbica-Feminista (GALF) e para as lésbicas que frequentavam o Ferro's Bar (figura 10). Esse bar, que foi inaugurado em 1961 e fechado na década de 90, funcionava como uma pizzaria durante o dia e como ponto de encontro das lésbicas da região metropolitana de São Paulo durante a noite. O local integrava um complexo de bares voltados para o público LGBTQIA+ no bairro do Bixiga. Esse estabelecimento tem destaque na cena da comunidade *Queer*, tanto por sua centralidade, como por ter sediado a primeira manifestação política organizada de lésbicas no Brasil (Fior; Comolatti, [2018]).

Figura 10: Colagem memórias Ferro's Bar.



Fonte: Ovídio Vieira, 1983. Disponível em: <https://www.umoutroolhar.com.br/2022/06/orgulho-lesbico-o-happening-politico-do.html>. Acesso em: 23/11/2023.

Era também onde o Grupo de Ação Lésbico Feminista (GALF, 1981-1990), organizava suas reuniões e era vendida a publicação Chana com Chana (figura 11) que veiculava diversos debates e produções artísticas produzidas por lésbicas, abordando a temática sáfica.

Figura 11: Colagem de recortes de diversas edições da Revista Chana com Chana.



Fonte: Elaboração autoral a partir de CHANACOMCHANA, 1983. Disponível em: <<https://cisges.files.wordpress.com/2018/09/chana-com-chana.pdf>> . Acesso em: 03/03/2024.

Com a tentativa do proprietário de proibir a venda, organizou-se um levante (figura 12) no dia 19 de Agosto de 1983 reivindicando o direito de venda da publicação, que também apontava para a própria discriminação pela qual essas mulheres passaram. A data posteriormente passaria a ser o Dia do Orgulho Lésbico.

Figura 12: Panfleto distribuído pelo GALF em frente ao Ferro's em julho de 1983.

<p>PRA VOCÊ QUE FREQUENTA O FERRO'S</p>  <p>BEM, GENTE, ACHO QUE CHEGOU A HORA DE FALARINHO ABERTAMENTE. CHEGA DE SUBTERFÚGIOS. E VOCÊ QUE É UMA PESSOA INTELIGENTE HÁ DE CONVIR COMIGO QUE TEMOS QUE NOS UNIR, POIS SÓ A UNIÃO FAZ A FORÇA. NÃO QUEREMOS QUE VOCÊ EMPUNHE A BANDEIRA DE HOMOSSEXUAL CONTRA A SUA VONTADE, MAS GOSTARÍAMOS QUE VOCÊ OLHASSE PARA DENTRO DE VOCÊ E VISSSE O QUANTO GENTE VOCÊ É, QUE SER HUMANO MARAVILHOSO SE ESCONDE ATRÁS DE UMA MÁSCARA, BRINCANDO DE FAZ DE CONTA.</p> <p>FAZ DE CONTA QUE SOU TRATADA IGUALMENTE COMO TODAS AS PESSOAS.</p> <p>FAZ DE CONTA QUE O RESTAURANTE QUE EU FREQUENTO ME RESPEITA COMO EU MEREÇO.</p> <p>FAZ DE CONTA QUE A SOCIEDADE ME ENCARA SEM PRECONCEITO.</p> <p>FAZ DE CONTA ATÉ QUANDO?</p> <p>VOCÊ SABIA QUE COLEGAS SUAS, SERES HUMANOS COMO VOCÊ, SÃO POSTAS PARA FORA DE NOSSO MEIO COMO SERES LEPROSOS? VEJA, POR EXEMPLO, O QUE ACONTECEU NA NOITE DO SÁBADO PASSADO, DIA 23 DE JULHO, SÓ PORQUE UMAS MENINAS ESTAVAM VENDENDO SEU BOLETIM O CHANACOMCHANA, NUM CERTO BAR QUE CONHECEMOS, O DONO DO BAR E OS SEGURANÇAS QUERIAM EXPULSÁ-LAS À FORÇA SÓ PORQUE O BOLETIM FALA DAS NOSSAS VIDAS CLARAMENTE, SEM VERGONHA OU MEDO E ATÉ COM MUITO ORGULHO. E É SÓ POR ISSO MESMO, JÁ QUE, NO MESMO DIA, O EXÉRCITO DA SALVAÇÃO ESTAVA VENDENDO SEU JORNAL PARA NOS LIVRAR DO "PECADO" E NINGUÉM O INCOMODOU. NESSA NOITE, QUISERAM EXPULSAR AS COLEGAS, MAS NÓS NÃO DEIXAMOS E ELAS FICARAM, JANTARAM E PAGARAM A CONTA COMO SEMPRE COSTUMAM FAZER, POIS, PRA UNS E OUTROS, EMBORA NÃO PASSEMOS DE CÃES SARNENTOS, NOSSO DINHEIRO NÃO TRANSMITE NOSSA DOENÇA. E ELES</p>	<p>SABEM FAZER BOM USO DELE, NA COMPRA DO CARRO ZERO KW, NO ESTUDO DO FILHO NO EXTERIOR, ETC.</p> <p>QUEREMOS TER OS MESMOS DIREITOS DAS OUTRAS PESSOAS, NÃO SÓ SEUS DEVERES. E PRECISAMOS COMEÇAR A BATALHAR POR ISSO A PARTIR DOS LUGARES QUE FREQUENTAMOS E SUSTENTAMOS, OU NÓS NOS UNIMOS OU CENAS COMO A DO SÁBADO PASSADO CONTINUARÃO A OCORRER E PODERÁ SER COM QUALQUER UMA DE NÓS POR QUALQUER MOTIVO. NOSSAS COLEGAS ESTÃO PROIBIDAS DE ENTRAR NO FERRO'S PORQUE QUEREM VENDER UM BOLETIM QUE TAMBÉM É NOSSO E PORQUE QUEREM CONVERSAR CONOSCO. VAMOS ADMITIR ESSA PROIBIÇÃO?</p> <p>GUARDE E PENSE COM CALMA. EM CASA, REFLITA, FAÇA UMA AUTO-ANÁLISE, SE POSSÍVEL RELEIA ESTE TEXTO COM BASTANTE ATENÇÃO E, SE VOCÊ NÃO SE IMPORTA CONSIGO MESMA, JOGUE FORA E FAÇA DE CONTA QUE NADA LEU. <u>CASO CONTRÁRIO NOS PROCURE NOSSO ENDEREÇO É RUA AURORA, 736, APTO 10, E DEIXE O SEU RECADO. CASO CONTRÁRIO, PROTESTE CONTRA A PROIBIÇÃO DE NOSSA ENTRADA COM O DONO DO BAR E, CASO CONTRÁRIO, NOS APOIE QUANDO FORMOS VENDER O BOLETIM CHANACOMCHANA.</u></p> <p>PARTICIPE NA LUTA CONTRA O PRECONCEITO QUE NOS DISCRIMINA, POIS TODA MANEIRA DE AMOR VALE A PENA.</p>  <p>GRUPO AÇÃO LÉSBICA FEMINISTA CX. POSTAL 62,618, CEP 01000, SP JULHO DE 1983</p> <p>(texto digitalizado do folheto original distribuído no Ferro's Bar- acervo Rede de Informação Um Outro Olhar)</p>
--	---

Fonte: Acervo um Outro Olhar, 2022. Disponível em: <https://www.umoutroolhar.com.br/2022/06/orgulho-lesbico-o-happening-politico-do.html>. Acesso em: 03/03/2024.

O levante contou com a presença de outros grupos homossexuais e feministas, como também de agentes filiados a diversos partidos políticos, contribuindo para a ampliação do debate político em torno das reivindicações da população homossexual, e efetivamente fazendo um marco histórico para essa população. Na narrativa de Vanda Farias a gota d'água que fez o GALF se movimentar para protestar foi quando os donos do bar, segurança e porteiro avançaram de empurrões para agressões às lésbicas que tentavam vender o Chana com Chana.

Belo corpo-a-corpo: dos que tem a força da ordem e da lei contra as que ganharam no dia a dia uma força física e interior para poder viver numa sociedade onde a regra é ser heterossexual. Quem foge desse padrão é pervertida (o), louca (o), imatura (o)

sexualmente e definitivamente não merece compartilhar das benesses desse paraíso terrestre. (ChanacomChana 4, setembro de 1983, p. 1-4).

O resultado da manifestação foi positivo, o dono do bar ao estar encurralado pela imprensa, as militantes do GALF e lésbicas não-militantes teve que declarar perante a imprensa que o grupo poderia vender seu boletim dentro do bar que era sustentado pela maioria lésbica. O caso acabou gerando visibilidade para o grupo ganhando novas integrantes e para seu boletim que passou a ter mais leitoras.

Em tempos de ditadura militar, o bar foi fechado e deixou de ser frequentado pelo público lésbico, acerca disso, destaca-se um depoimento publicado no Chana com Chana na edição de comemoração ao retorno da venda do boletim.

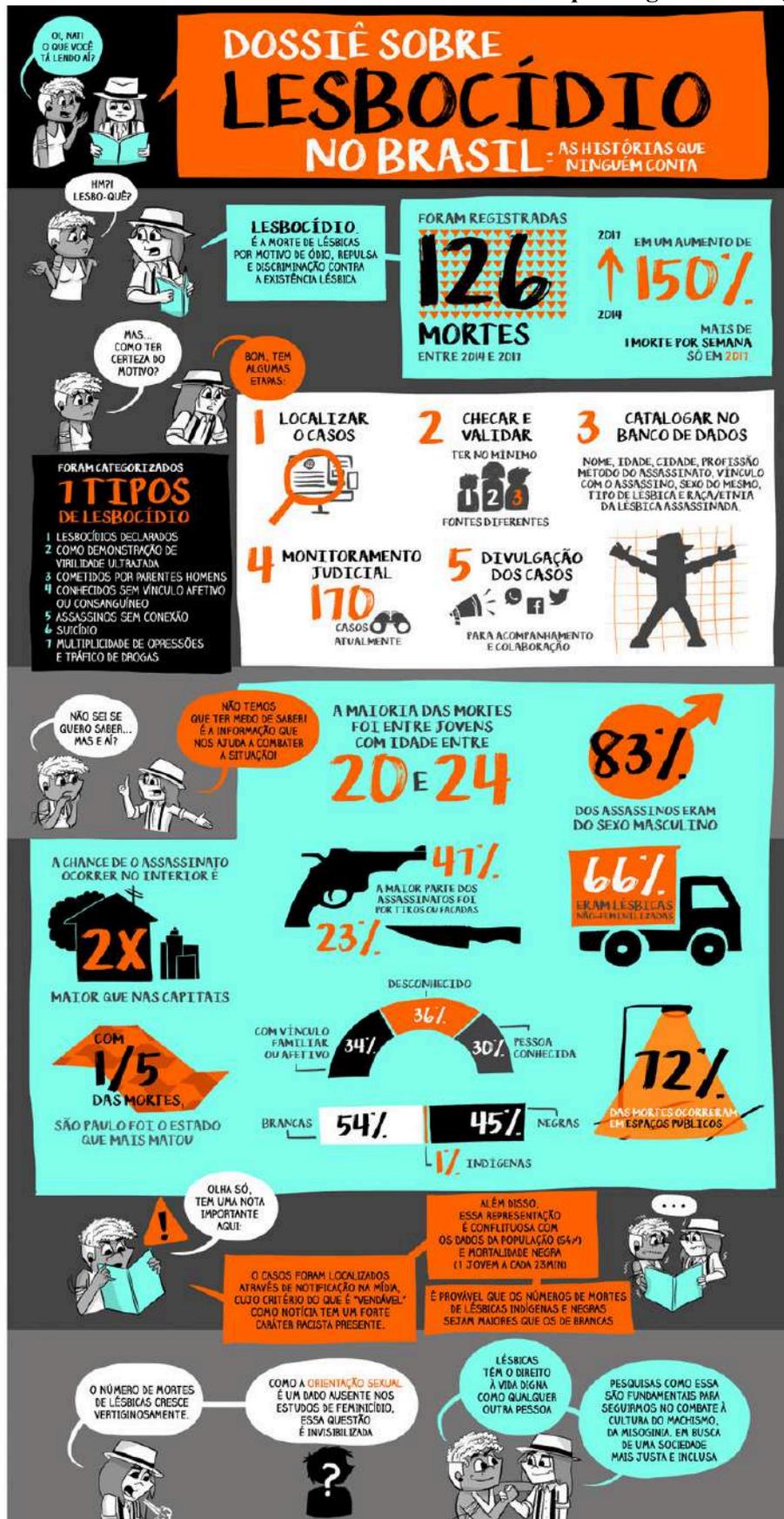
Nessa luta em constante movimento e transformação, as lésbicas têm um papel importante a desempenhar. Desde Safo - poetisa grega que fez alguns dos mais lindos versos de amor pelas mulheres e que, vivendo na ilha de Lesbos deu origem a palavra com qual orgulhosamente nos denominamos - as lésbicas não tiveram voz e foram oprimidas. O resgate dessa história, dos versos perdidos em livros malditos, dos beijos que nunca puderam ser dados à luz do dia, do amor que nunca pode ser declarado à amiga com medo de perdê-la para sempre. Tudo isso e muito mais faz hoje nossa alegria de viver e de lutar. (ChanacomChana 4, setembro de 1983, p. 1-4).

Há também publicações mais recentes como o Dossiê do lesbocídio⁸ (figura 13) que evidencia os números de lesbocídio no Brasil com o intuito de “contribuir com a busca por uma maior atenção dos órgãos públicos diante da situação alarmante de desamparo em que as lésbicas se encontram na sociedade brasileira” (Peres, Soares, Dias, 2018). Construído através do “Grupo de Pesquisa: Lesbocídio as histórias que ninguém conta”, a ideia da pesquisa surgiu a partir da necessidade de tornar o lesbocídio uma questão visível e a ser combatida

por meio das políticas públicas nacionais e internacionais referentes ao direito a uma vida digna, à segurança da população, aos direitos das mulheres, da população LGBT+ e principalmente aquelas referentes à educação e conscientização na luta contra todas as formas de discriminação e discursos que levem aos crimes de ódio. (Peres, Soares, Dias, 2018).

⁸ Disponível em: <<https://napontadalinguahq.tumblr.com>>. Acesso em: 08/03/2024.

Figura 13: Dossiê sobre Lesbocídio no Brasil: A história que ninguém conta (2018).



Fonte: Peres, Soares, Dias, 2018. Disponível em: <https://napontadalinguahq.tumblr.com>. Acesso em: 08/03/2024.

Algumas mudanças como: a garantia do uso do nome social, o reconhecimento de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito federal, a criminalização da discriminação contra pessoas LGBT, e outros avanços importantes demonstram a crescente conscientização da sociedade brasileira. Além de eventos de visibilidade, como a Parada LGBT com um público maior a cada ano, têm desempenhado um papel vital na promoção da diversidade e na luta contra o estigma.

A busca por igualdade continua, e é fundamental que a sociedade e suas instituições colaborem para criar um ambiente diverso e respeitoso para todos, independentemente da orientação sexual e identidade de gênero. O ativismo persistente da comunidade LGBTI+, aliado a esforços educacionais e legislativos, pode pavimentar o caminho para uma sociedade mais justa, equânime e diversa.

Em síntese, as lutas e conquistas da população LGBTI+ no Brasil e, particularmente no movimento lésbico, refletem uma narrativa de superação e resistência. O desafio atual reside na consolidação dos avanços já conquistados e na busca por soluções para os problemas remanescentes, visando uma sociedade que valorize a diversidade.

2.3. Recente abordagem do tema na arquitetura e urbanismo: teóricos do afeto

**“Você não precisa ser lésbica para entender quando eu falo sobre amor
ou sobre dor.
Você só precisa amar, você só precisa doer.
Para entender uma pessoa, basta outra.
Arraste uma cadeira e, se der, me leia.
Estou entre os espaços de uma palavra e outra;
se puder, me olhe.”
(Baeta, 2021, p. 8)**

O conceito de cidade é fundamentalmente concebido como um ambiente de convívio e aproveitamento igualitário para todos sem discriminação de gênero, idade, raça, condições de saúde, renda, nacionalidade, etnia, condição migratória, orientação política, religiosa ou sexual, conforme descrito na Carta Mundial do Direito à Cidade (2009, p. 3). Nela o Direito à Cidade é definido como:

O Direito à Cidade é interdependente a todos os direitos humanos internacionalmente reconhecidos, concebidos integralmente, e inclui, portanto, todos os direitos civis, políticos, econômicos, sociais, culturais e ambientais que já estão regulamentados nos tratados internacionais de direitos humanos. [...] . Inclui também o respeito às minorias e à pluralidade étnica, racial, sexual e cultural, e o respeito aos migrantes. (Carta Mundial do Direito à Cidade, 2009, p.3)

Vale ressaltar também que não somente razões materiais ou geográficas operam no processo de segregação do espaço dito público, mas também as construções culturais e simbólicas operam conjuntamente no processo de segregação dos espaços (Oliveira, 2019, p. 50). Também é necessário saber que “[...] a cidade reflete, amplifica e reproduz uma visão masculina e branca de quem imaginou o poder de determinação sobre como se organizam os espaços urbanos, a sua imagem e semelhança.” (Rolnik, 2023, p. 9). No processo de construção/planejamento das cidades as mulheres foram historicamente excluídas, o que se amplifica ao recortarmos conjuntamente elementos como raça e sexualidade (Sito, Felix, 2021, p. 18). Isto vai de contraponto ao papel que a Arquitetura e o Urbanismo têm na melhoria da condição de vida das pessoas.

Daí se advém um dos principais problemas atuais no campo da Arquitetura e Urbanismo abordado por Josep Maria Montaner e Zaida Muxí no livro “Política e arquitetura: Por um urbanismo do comum e ecofeminista” (2021, p.13): a formação acadêmica enxerga as cidades na perspectiva funcional, da morfologia, da tipologia, da memória e projetos sem levar em consideração as pessoas suas **diversidades**, experiências, conflitos e necessidades.

Além disso, os espaços públicos são repletos de barreiras invisíveis para aqueles que não são afetados porque sua própria vivência não as encontra.

Isso significa que os principais tomadores de decisão das cidades, que na maioria ainda são homens, [brancos, cisheteronormativos] fazem escolhas em relação a todas as coisas, de política econômica urbana ao planejamento de moradias, da localização das escolas aos assentos de ônibus, do policiamento à remoção da neve, sem tomar conhecimento, muito menos se preocupar como essas decisões afetam as mulheres. A cidade foi criada para apoiar e facilitar os **papéis tradicionais do gênero masculino** e estabelecendo as experiências dos homens como "regra", com pouca consideração de como a cidade cria bloqueios para as mulheres e ignora seu contato diário com a vida urbana. (Kern, 2021, p. 19, **grifo nosso**).

Assim, fica nítido que o espaço público é estruturado para apoiar o formato patriarcal, colonial, heterossexual e racial familiar àqueles que ocupam a maioria dos cargos de poder e desenho das cidades: homens, brancos, cisheteronormativos. A manutenção deste modelo de construção das cidades perpetua a manutenção dos papéis de gênero entendidos como “naturais” e “tradicionais”. Para além disso, parte-se da compreensão de que é urgente a superação do sistema capitalista, que sobrepõe o bem privado em detrimento do coletivo.

Precisamos de mudanças efetivas para tornar as cidades mais justas, diversas, acessíveis, seguras e dinâmicas, estas virão a partir da participação ativa de pessoas cujas demandas específicas de orientação sexual e identidade de gênero, entre outros marcadores

sociais, são invisibilizadas no processo de construção das cidades e de seus espaços públicos. Podemos dizer que a partir destas críticas em relação às ações de caráter racional e funcionalista “que a arquitetura (por força dos arquitetos, dos coletivos, dos sujeitos sociais) se abriu para um novo entendimento do modo como agimos na cidade, nos espaços urbanos e quais reflexões podemos tirar disso.” (Pagnan, 2020).

Então, é fundamental entender como são esses mundos às margens que potencializam as vivências coletivas. “Desta forma, parece fazer sentido a análise de que é preciso humanizar o corpo que tensione a própria lógica capitalista que desumaniza sujeitas/os e objetos de pesquisa” (Tavares, Ramos, 2023, p. 27).

Figura 14: Colagem de algumas mulheres referências do trabalho.



Fonte: Produção autoral a partir de buscas no *Google Imagens*, 2024.

Posto isto, é preciso que se construa um referencial teórico (figura 14) não mais masculino, branco e eurocêntrico, mas que busque um saber ancestral pautado nas experiências de sujeitas que vivenciam os problemas das desigualdades sociais, do machismo, do racismo e da **homofobia**. Este referencial também faz-se valer da perspectiva interseccional enquanto ferramenta teórico-metodológica “[...] para pensar a inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cis heteropatriarcado, e as articulações decorrentes daí” (Akotirene, 2018, p. 14).

Essa perspectiva corrobora com a ideia de que, não só o corpo, mas também o gênero e a sexualidade são importantes dispositivos de análise urbana e social, “pois inserem

marcadores de diferenças, ou seja, expõe que esses sujeitos experimentam o espaço de modos diferentes.” (Pagnan, 2020). Além do mais, historicamente o espaço privado foi o único lugar possível para esses corpos se expressarem com liberdade parcial,

[...] pois a casa torna-se acolhedora ao mesmo tempo que serve de prisão, ou seja, tem um caráter duplo. Nesse sentido, para os corpos dissidentes, o simples ato de circular por um espaço público já se torna uma subversão desse espaço, tendo em mente que estes corpos sempre foram negados no espaço público. (Pagnan, 2020).

Nessa perspectiva, pensar no direito à cidade na perspectiva da mulher lésbica é um desafio, não só por esta ser afetada por todos os fatores citados anteriormente mas também, decorrente da recente inclusão do tema na arquitetura e urbanismo e da multiplicidade e complexidade do tema. Quando abordado ainda é ligado ao viés do medo, insegurança e tristeza.

Todos e todas concordamos que o modelo de desenvolvimento urbano adotado no Brasil resultou em cidades com profundas marcas segregadoras, violentas e ambientalmente insustentáveis. Todas essas características impactam de maneira mais determinante a vida das mulheres [e ainda mais das mulheres lésbicas]. (Pinheiro, p. 44, 2017).

Entretanto, observamos que aos poucos este quadro vem mudando no cenário brasileiro, a exemplo do conteúdo da ementa da disciplina “ Atividade Curricular de Extensão 1: Identidade Cultura e Desenvolvimento”, no recente Projeto Pedagógico do Curso de Arquitetura e Urbanismo da FAU-UFAL, implantado em 2019; das investigações de Clevio Rabelo (UFC) e seu grupo de estudos “Arquitetura Bicha”; além do recente lançamento do Dossiê Temático “Territorialidades Dissidentes e(m) Narrativas Urbanas” da Revista Periódicus (2022), organizada por Eduardo Rocha da FAU-UFBA, entre outros trabalhos acadêmicos de graduação e pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo no país.

Vale destacar que foi por meio do desejo e enfrentamento destas/es pesquisadoras/es LGBTI+, em um âmbito acadêmico ainda conservador, que a temática foi sendo abordada, de modo a se sentirem representados no meio que estão inseridos. Aqui destaco os trabalhos a tese de doutorado da Zuleide da Silva: “Sapatão não é bagunça: estudos das organizações lésbicas da Bahia” (2016); e o trabalho da Rebecca Oliveira: “O direito à cidade para o exercício da sexualidade de mulheres lésbicas: uma questão de direitos humanos” (2019); trabalho final de graduação do egresso da graduação da FAU-UFAL Euclides Rocha Neto intitulado: “Itinerários desejantes: cartografando dissidências no Recife-PE” (2022); e a tese

do João Araújo: “Cidade entendida: os espaços de lazer de homo e bissexuais em São Paulo entre 1918 e 1987” (2023).

Há também um preconceito nos espaços acadêmicos, em debater temáticas de inclusão da população LGBTI+ nas cidades. Em decorrência dos fatores citados ao longo deste texto observa-se uma escassez de referenciais teóricos no campo da Arquitetura e Urbanismo que trate destes temas, como colocado por Vange Leonel no livro *grrr: Garotas iradas*: “no que se refere aos homossexuais, é necessário mais empenho das universidades contra uma certa homofobia acadêmica que menospreza e julga “histeria gay” qualquer interesse de pesquisar o homoerotismo” (Leonel, 2001, p.144).

Para além desta homofobia acadêmica, as próprias cidades perdem a oportunidade de serem mais inclusivas quando ignoram “[...] a potência das histórias de vida, da vivência cotidiana e da experiência no território daquelas e daqueles normalmente invisibilizados pelos modelos universais de abordagem” (Tavares, Ramos, p. 36, 2023). Se abordar temáticas de inclusão e diversidade em um Trabalho de Conclusão de Curso já gerou/gera incômodo dentro da porção com maior escolaridade da sociedade, quem dirá implementar estas visões de se pensar a cidade coletivamente em diversos meios. Mas, enquanto lésbica, minhas experiências cotidianas na urbe são indissociáveis da minha identidade de gênero e sexualidade. Pois, preciso moldar meu comportamento, meus trajetos, trejeitos, falas e roupas, para performar um corpo com “alto grau de passabilidade” para a sociedade cisheteronormativa e, dessa maneira, tentar gerar alguma segurança para mim e as pessoas que me rodeiam e partilham de dissidências e enfrentamentos semelhantes.

Em uma conversa há uns dias e escutando o que falam minhas amigas lésbicas, bissexuais ou desfem (não reproduzem o padrão imposto pela feminilidade cisheteronormativa), cheguei a conclusão que, por mais que a violência não seja direta, e muitas vezes é, **agressões sutis** relacionadas ao usufruto do espaço público ou semipúblico **são recorrentes** como olhares hostis, ameaças, assédio moral, invasão de privacidade, impedimento da livre movimentação, e outros vários. Essas **violências que sofremos no dia a dia nos matam pouco a pouco** e parece uma utopia pensar em uma cidade acolhedora às diversidades, mas para pessoas como eu não há outra saída quando se é possível, precisamos lutar, e subverter a academia a favor das confluências sociais (Santos, 2023). Propor modos dissidentes de pensar a cidade de Maceió, tal como pelo viés da lesboafetividade.

Para mudar essa perspectiva é preciso utilizar o afeto enquanto tecnologia de sobrevivência (TEDx Talks, 2022) pois “Ao escolher amar, começamos a nos mover contra a dominação, contra a opressão” (hooks, 2006). Hoje o amor é entendido por uma perspectiva

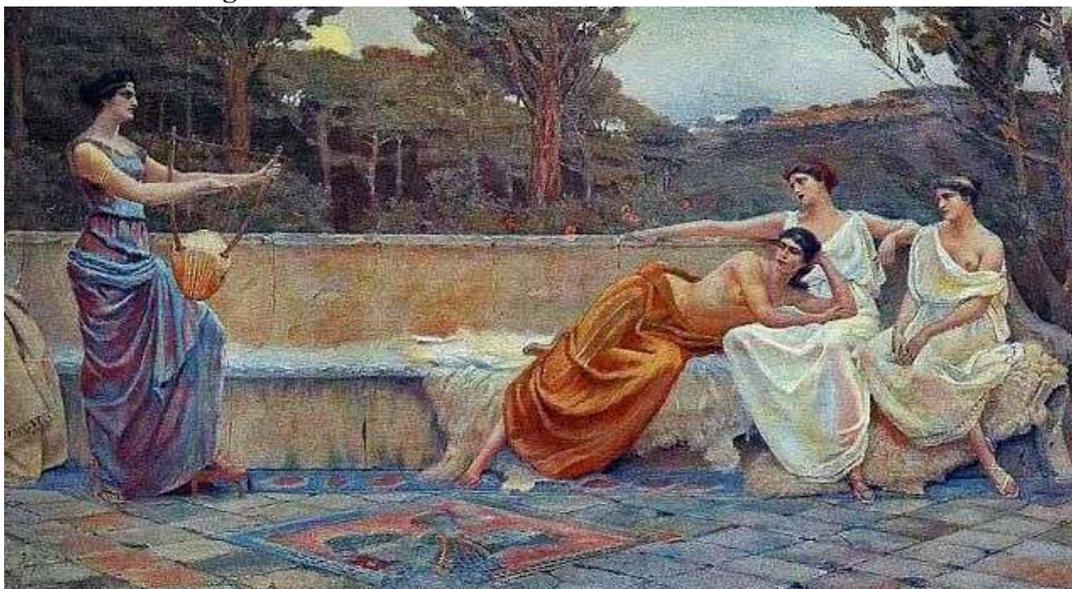
completamente essencialista que o define apenas como sentimento, “além da alta disseminação de discursos ocidentais individualistas que tendem a nos afastar de uma ética e uma política do amor.” (Silva, Nascimento, 2019).

A origem da palavra lésbica vem das narrativas de **afeto** da ilha de Lesbos, no mar Egeu (Grécia), onde viveu, no século VI A.C., uma mulher chamada Safo (figura 15). Safo foi uma poetisa lírica cuja obra de grande valor literário tornou-a uma das figuras mais renomadas e, mesmo adoradas, de sua época.

Como outras mulheres aristocratas da Grécia Oriental, ela não estava presa às tarefas domésticas e podia participar da vida política, ter bens próprios, exercer uma profissão e amar a quem lhe agradasse. Ela organizou uma escola de artes para mulheres em Mytilène, Lesbos, onde ensinava poesia, canto, música e, dizem, o **amor**. Realmente, seus poemas versavam sobre **o amor entre mulheres**, embora até hoje ainda se tente escamotear esse fato. De qualquer maneira, entretanto, a **palavra lesbianismo foi atribuída ao amor entre mulheres** em lembrança ao lugar onde, no século VI antes de Cristo, viveu a grande poetisa dos e reconstituídos não deixaram dúvidas. Todos os poemas líricos encontrados eram endereçados a mulheres. A palavra lésbica só passa a ser utilizada, no vocabulário geral, para designar mulheres que amam mulheres no final do século passado e não com a conotação de poesia e lirismo da obra de Safo. (Chanacomchana, 1986, **grifo nosso**).

Vem, Cipris⁹, a fronte cingida, e nas taças
de ouro voluptuosamente entorna
o claro vinho e a alegria.
(Safo, século VI A.C.)

Figura 15: Poetisa Safo e suas alunas na Ilha de Lesbos.



Fonte: Lana, 2017. Disponível em:

<https://aminoapps.com/c/comunidade-lgbt/page/blog/safo-e-as-lesbicas-da-ilha-de-lesbos/xprP_eGEs2uWp6mM3gRqmebj33qZB6gZv5l>. Acesso em: 08/03/2024.

⁹ Epíteto de Afrodite, assim chamada por ter nascido na costa de Cipro ou Chipre, ilha que lhe era consagrada.

Foi preciso esperar por todo o século XX até a década de sessenta, com o surgimento dos movimentos de libertação das mulheres e das pessoas homossexuais, para que ela fosse retomada com um sentido positivo. Desde então, apoiadas na origem histórica da palavra, **mulheres que amam mulheres em todo o mundo vêm preferindo chamar-se de lésbicas**, investindo nessa designação de conceitos de força, independência, liberdade e beleza. (Chanacomchana, 1986, **grifo nosso**).

Hoje as lésbicas não podem amar livremente como na Ilha de Lesbos pois há pessoas que se beneficiam de políticas de desamor (anti-amor), sobretudo na sociedade contemporânea capitalista, onde a noção de comunidade não existe e a necropolítica impera (Mbembe, 2016 apud Araújo et al, 2020). Assim, com as condições atuais não é possível conciliar “o desejo e necessidade de viver em comunidade com uma política da morte.” (Silva, Nascimento, 2019). Para haver uma transformação nestas condições e tornar a vida imprescritível e central é necessário uma revolução. Uma revolução a partir da prática do amor.

O amor é profundamente político. Nossa revolução mais profunda virá quando entendermos essa verdade. Só o amor pode nos dar força para avançar no meio do desgosto e da miséria. Somente o amor pode nos dar o poder de reconciliar, redimir, o poder de renovar os espíritos cansados e salvar as almas perdidas. **O poder transformador do amor é o fundamento de toda mudança social significativa.** Sem amor nossas vidas são sem significado. O amor é o coração da questão. Quando tudo mais se for, o amor sustenta. (hooks, 2001, p. 16-17, **grifo nosso**)

Atualmente, quando se trata de acesso à direitos e benefícios, a sociedade capitalista tende a invisibilizar corpos que não se enquadram na lógica hegemônica, isto não significa que nós não existamos. “Significa que há um sistema criado e formado para que nossos corpos, para que a nossa presença, seja inviabilizada.” (TEDx Talks, 2022). Bia Ferreira (figura 16) cantora lésbica, sapatona e preta fala em suas músicas sobre como é necessário falarmos para estilhaçar a máscara do silêncio que nos é imposta. Para ela, a partir desse ato é quando é possível que a invisibilidade seja cessada. A artista traz o afeto enquanto tecnologia para se manter viva, pois ela luta pela possibilidade de poder estar viva, mas não só estar viva, de poder amar (TEDx Talks, 2022).

Figura 16: Bia Ferreira.



Fonte: Instagram, 2023. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/C017ArRr6zB/?igsh=dzIxazdlaDZ2ZWMy>>. Acesso em: 02 de março de 2024.

**[...] Escolha pra sua vida, só aquilo que faz bem
Nunca mude sua cabeça por nada nem por ninguém
Porque afinal de contas, ninguém paga suas contas
Nem lhe dar qualquer vintém
Então ame, e que ninguém se meta no meio
O belo definiu o feio pra se beneficiar
Ame e que ninguém se meta no meio
Por que amar não é feio neguinho, o feio é não amar
Levante a bandeira do amor, neguinho oh oh
Levante a bandeira do amor [...]
(Levante a Bandeira - Bia Ferreira, 2019)**

Bia fundou a Igreja Lesbiteriana com o intuito de pautar o afeto enquanto maior tecnologia de sobrevivência e manutenção da vida desses corpos. Então é sobre protagonismo e emancipação de pensamento para pessoas lesbiterianas.” (TEDx Talks, 2022). A partir do acesso à informação podemos nos voltar de maneira crítica à realidade e assim contribuir para a criação de espaços antidiscriminatórios, atentando-se ao cuidado e ao combate de práticas opressoras e violentas, sutis ou não.

É importante ressaltar que esse processo vai de encontro aos interesses das classes dominantes que querem que não haja inserção crítica dos oprimidos para que a realidade permaneça acrítica e, portanto, opressora (Freire, 2013 apud Azevedo, Camargo, Santos, Santos, 2021). Pois,

É com a presença do afeto que se concebe o conhecimento e o pertencimento da pessoa em seu espaço social, visto que desde os primeiros processos de socialização haverá a moldagem de sua percepção de si, tanto de forma individual como enquanto parte de um sistema, sendo o bom desenvolvimento intelectual e a tomada de responsabilidades que se distancie de alienações consequências da aquisição de saberes de maneira engajada. (Azevedo, Camargo, Santos, Santos, 2021)

Figura 17: Tirinha “Quando nós nos vimos pela 1ª vez, ouvi o som de violinos” na edição Lésbicas e sexualidade do Boletim Chanacomchana.



Fonte: CHANACOMCHANA, 1984. Disponível em: <https://cisges.files.wordpress.com/2018/09/chana-com-chana.pdf> . Acesso em: 03/03/2024.

Então, o afeto seria uma prática libertadora, anti-opressões, anti-autoritarismo e revolucionária (figura 17). Esta é uma provocação para pensar formas dissidentes de conceber a cidade, de que o afeto se dá pela presença do cuidado, respeito mútuo, empatia, comprometimento, responsabilidade e confiança nas construções das relações e espaços coletivos. Em espaços compostos por ~~minorias sociais~~ o afeto também é ferramenta para sensibilização a discriminações e violências e, conseqüentemente, o comprometimento ao enfrentamento a essas, sendo um fator de resistência e combate às opressões no meio social (Azevedo, Camargo, Santos, Santos, 2021).

A história da comunidade LGBTI+ no Brasil é marcada por violência e luta, mas “Não adianta você só bater, só apanhar e não ter um afago. O amor é o que mantém a gente vivo, disposto, no gás para continuar lutando.” (Ferreira, 2019). Esse afeto não se limita ao sexual, mas é sobre construir redes de afeto que possibilitem a sobrevivência e a sanidade, para que as pessoas se mantenham bem e possam construir essa revolução. “Uma mulher bem-amada, bem-resolvida é uma mulher forte. A gente entende que o amor é o que te mantém firme, é o que te faz se sentir poderosa, o que faz com que você sinta vontade e ânimo para construir essa revolução.” (Ferreira, 2019)

Amar é um ato revolucionário. Amar pessoas LGBTI+, pretas, indígenas é revolucionário. Amar neste país onde as pessoas pregam o ódio, preconceito, homofobia, genocídio, glorificam armas, queimam livros é um ato político revolucionário necessário.

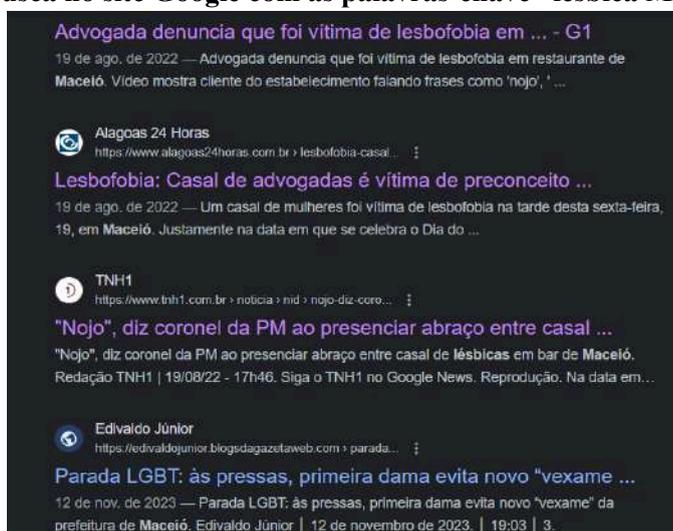
2.4. A disputa pelo direito à cidade em Maceió: estatísticas e ações **contrahegemônicas**

Maria Sapatão estava com o pressentimento de que algo ruim ia acontecer. Vinha à sua cabeça a imagem de alguém a atirando ao chão, pressionando seu rosto contra o cimentado. Via sua própria expressão aterrorizada e sentia o cano da arma na têmpora. Mas esquecia dessa história com um dar de ombros: era inconcebível. Só não conseguia impedir a lembrança de uma amiga dizendo que o preconceito das pessoas dependia da atitude dela: os outros torceriam o nariz para o fato de ela ser sapata dependendo do modo como ela mesma agisse. [...]
(El-Jaick, 2008, p.29)

Mesquita e Oliveira (2018) apontam que a sociedade maceioense é permeada por preconceitos velados onde: ao mesmo tempo em que se ouve falar de notícias sobre homossexuais transgêneros e travestis agredidos e/ou assassinados, mulheres em situação de violência doméstica e/ou sexual e situações envolvendo a morte de jovens negros, ainda se afirma que não há preconceito, discriminação sexual e de gênero, tampouco racismo no país. Esse discurso se perpetua também na violência sendo vivenciada de várias formas, escancaradas ou veladas.

Ao pesquisar pelas palavras-chave “lésbica Maceió notícias” (figura 18) vemos uma série de reportagens sobre lesbofobia que ocorreram na capital. Estas trazem relatos de uma parcela muito reduzida por conta da subnotificação desses casos, a escassez de dados provenientes dos órgãos de segurança pública da cidade demonstram, como citado anteriormente, que na hora de “dar nome aos bois”, fazendo jus ao coronelismo, diversos casos que se enquadram como homofobia, lesbofobia e transfobia são tidos como importunação ou nem são registrados.

Figura 18: Busca no site Google com as palavras-chave “lésbica Maceió notícia”.

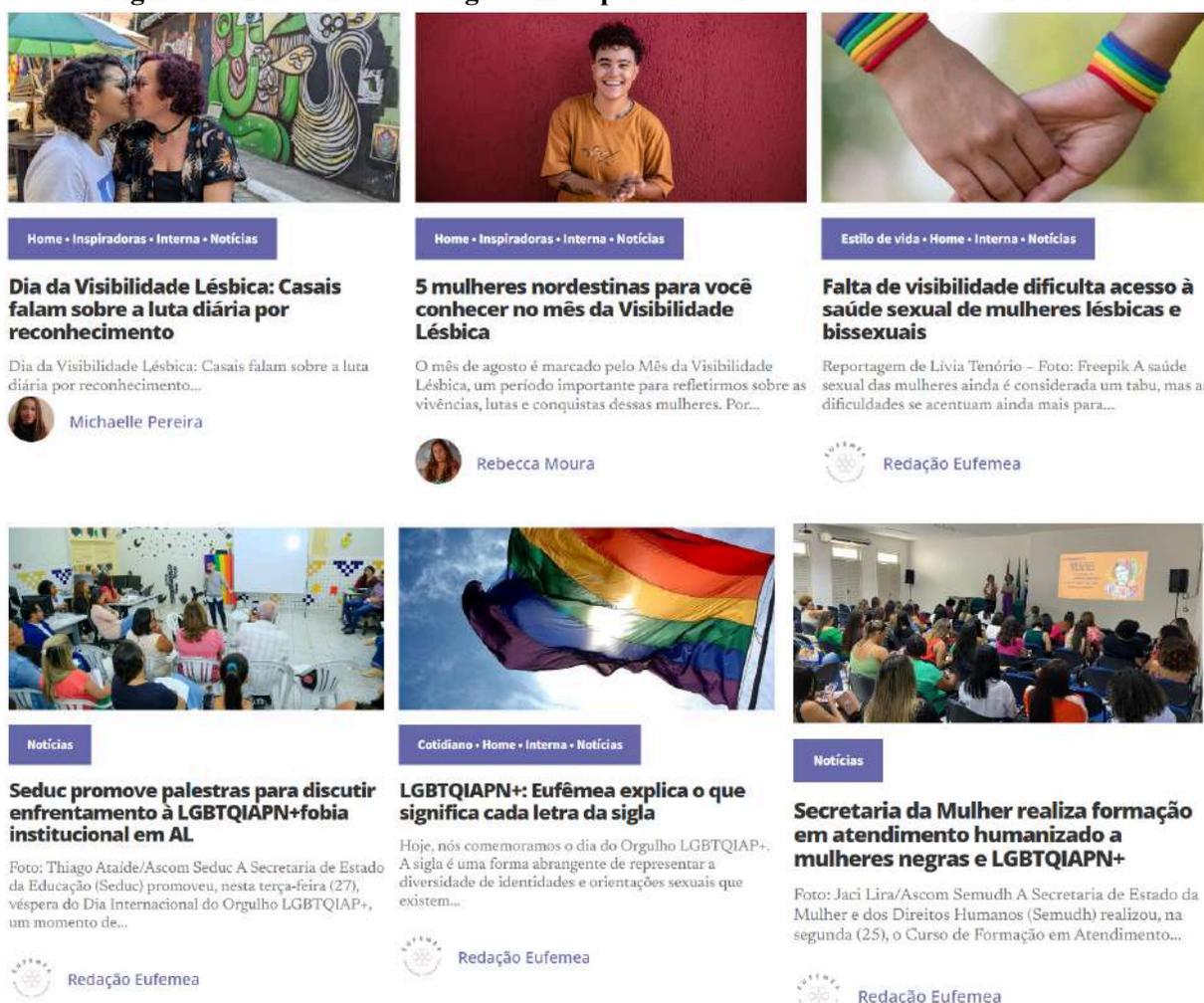


Fonte: Google, 2024.

Um exemplo destes casos de violência velada é o que ocorreu no dia de comemoração ao “Orgulho Lésbico” em 2022, no bairro de Cruz das Almas, na ocasião um casal lésbico foi assediado por comentários homofóbicos de um coronel da reserva da Polícia Militar de Alagoas (PM-AL). O qual dizia "nojo" do casal e as constrangeu porque as duas trocaram um abraço (TNH1, 2022).

O único jornal que além das matérias de violência e denúncia também apresentou matérias de cunho positivo (figura 19), como no dia visibilidade lésbica, foi o Portal Eufemia. Vale ressaltar que a plataforma é o 1º Portal Feminino de Alagoas e que todas as integrantes são mulheres trazendo as pautas que não são visadas na grande mídia.

Figura 19: Busca no site Google com as palavras-chave “lésbica Maceió notícia”.



Fonte: Eufemia Plataforma informativa. Disponível em: <<https://www.eufemea.com/?s=lesbica>>. Acesso em: 20/08/2024.

Essa violência se perpetua também na gestão pública da cidade, a exemplo do que é retratado na reportagem: Prefeitura de Maceió “inaugura” o “Natal de Quase Todos” e exclui população LGBTQIA+ do jornal “É assim” (Sampaio, 2023). A reportagem trata da Parada Gay do dia 26/11/2023 que foi planejada para ocorrer na orla marítima porém sofreu alteração de trajeto devido a intervenções da prefeitura na esfera jurídica onde o Grupo Gay de Alagoas (GGAL) e a Prefeitura divergiam sobre o ponto de partida do evento. Os trios elétricos acabaram sendo deslocados para a Praia de Sete Coqueiros seguindo até o Jaraguá. A decisão da Prefeitura foi então cancelar a programação natalina e apagar todas as luzes (figura 20), a ação afetou ainda mais o evento tendo em vista que a previsão de início da parada era às 14h porém as atividades só se iniciaram às 18h finalizando com o show no estacionamento do Jaraguá (Sampaio, 2023).

Figura 20: Parada LGBTQIA+ na orla de Maceió com luzes de natal apagadas, 26/11/2023.



Fonte: Jornal É assim, 2023.

A reportagem afirma ainda que o caso foi resultado de uma disputa política:

Uma espécie de represália desproporcional à ação do Governo do Estado, que, semanas atrás, tentou impedir a construção da árvore de Natal da Prefeitura – feita, inicialmente, sem autorização e em área de responsabilidade do Governo do Estado. (Sampaio, 2023)

E é a população mais vulnerável que não tem nenhuma representatividade direta nas esferas de poder estaduais e municipais que acaba sendo afetada e tendo sua plena ocupação do espaço negada.

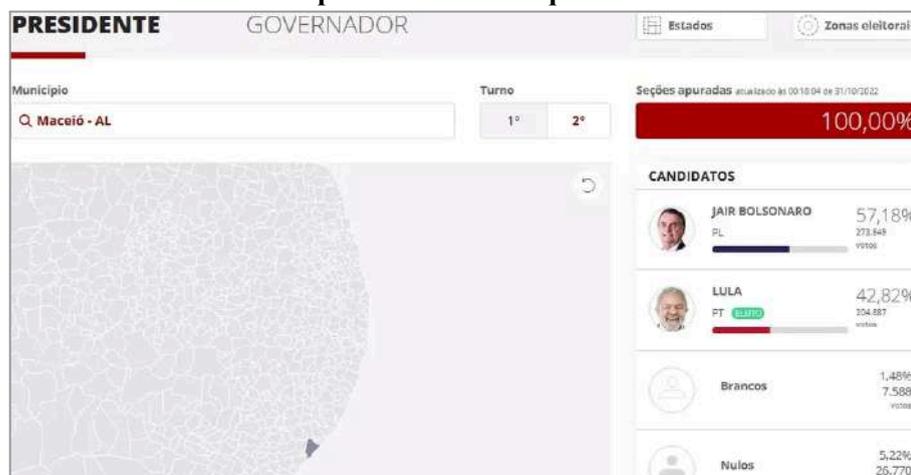
A pouca manifestação de pautas LGBTQIA+ em espaços de poder da cidade vem da Vereadora de Maceió Teca Nelma do Partido dos Trabalhadores (PT) conhecida por apoiar

causas de ~~minorias sociais~~, apesar de não representá-las. Em seu *Twitter* (atualmente X) se pronunciou publicamente: “É vergonhoso a manobra jurídica realizada pela prefeitura de Maceió para criminalizar o movimento e impedir que a 21ª parada do orgulho LGBTQIA+ de Maceió acontecesse.” (Nelma, 2023).

Outra figura política que se manifestou foi o Deputado Ronaldo Medeiros, também do PT, que contou em sua rede social, que o presidente do GGAL, Nildo Correia, havia sido detido pela Guarda Municipal, na manhã da Parada do Orgulho, momentos antes dela começar. Mesmo com a programação feita pelo GGAL há meses para ocorrer na orla da Ponta Verde, o prefeito João Henrique Caldas (JHC) procurou diversos caminhos para tentar impedir. Conta ainda que “A homofobia de JHC, segundo próprio argumento da Prefeitura de Maceió na judicialização do caso, é o calor. Isso mesmo, calor. O pior, um juiz acatou esse argumento exdrúxulo e concedeu liminar em favor do prefeito.” (Medeiros, 2023). O deputado encerra seu pronunciamento ressaltando a postura antidemocrática e homofóbica de JHC e afirmando que nossa sociedade só será verdadeiramente justa e igualitária quando esses acontecimentos não estiverem mais entre nós (Medeiros, 2023).

Vale lembrar que Maceió é a única capital nordestina onde em todos os turnos das eleições para presidência do candidato conservador, hoje inelegível, Jair Bolsonaro (representante do Partido Liberal) superou sua maior oposição o atual Presidente Luiz Inácio Lula da Silva (representando o Partido do Trabalhador). Posto isto, é preciso que se utilize um outro referencial teórico (figura 21) não mais masculino, branco e eurocêntrico, mas um que busque um saber ancestral e feminista pautado nas experiências das sujeitas que vivenciam os problemas das desigualdades sociais, do machismo, racismo e **homofobia**.

Figura 21: Maceió é a única capital do Nordeste que deu mais votos a Jair Bolsonaro.



Fonte: Reportagem G1 AL, 2022. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/al/alagoas/eleicoes/2022/noticia/2022/10/31/maceio-e-a-unica-capital-do-nordeste-em-que-bolsonaro-teve-maioria-dos-votos-no-2o-turno.ghtml>>. Acesso em: 03/03/2024.

Um dado quantitativo que explicita a falta de representatividade citada anteriormente é o levantamento de candidaturas LGBTI+ e aliadas realizado pela Aliança Nacional LGBTI+ acerca das eleições de 2022. Ele aponta que das 213 candidaturas que aderiram ao termo de compromisso apenas 3 foram de Alagoas e 1 em Maceió (Aliança Nacional LGBTI, 2022). Vale ressaltar que a única candidatura de Maceió foi a Deputada Estadual Teca Nelma citada anteriormente e que a mesma se enquadra como aliada pois se propõe a lutar pelos direitos da causa, mas não faz parte da comunidade (é uma mulher branca cisheterossexual).

Mesmo aquelas/es que ocupam ou já ocuparam cargos de poder político em Maceió são alvo de hostilidade como o ataque a Mara Ribeiro companheira da ex-prefeita de Maceió Kátia Born. Kátia já havia feito um boletim de ocorrência contra André Miranda por comentários homofóbicos dirigidos a ela e sua parceira. Mesmo após o boletim as provocações não cessaram e na manhã do dia 1º de fevereiro de 2024 Mara teve seu carro alvejado e André foi preso em flagrante (Redação Jornal Extra, 2024).

Infelizmente são histórias de violência que se repetem por toda a cidade, porém, a própria comunidade vem lutando para suprir as demandas básicas que o poder público não alcança. Como é o caso do Centro de Acolhimento Ezequias Rocha Rego (CAERR)¹⁰ (figura 22) inaugurado em 2021, a primeira Casa de Acolhimento de Alagoas para pessoas LGBTI+. O local presta serviços como: assistência social, serviços médicos, cursos, aulas de línguas, reforço escolar, cursos preparatórios para concursos, orientação jurídica, assistência psicológica e outros serviços.

Figura 22: Página do CAERR na rede social Instagram.



Fonte: @caerr_alagoas, 2024. Disponível em:

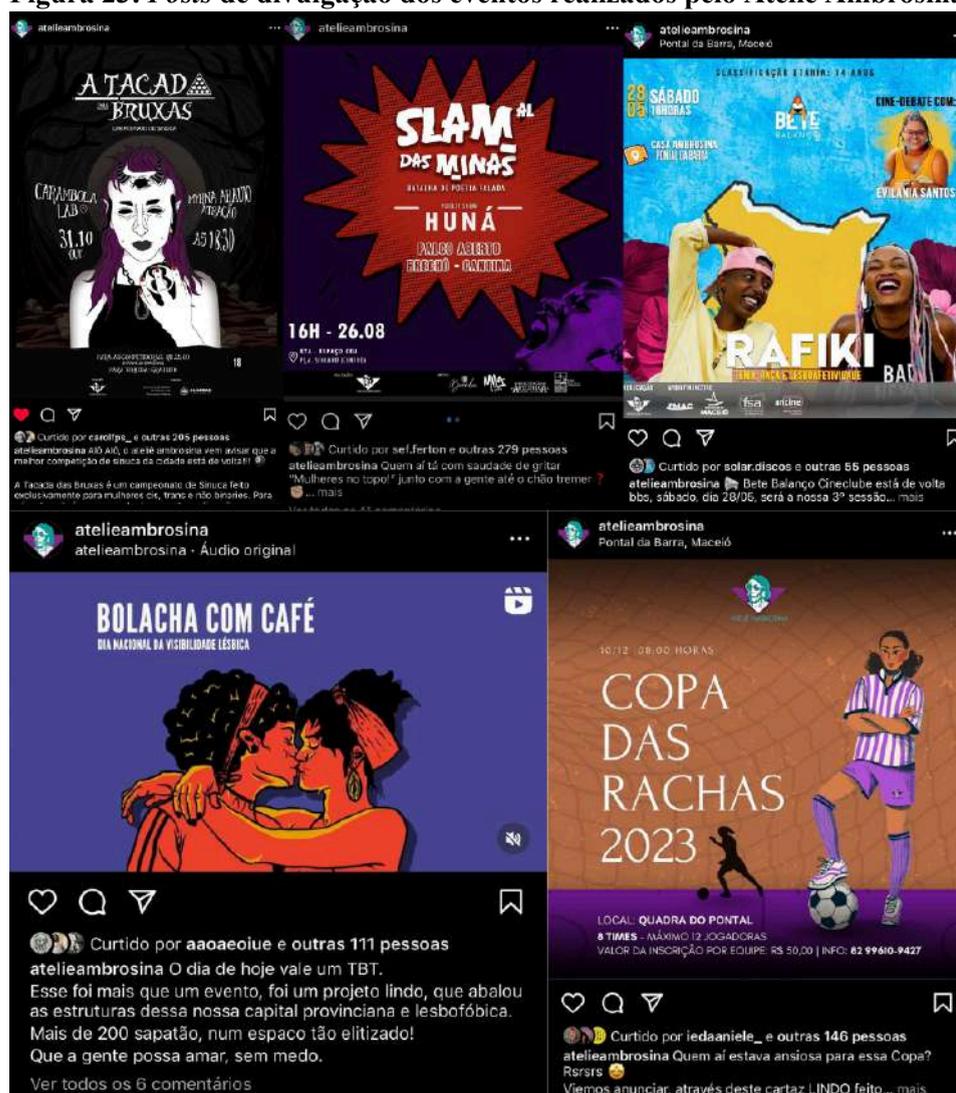
<https://www.instagram.com/caerr_alagoas?igsh=MWcydmxvNGhuMzhmZQ>. Acesso em: 11/03/2024.

¹⁰ Vale ressaltar que a autora atuou como voluntária no centro durante o período de 2021 a julho de 2023.

A representatividade *queer* (a letra Q do movimento) em Maceió concentra-se em sua maioria voltada para o campo da arte visual por meio de coletivos como o UMBRAL ou solo como Lírio Negro que também é Coordenador Titular da Área Não-Binária da Aliança Nacional LGBTQI+ e junto com Raí Lima e Leticia Ravache pela ação do coletivo Pró LGBTQI+ o “Quê do Movimento – Visibilidade TQIAPNB+ junto à Secretaria da Mulher e dos Direitos Humanos – Semudh, promoveram o 1º Encontro e Celebração do Orgulho Genderqueer e Não-Binário de Alagoas. Ocorrido no dia 14 de julho, em consonância com o Dia do Orgulho Não-Binário (Borges, Araújo, 2022).

Há também a ONG Ateliê Ambrosina que promove diversas atividades focada em mulheres adolescentes e jovens, que moram no bairro do Pontal da Barra, mas abertas a toda a comunidade (figura 23).

Figura 23: Posts de divulgação dos eventos realizados pelo Ateliê Ambrosina.



Fonte: @ateliambrosina, 2024.

Entre suas oficinas oferece aulas de: futebol, fotografia, teatro, dança, cine-debate, computação, o Slam das Minas e campeonatos voltados para a população lésbica como a Copa das Racha, Bolacha com Café e a Tacada das Bruxas.

Recentemente surgiu também a @festadassaficas, uma página no instagram criada por três sáficas que promoveram a primeira festa sáfica do estado (figura 24). Realizada no dia 28 de junho de 2024 no Rex Jazz Bar, a Festa das Sáficas contou com um *line up* totalmente feminino, decoração a caráter e grande adesão do público sáfico como os registros publicados pelas idealizadoras na redes social *instagram* e em uma pasta pelo *google drive* demonstram, alguns exemplos podem ser vistos na colagem abaixo (figuras 25 e 26).

Figura 24: Post de divulgação da Festa das Sáficas.



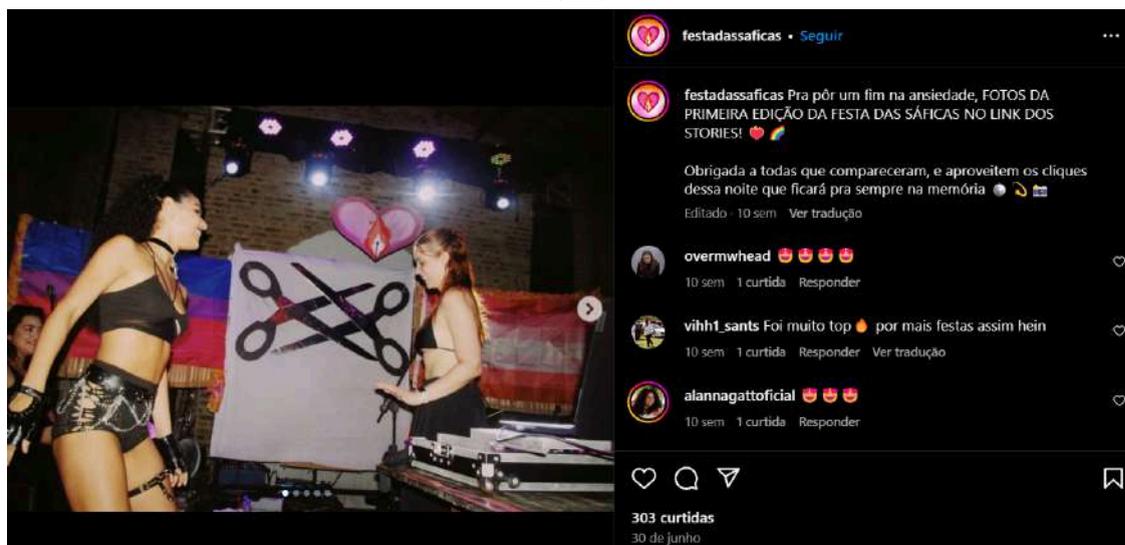
Fonte: @festadassaficas, 2024.

Figura 25: Colagem imagens da 1ª Festa das Sáficas no dia 28 de junho de 2024.



Fonte: @festadassaficas, 2024.

Figura 26: Post da @festadassaficas com imagens do evento realizado no dia 28 de junho de 2024.



Fonte: @festadassaficas, 2024.

Após o sucesso da festa, as criadoras decidiram criar também o Vôlei das Sáficas. Divulgado inicialmente pelos *stories* do *instagram* e *posts* no X (antigo *twitter*) houve a divulgação de um grupo na rede social *Whatsapp*, aberto a todas as sáficas, elas marcaram o dia 19 de agosto, dia da visibilidade lésbica, para ocupar uma das quadras de vôlei que fica à beira da praia no bairro da Pajuçara. A 1ª edição do Vôlei das Sáficas (figura 27) também contou com arrecadação de doações destinadas ao CAERR e a próxima edição já foi marcada para o dia 22 de setembro.

Figura 27: Post da @festadassaficas com imagens da 1ª edição do Vôlei das Sáficas.



Fonte: @festadassaficas, 2024.

É importante também citar o A Festival (figura 28), um festival multiartístico independente e LGBTQIAPN+ realizados no espaço público da Praça Dois Leões no bairro do Jaraguá, produzido pela arquiteta e urbanista Carla Mendes. O evento ocorreu em 10 de setembro de 2022, e contou com mais de 15 horas de ações culturais, educativas e de saúde (figura 29). Entre as oficinas, destaco alguns títulos: “Corpos que importam: as dissidências de gênero e sexualidade e a fluidez da sigla LGBTQIAPN+”, “Política Nacional de Saúde Integral da População LGBTQIA+: onde estamos e onde queremos chegar?”, “Saúde mental da população LGBTQIA+: por que tem a ver com todos nós?”.

Figura 28: Posts com imagens do A Festival, apresentação das Tamboricas.



Fonte: @afestival.mcz, 2024.

Figura 29: Sequência de posts de divulgação do A Festival.



Fonte: @afestival.mcz, 2024.

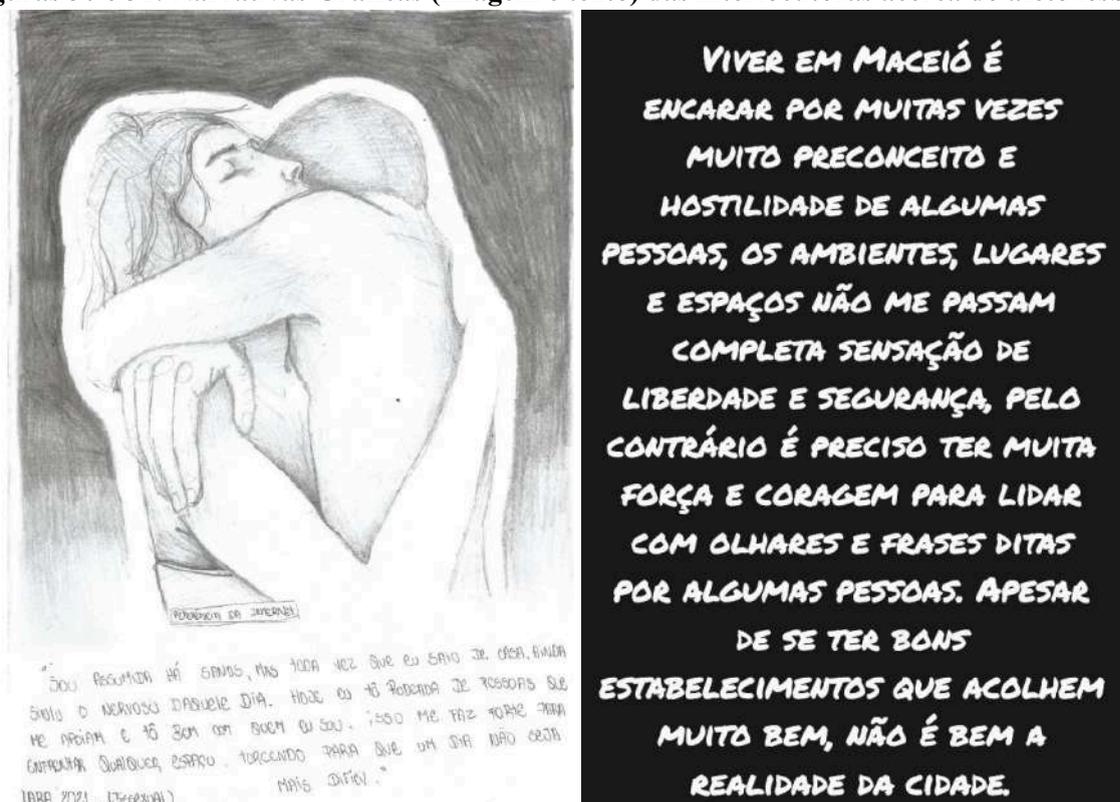
A Festival recebeu apoio da Fundação Municipal de Ação Cultural (Fmac) e Secretaria de Estado da Cultura (Secult) por meio do edital de credenciamento de artistas e outras parcerias privadas. Aberto a toda a população para participar das oficinas, foi

necessário realizar uma inscrição gratuita com emissão de certificado de participação. Durante a noite a programação musical contou com onze apresentações e intervenções multi artísticas nos intervalos, todos os artistas eram alagoanos e majoritariamente LGBTQIAPN+.

“O evento é a primeira criação do coletivo Oitxo e surge como uma celebração da resistência e resistência dos corpos múltiplos, gêneros fluidos e pessoas diversas. A Festival é o lugar de todas as cores e bandeiras.” (Mendonça, 2024)

No campo acadêmico, dentro da pesquisa “Maceió Pelas Minorias: Representatividades não-hegemônicas na esfera pública do século XXI”, o plano de trabalho de pesquisa de iniciação científica intitulado “Meu corpo te enlouqueceu? Problema, problema seu: Modos de construir e ocupar a cidade a partir da perspectiva não-binária” que realizei junto à minha orientadora Flavia de Sousa Araújo (PIBIC 2020-2021), foi feita a coleta de relatos pessoais de pessoas voluntárias não-binárias e cisgêneras homossexuais. Dentre estes relatos buscou-se compreender como é vivenciar a cidade de Maceió a partir de uma perspectiva ~~não-cis-heteronormativa~~, destaco aqui as narrativas de afetos lésbicos que tem a vivência urbana perpassada por hostilidade (figuras 30 e 31).

Figuras 30 e 31: Narrativas Gráficas (imagem e texto) das interlocutoras acerca do afeto lésbico.



Fonte: Pesquisa de campo, 2021

Destaca-se também a produção da artista visual Bruca Teixeira, coordenadora da ONG Ateliê Ambrosina, publicada no Fanzine Mcz Delas, uma publicação independente, resultante do projeto de pesquisa de iniciação científica intitulado “Maceió pelas Mulheres: representatividades femininas na produção e ocupação dos espaços públicos da capital alagoana no século XXI”, orientado também pela professora Flavia de Sousa Araújo e desenvolvido em conjunto com Liris Sousa Rocha e Amanda Borges Castelo Branco de Magalhães (Araújo, Rocha, Magalhães, 2023). Bruca, por meio da sua arte (figura 32), faz um manifesto pelo livre trânsito e plena ocupação dos nossos corpos femininos em Maceió.

Figura 32: Arte de Bruca Teixeira para a fanzine Mcz Delas.



Fonte: Fanzine Mcz Delas, 2021.

Assim, abordar ~~dissidência~~ em Maceió é tratar sobre violência, tendo em vista que a essa população é negada a plena ocupação da cidade, pois se trata de uma capital que “remete a um tipo de sociedade marcada fortemente pelo modelo patriarcal que invisibiliza e oprime as experiências das mulheres, em especial das mulheres lésbicas” (Oliveira; Mesquita, 2018). Mas é acima de tudo tratar de amor e afeto que são as razões para que se continue a resistência.

Ao longo deste capítulo, foram abordadas uma série de questões cruciais que afetam a população LGBTI+, com foco na problemática da negação do direito à cidade, suas lutas e

conquistas no contexto brasileiro, bem como a recente inclusão e abordagem do tema na arquitetura e urbanismo, fundamentada em teóricos que discutem afeto e amor como elementos centrais para a construção de espaços inclusivos. Em particular, o contexto de Maceió, apresentado também a partir de dados estatísticos que ilustram a disputa pelo direito à cidade. E destacando ações contra-hegemônicas ou gérmenes lesboafetivos que têm sido empreendidos para enfrentar o preconceito e a exclusão. Revelando, por fim, a complexidade das questões enfrentadas pela comunidade LGBTI+ e ressaltando a importância de abordagens multidisciplinares e inclusivas para promover uma cidade verdadeiramente acolhedora e igualitária para todos os seus habitantes.

**COMO CARTOGRAFAR O LESBOAFETO NA
CIDADE:
CONSTRUINDO REPERTÓRIO**

**“Mas a dimensão da sexualidade só é sentida por quem não consegue respirar tranquilamente entre as suas nesse espaço urbano.”
(Nascimento, 2020)**

Este capítulo faz um apanhado de referências de cartografia descrevendo os casos com imagens e explicando a intenção e o processo de construção de cada uma. A cartografia foi escolhida enquanto método que possibilitasse a representação política dos corpos lésbicos tendo em vista que o espaço onde nossos corpos circulam não é um marco neutro como argumenta Henri Lefebvre em *A produção do espaço*:

Quantos mapas, no sentido descritivo (geográfico) serão necessários para absorver (esgotar um espaço social, para codificar e decodificar todos os seus sentidos e conteúdos? Não é certo que se possa enumerá-los. Ao contrário: o não-enumerável se introduz aqui, uma espécie de infinito atual como num quadro de Mondrian. Não são somente os códigos (legendas, convenções de escrita e de leitura) que mudam, mas os objetos e objetivos, as escalas. A ideia de um pequeno número de mapas ou de um mapa exclusivo e privilegiado, só pode vir de uma especialidade que se afirma isolando-se. (Lefebvre, 2006)

A cartografia é aqui compreendida, portanto, como uma maneira de ressignificar os modos de perceber o território urbano rompendo com o padrão hegemônico. Além disto, durante as buscas para compor este repertório percebe-se uma escassez de cartografias focadas na temática lésbica. Assim, de início, para compor um maior referencial o recorte escolhido para análise foram cartografias *queer*. Entendendo que a palavra “*queer*”, derivada do inglês, primeiro possuía sentido de insulto e servia para nomear aquilo fora da normalidade.

Trata-se dos e das incontáveis, dos e das descartáveis, dos zeros econômicos, do subalterno, do imigrante, da louca, do louco, do mojado, da chicana, do refugiado, do ladrão, do bêbado, do indigente, do pedinte, do enfermo, do homossexual, da bicha, **da lésbica, da sapatona**, da travesti, da transexual, do homem afeminado, da vida nua, do pobre, do estigmatizado, da ‘ralé’ e dos ‘batalhadores’ (para pensarmos nos escritos de Jessé Souza e sua obra *A ralé brasileira*), do ‘refúgio humano’ (para pensarmos nos termos do sociólogo Zygmunt Bauman em sua obra *Vidas desperdiçadas*), dos de existência ‘precária’ (para pensarmos em Judith Butler, e sua obra *Vidas Precárias*), mas, também, de nenhum deles, pois, como coloca Paul Beatriz Preciado, essa palavra aparece como uma falha na representação linguística: nem isso, nem aquilo, mas ‘*queer*’. (Leopoldo, 2020, p. 25, **grifo nosso**).

Apesar de não ser um termo que abarque apenas as lésbicas, elas ainda assim encontram-se contidas, sendo uma alternativa para abarcar maiores referenciais. Essa primeira definição da palavra a entende como uma falha representacional, um abjeto. “Esse sujeito abjeto também é rechaçado, principalmente, do espaço social e do espaço público”(Leopoldo, 2020, p. 26) tendo seu direito à cidade negado.

Assim, busquei identificar e analisar diversas cartografias com a temática *queer* que foram apresentadas no produto entregue à banca intermediária deste TCC. Porém, ao levar em

consideração que o método cartográfico era o que eu estava buscando e não necessariamente o conteúdo, tive que reestruturar esta etapa buscando métodos cartográficos que me fornecessem uma base metodológica para realizar minha cartografia.

Deste modo, mantive as cartografias que me seriam úteis e busquei a partir das sugestões da banca e da minha orientadora outros métodos cartográficos sendo estes desencaixes da cartografia tradicional “para universos existenciais e afetivos, abrindo espaço para a exploração de territórios outros, inclusive virtuais e sensoriais [...]” (Silva, Valladão, 2019). **Pois intenta-se cartografar espaços que não se limitam a materialidade como afetos, costumes, roupas, gestos, subjetividades que potencializam uma percepção flexível.**

Ao final do estudo de repertório, é apresentada uma tabela de avaliação com minhas análises sobre os prós e contras de cada cartografia analisada, tendo como mote a construção de uma cartografia atual do lesboafeto em Maceió. Após este balanço de prós e contra dos referenciais com o tema da cartografia, foi elencado o que pode ser considerado relevante para o trabalho de campo e por fim, apresentamos os procedimentos metodológicos utilizados para construir/criar a Cartografia Lesboafetiva.

3.1. Repertório para criação da Cartografia

“O território é o espaço socialmente construído” (Santos, 1985).

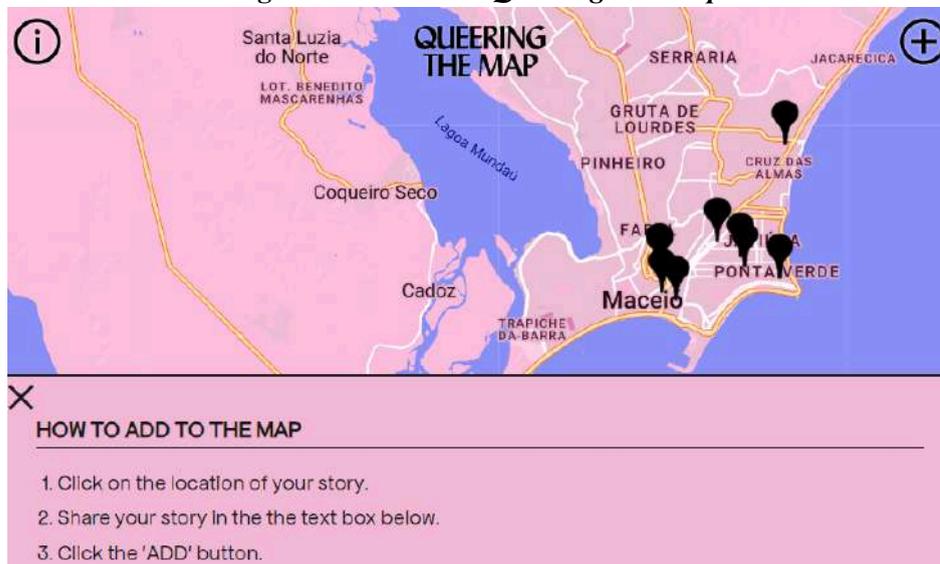
A primeira cartografia analisada foi o “*Queering the map*¹¹” (figura 33) onde anonimamente e de maneira colaborativa, são feitas declarações *queer* marcadas no mapa por todo o mundo. A plataforma se identifica enquanto contra-mapeamento gerada pela comunidade para arquivar digitalmente a experiência LGBTQ2IA+ em relação ao espaço físico utilizando a base cartográfica e digital do *Google Maps*. A partir de uma interface própria pode-se registrar colaborativamente a cartografia da vida queer

[...] de bancos do parque até o meio do oceano - em ordem para preservar nossas histórias e realidades que se desenrolam, que continuam sendo invalidadas, contestadas e apagadas. Da ação coletiva a histórias de lançamento, encontros com violência a momentos de amor arrebatador, o mapa funciona como um arquivo vivo da vida queer. Se conta para você, então conta para o *Queering the Map*. Através do mapeamento da experiência LGBTQ2ia+ em suas permutações interseccionais, o

¹¹ Disponível em: <<https://www.queeringthemap.com>>

projeto trabalha para gerar afinidades na diferença e além das fronteiras - revelando as maneiras pelas quais estamos intimamente conectados.” (*Queering the Map*, 2024, tradução nossa).

Figura 33: Interface *Queering The Map*.



Fonte: Queering the Map, 2024. Disponível em: <<https://www.queeringthemap.com>>. Acesso em: 03/03/2024.

A partir das ‘declarações *queer*’ de sujeitos anônimos, o mapa vai sendo construído de maneira colaborativa e marcado por inúmeras lembranças, amargas ou doces, como essas apresentadas na figura 34 que se localizam em Maceió. A plataforma já está difundida em outros países, mas no Brasil há regiões com nenhum ou 1 marcador como Tocantins, Roraima, Piauí e Maranhão, enquanto metrópoles como São Paulo e Rio de Janeiro apresentam tantos que se tornam manchas escuras.

Figura 34: Declarações *queer* na plataforma *Queering The Map*.



Fonte: Adaptado de Queering the Map, 2024. Disponível em: <<https://www.queeringthemap.com>>. Acesso em: 03/03/2024.

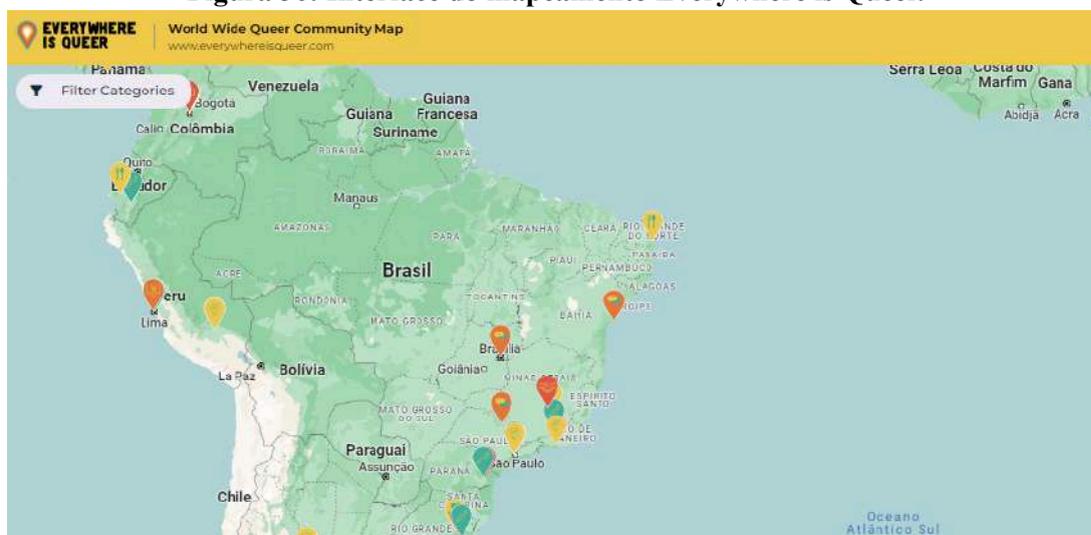
O EveryWhere is Queer¹² é um projeto (figura 35) que tem como um dos produtos um mapa (figura 36) que pode ser baixado pelo celular. O intuito é apresentar empresas pertencentes a pessoas queer, para participar do mapeamento basta se inscrever no site que também apresenta uma plataforma de empregos e uma loja online, onde é possível fazer doações para o projeto. Novamente utilizando a base do *Google Maps* o mapa apresenta mais de 9100 empresas apesar de no Brasil apresentar pouca participação e nenhuma em Alagoas.

Figura 35: Interface site do projeto EveryWhere is Queer.



Fonte: Everywhere is Queer, 2023. Disponível em: <<https://www.everywhereisqueer.com>>. Acesso em: 10/03/2024.

Figura 36: Interface do mapeamento Everywhere is Queer.

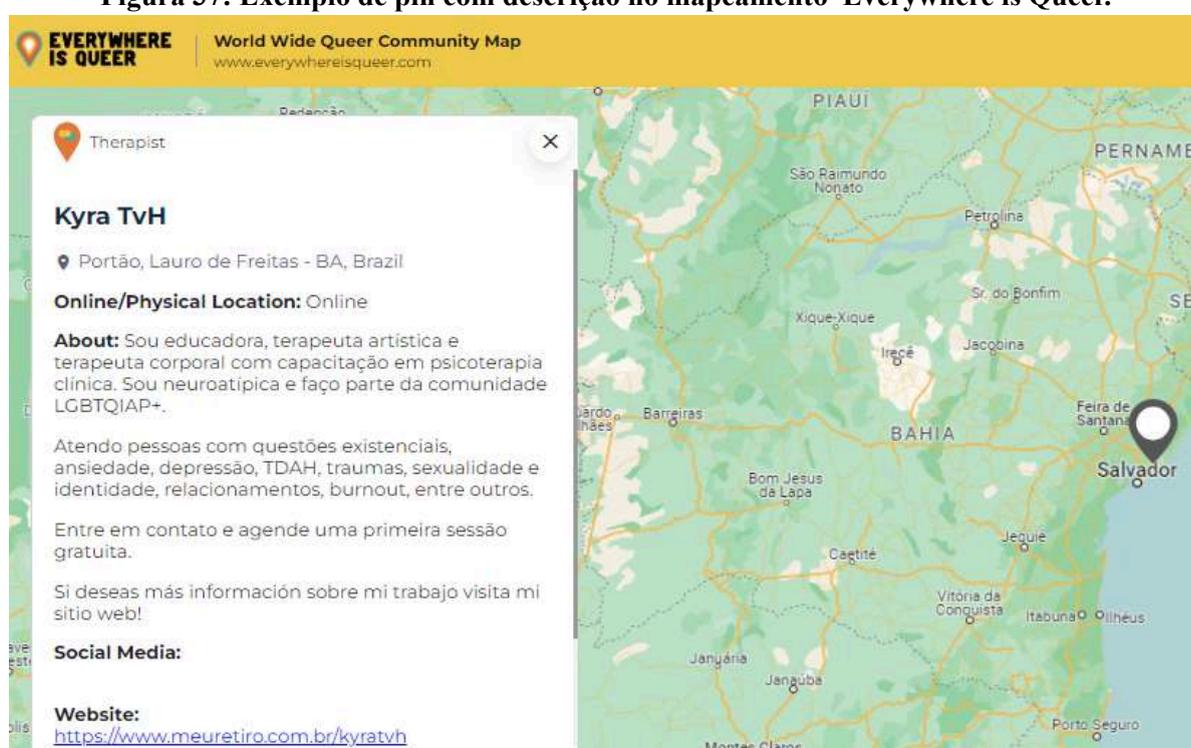


¹² Disponível em: <<https://www.everywhereisqueer.com>>. Acesso em: 10/03/2024.

Fonte: Everywhere is Queer, 2023. Disponível em: <<https://www.everywhereisqueer.com>>. Acesso em: 10/03/2024.

Os locais estão divididos em diversas categorias, como: criativos (artistas e estúdios de tatuagem), restaurantes, comércios, lojas online, bares, fazendas e cuidado com animais, terapeutas (figura 37), academias, acampamentos de verão ou recreação ao ar livre, cabeleireiros e barbeiros, bem-estar, imobiliária, suporte legal e financeiro, entre outros. O mapa é **atualizado constantemente para encontrar empresas de propriedade queer** em qualquer lugar do mundo, o site simples de ser utilizado contando com uma interface atrativa.

Figura 37: Exemplo de pin com descrição no mapeamento Everywhere is Queer.



Fonte: Everywhere is Queer, 2023. Disponível em: <<https://www.everywhereisqueer.com>>. Acesso em: 10/03/2024.

A Cartografia Queer: retratos de violência em São Paulo¹³ surgiu da análise feita na região central de São Paulo acerca da seguinte contradição :

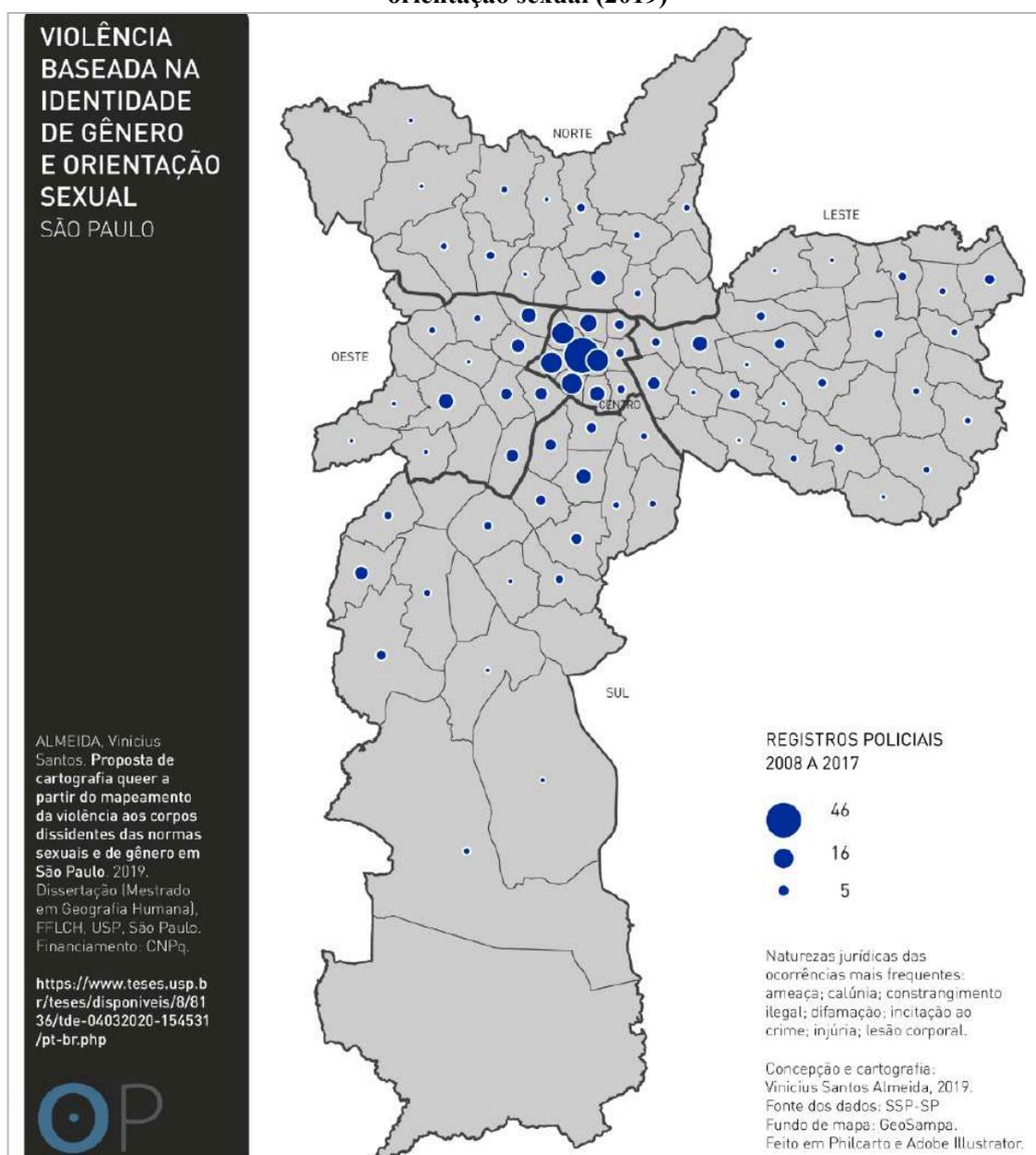
Porque a região central da cidade apresenta a maior parte das denúncias, mas é percebida como espaço “mais seguro” por LGBTIs? Como a violência policial influi na subnotificação na periferia? Trans recém-eleitxs poderão mudar esse mapa? (Almeida, 2019)

¹³ Disponível em:

<<https://outraspalavras.net/desigualdades-mundo/cartografia-queer-retratos-da-violencia-em-sao-paulo/>>.

Primeiramente o autor, Vinicius Almeida (2019), espacializou os dados oficiais encontrados acerca da violência baseada na identidade de gênero e orientação sexual (figura 38). Em seguida, a fim de comparar com dados qualitativos acerca da vivência cotidiana da população, realizou as mesmas duas perguntas para pessoas de diferentes orientações sexuais, etnias e renda. As perguntas em: O que é cidade para você? e O que é cidade em relação a sua sexualidade?. Assim, é possível comparar qualitativamente as diferentes formas de experienciar a cidade.

Figura 38: Mapa de dados quantitativos acerca da violência baseada na identidade de gênero e orientação sexual (2019)



Fonte: Almeida, 2019. Disponível em:

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-04032020-154531/publico/2019_ViniciusSantosAlmeida_VCorr.pdf>. Acesso em: 08/03/2024.

Um dos participantes da pesquisa foi Julio de 27 anos que é negro, gay e homem cisgênero. Ele respondeu as perguntas de forma textual e em seguida fez um mapa mental (figura 39) representando sua fala. É possível perceber a percepção da existência de locais inseguros na cidade, essa análise não acontece nos mapas de homens cisgênero, heterossexuais e brancos.

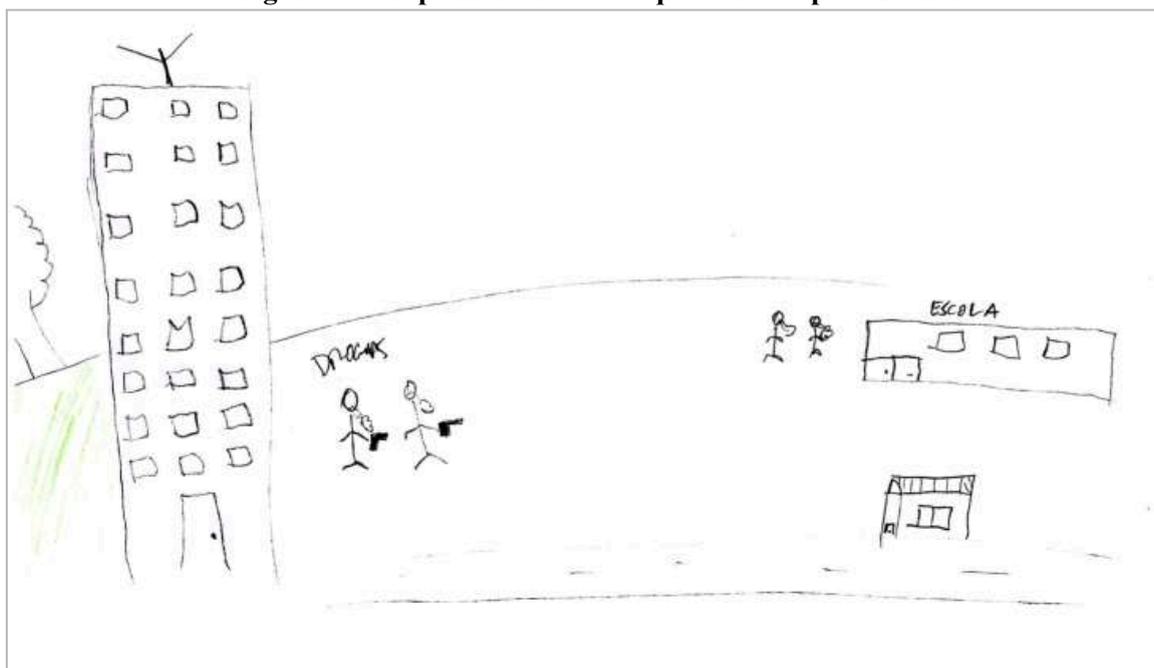
Figura 39: Mapa mental sobre o que é cidade para Júlio em relação à sua sexualidade.



Fonte: Almeida, 2019. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-04032020-154531/publico/2019_ViniciusSantosAlmeida_VCorr.pdf. Acesso em: 08/03/2024.

Outra narrativa imagética marcante foi a de Daniela, 23 anos, negra, lésbica e mulher cisgênero. Em seu mapa mental sobre o que é cidade (figura 40) ela demonstra a violência policial e a presença de traficantes nas escolas. No mapa mental sobre o que é cidade em relação a sua sexualidade (figura 41) ela desenha sua casa pois é o único lugar que sente segurança e todos os outros locais externos ao privado onde não se sente segura.

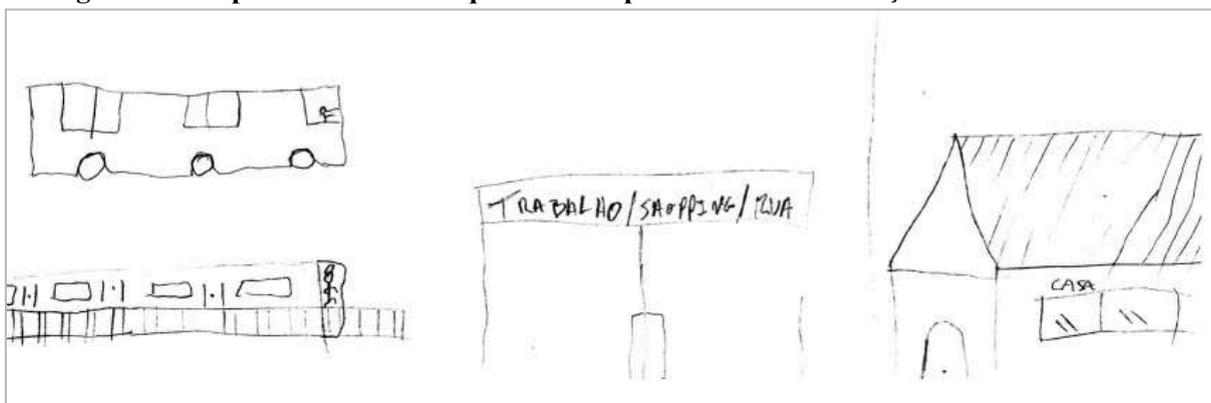
Figura 40: Mapa mental sobre o que é cidade para Daniela.



Fonte: Almeida, 2019. Disponível em:

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-04032020-154531/publico/2019_ViniciusSantosAlmeida_VCorr.pdf>. Acesso em: 08/03/2024.

Figura 41: Mapa mental sobre o que é cidade para Daniela em relação à sua sexualidade.

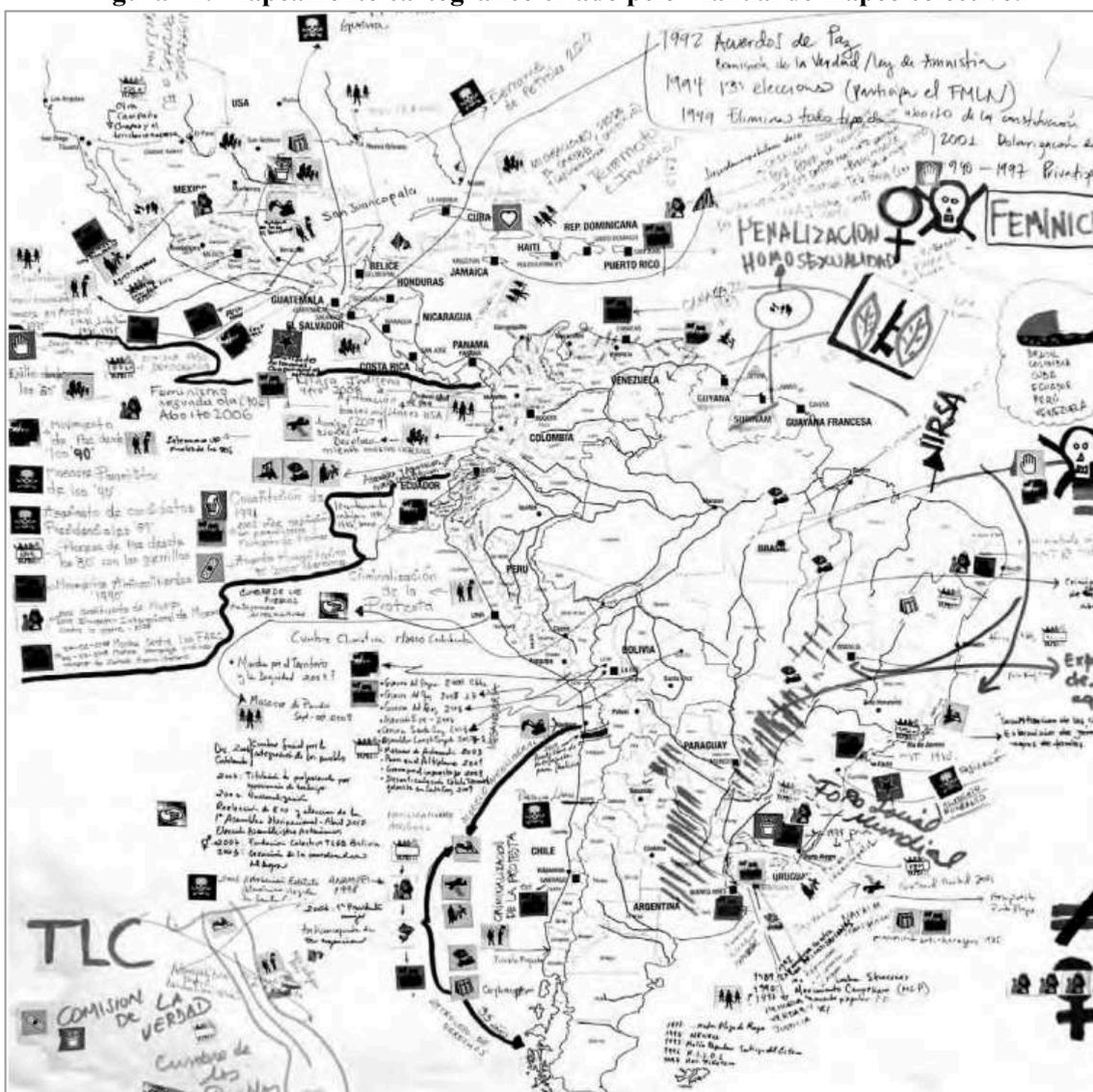


Fonte: Almeida, 2019. Disponível em:

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-04032020-154531/publico/2019_ViniciusSantosAlmeida_VCorr.pdf>. Acesso em: 08/03/2024.

Após a leitura do trabalho cartográfico realizado por Vinicius Almeida (2019) percebi a potência da narrativa para além do verbal. Por isso decidi estudar metodologias de cartografias que buscam captar a experiência na cidade para além da fala. O primeiro estudado foi a produção do grupo de artistas argentinos Iconoclassistas, “Manual de mapeamento coletivo: recursos cartográficos críticos para processos territoriais de **criação colaborativa**”¹⁴ (tradução nossa) (figura 42). A proposta do Manual é incentivar a experimentar os espaços com base nos recursos disponíveis e deixar-se levar pelas eventualidades, acomodar a prática para potencializar momentos de cooperação social e subjetiva que ativem, por sua vez, processos de gestão coletiva do comum.

Figura 42: Mapeamento cartográfico criado pelo Manual de mapeo colectivo.

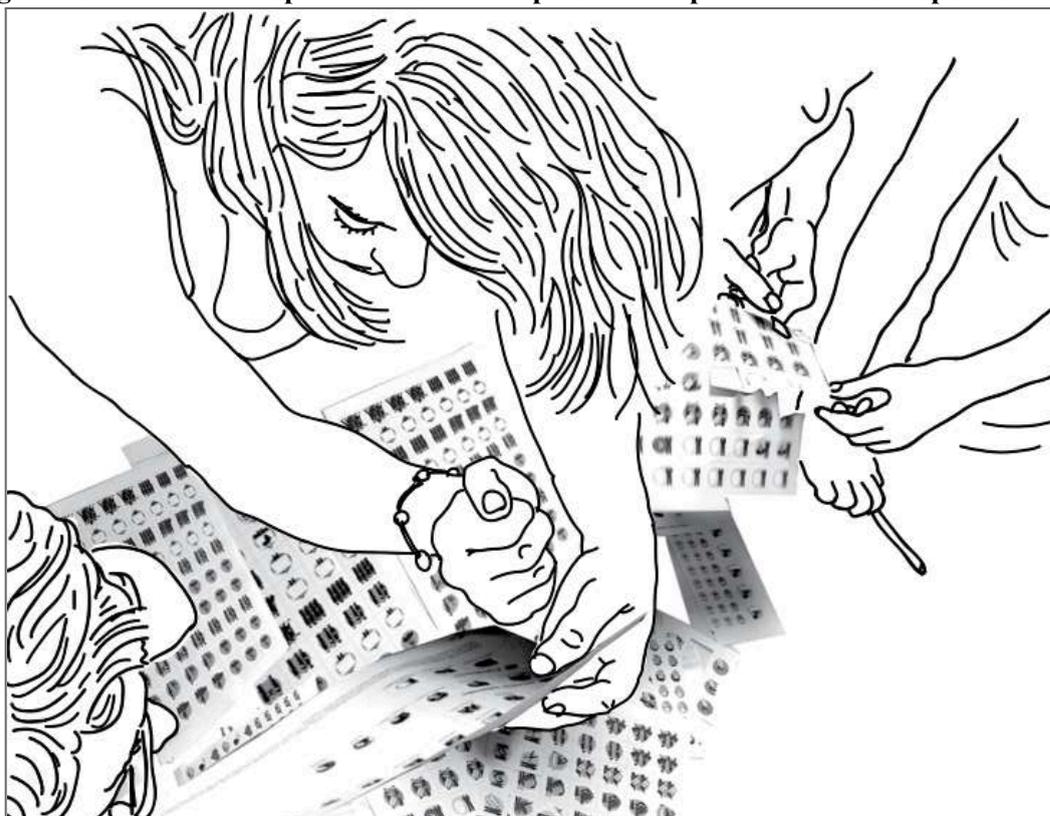


Fonte: Risler, Ares, 2013. Disponível em: <<https://iconoclasistas.net/4322-2/>>. Acesso em: 09/03/2024.

¹⁴ Disponível em: <<https://iconoclasistas.net/4322-2/>>. Acesso em: 09/03/2024.

O Manual apresenta algumas ferramentas para a construção de novas histórias e narrativas territoriais, estas promovem a participação e estimulam a reflexão baseada em perspectivas dialógicas. Nesse sentido, é apresentado como imprescindível a concepção e a ativação de um arsenal de recursos visuais (ícones, pictogramas, dispositivos gráficos e cartográficos) (figura 43) pois, estabelecem uma plataforma de trabalho que estimula a **lembrança**, a **troca** e a sinalização dos temas.

Figura 43: Táticas de mapeamento coletivo apresentadas pelo Manual de mapeo colectivo.



Fonte: Risler, Ares, 2013. Disponível em: <<https://iconoclasistas.net/4322-2/>>. Acesso em: 09/03/2024.

Esta disponibilização de recursos no início do mapeamento, age como alavanca para potencializar a construção colaborativa e dinamiza o processo, incorporando uma dimensão estética e simbólica ao trabalho. A aplicação desses recursos expande as metodologias de pesquisa participativa ao incorporar elementos criativos e visuais, surgem novas formas de compreender, refletir e explorar diversos aspectos da realidade cotidiana, histórica, subjetiva e coletiva.

Os participantes utilizam e modificam ferramentas visuais e mapas, mas também são incentivados a criar suas próprias formas de representação, seja por meio de imagens, ícones, desenhos, textos, vinhetas e qualquer outro recurso que permita a comunicação e disseminação de significados e sentidos. Aqui o mapeamento é visto como uma ação de

reflexão em que o mapa é apenas uma das ferramentas que facilita a abordagem e a problematização dos territórios sociais, **subjetivos**, geográficos (figura 44). A isto é somado uma série de recursos que o manual denomina de dispositivos múltiplos, são eles criações, suportes gráficos e visuais que, misturados a dinâmicas lúdicas, promovem espaços de socialização e debate.

Figura 44: Diagrama- O trabalho nas oficinas (Manual de mapeo colectivo).¹⁵



Fonte: Risler, Ares, 2013. Disponível em: <<https://iconoclasistas.net/4322-2/>>. Acesso em: 09/03/2024.

O método cartográfico da Caosgrafia também se mostrou como um potente instrumento de apreensão e experiência da cidade, como demonstrado no artigo Caosgrafia cidade* (Araujo, 2016), onde destaca-se a possibilidade de transformar o método cartográfico em um jogo.

¹⁵ Em tradução nossa da esquerda para a direita, de cima para baixo: estimula a participação para uma solução coletiva e comunitária; permite uma rápida visualização dos problemas; potencializa a identificação de redes afins para fortalecer práticas libertadoras; colabora na construção de um diagnóstico territorial; desnatura a linguagem dos meios de comunicação em massa; sistematiza recursos e meios mostrando quais obstáculos e limitações estão no caminho; possibilita a conexão entre fatos de significativa importância; favorece a reflexão sobre os mecanismos de disciplina, mandato e controle; colabora com a troca de informações e experiências cotidianas; documenta e organiza conversas em encontros, reuniões e eventos.

O que denominamos caosgrafias resulta da posição ético-estética por navegar no limiar entre ciência, arte e filosofia, articulando teorias e práticas com a experiência estética envolvida nos atos de dizer (e criar) cidade através de **múltiplas linguagens** em meio a atividades que proferem temas e problemas da cidade contemporânea. Associamos essa prática à noção de caos, acionado não como sinônimo de desordem, mas como o **meio de todas as possibilidades do devir**, habitado por fluxos de intensidades e afectos. Concebemos, assim, “caosgrafias cidade” como modo “caótico” de constituição de grafias como **potência máxima às possibilidades de criação de narrativas cidade**. (Araujo, 2016, pg. 900 e 901, grifo nosso)

A caosgrafia é um modo de cartografar algo que temos experimentado, de modo coletivo, é trazer afirmações de múltiplos dizeres. Este método não é uma busca por uma conclusão ou verdade absoluta mas sim uma forma de romper com linearidades e hierarquias já que o processo de feitura é realizado por pessoas que não precisam e/ou não desejam concordar ou chegar a uma síntese totalizadora, ou conclusão, ou verdade mas sim se institui enquanto forma de provocar e fazer pensar a cidade (Araujo, 2016).

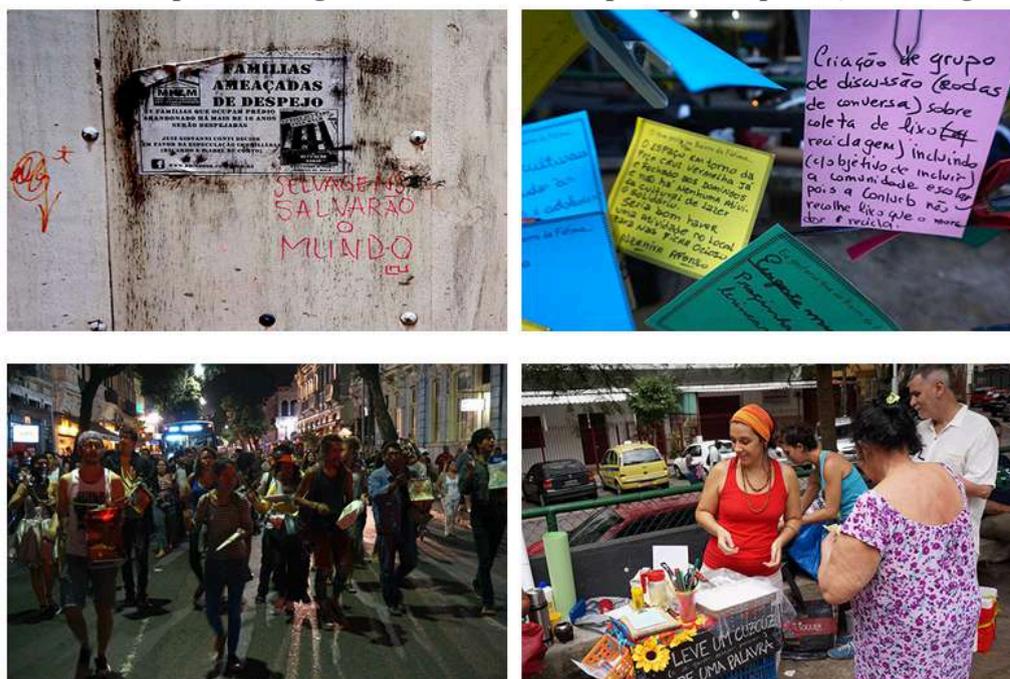
O jogo apresenta diversos conceitos como o Enrosco (figura 45), Deriva/ produção de fragmentos (figura 46), Tabuleiro (figura 47) e Despacho (figura 48). Cada um com sua função para construção da caosgrafia como base no dizer-cidade, que seria a trama no campo político das disputas discursivas acerca do que “é” cidade em um determinado momento para um determinado grupo de pessoas.

Figura 45: Momento Enrosco em oficina com estudantes de arquitetura na UFF.



Fonte: Araujo, 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/2236-9996.2016-3714>>. Acesso em: 20/08/2024.

Figura 46: Exemplos de Fragmentos e Derivas e dispositivos de produção de fragmentos.



Fonte: Araujo, 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/2236-9996.2016-3714>>. Acesso em: 20/08/2024.

Figura 47: Momento Tabuleiro em oficina com participantes do XIX Congresso Iberoamericano de Geografia, Universidade do Minho, Portugal.



Fonte: Araujo, 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/2236-9996.2016-3714>>. Acesso em: 20/08/2024.

Figura 48: Despacho executado em intervenção em uma praça pública de Porto Alegre



Fonte: Araujo, 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/2236-9996.2016-3714>>. Acesso em: 20/08/2024.

Outro referencial teórico visitado nesta etapa foi o artigo acadêmico intitulado “A Cartografia que virou Turbante: relações entre tecnologia, corpo e território”, de autoria das pesquisadoras Diana Helene, Bruna M. Vasconcellos, Eva R. Miranda, Kaya Lazarini, Amanda Azevedo; que relatam uma cartografia de saberes e tecnologias ancestrais e femininas, realizada em um quilombo, no Maranhão, construindo uma cozinha comunitária; um grupo de mulheres da periferia do Rio de Janeiro, trabalhando com redes comunitárias de apoio aos locais de produção coletiva, para enfrentar a pandemia; e um grupo de pescadoras, no litoral de Alagoas.

Figura 49: Territórios/ Campos de atuação e articuladores territoriais (líderes das comunidades estudadas) da pesquisa: Gedilza Mendonça (Porto de Pedras - AL); Josiclea (Zica) Silva (Quilombo Santa Rosa dos Pretos - MA); e Sandra da Silva (Serra da Misericórdia - RJ).



Fonte: Helene et al, 2022. Disponível em: <<https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaimpeto/issue/view/682>>. Acesso em: 20/08/2024.

A motivação da pesquisa é “repensar o design a partir de uma perspectiva feminista por meio do resgate de técnicas ancestrais” (Helene et al, 2022) e como resultado da cartografia realizaram um produto, denominado PANA, que “ao mesmo tempo é objeto e conteúdo, tecido de amarrar e manual, é um reflexo da influência das relações e práticas potencialmente transformadoras das mulheres engajadas no processo de investigação: uma relação corporalmente imbricada aos territórios que habitam.” (Helene et al, 2022).

Adentrando no processo utilizado para cartografia, o Projeto sofreu alterações em decorrência da pandemia, tendo suas reuniões realizadas de forma online e encontros estratégicos presenciais, utilizando metodologias de formato híbrido. Porém como necessitava de um produto final, foi necessário desenvolver um formato de workshop que garantisse a contribuição de todas juntas mesmo à distância. O primeiro objetivo foi construir uma relação de proximidade com as mulheres e definir o cronograma de pesquisa, as autoras ressaltam a importância do uso de dinâmicas corporais para trabalhar a subjetividade e rodadas de fala entre as participantes para valorizar a troca de experiências.

Na segunda fase

[...] o objetivo consistia em elaborar um diagnóstico coletivo, focado em gênero e tecnologia, com os três diferentes territórios. A atenção se volta a pensar as condições econômicas e tecnológicas que compõem o cenário comunitário e o lugar onde se insere a organização coletiva das mulheres. (Helene et al, 2022)

A partir das experiências prévias das pesquisadoras aliado com as trocas realizadas ao longo das duas fases, o grupo desenvolveu o que chamou de “Oficina de Cartografia Coletiva”, assim são descritas as etapas que precedem o diagnóstico dos territórios, onde também utilizam a tática do Manual de Mapeo Colectivo, adotando pictogramas e outras ferramentas comuns para combinar o diagnóstico de diferentes territórios. Além deste diagnóstico, a cartografia foi estruturada em duas etapas, primeiro as mulheres deveriam desenhar individualmente um mapa afetivo-mental com seu percurso diário que respondesse a perguntas disparadoras apresentadas pelo grupo: como é sua rotina na cidade?. Após o compartilhamento dos resultados desta atividade, a segunda etapa tinha o objetivo “[...] de conjugar/confrontar a representação de cada uma acerca do mesmo espaço e proporcionar a reflexão sobre as visões territoriais individuais e coletivas.” (Helene et al, 2022). Os resultados desses encontros e mapas mentais podem ser vistos na figura 50.

Figura 50: Processo de confecção dos Mapa mentais realizados na Oficina de Cartografia Coletiva apresentadas no artigo “A Cartografia que virou Turbante: relações entre tecnologia, corpo e território”.



Fonte: Helene et al, 2022. Disponível em: <<https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaimpeto/issue/view/682>>. Acesso em: 20/08/2024.

Após os encontros presenciais nos três territórios, o que foi coletado e discutido, foi analisado individual e conjuntamente entre as pesquisadoras, a fim de gerar o produto, nomeado PANA (figura 51). Como aqui estou realizando um apanhado apenas da etapa cartográfica, encerrarei a análise deste trabalho aqui salientando a relevância do produto que foi criado enquanto tradução e reunião de técnicas utilizadas ancestral e cotidianamente na vida destas mulheres, além de informações sobre seu território, como a fauna, flora e o modo como se estrutura a tarefa do cuidado do (próprio) corpo e de quem se tem afeto.

Figura 51: Pana em amarrações diferentes pelas pesquisadoras em Maceió, AL.



Fonte: Helene et al, 2022. Disponível em: <<https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaimpeto/issue/view/682>>. Acesso em: 20/08/2024.

3.2. Como tirar do armário memórias do afeto lésbico

E [falar] nunca é sem medo - da visibilidade, da crua luz do escrutínio e talvez do julgamento, da dor, da morte. Mas já passamos por tudo isso, em silêncio, exceto pela morte. E o tempo todo eu me lembro disto: se eu tivesse nascido muda, ou feito um voto de silêncio durante a vida toda em nome da minha segurança, eu ainda sofreria, ainda morreria. Isso é muito bom para colocar as coisas em perspectiva.
(Lord, 2021, p.55)

A partir do repertório apanhado por este trabalho e discussão sobre as dinâmicas de afeto e pertencimento dentro da comunidade LGBTQI+ fica perceptível que para corpos dissidentes, em específico corpos lésbicos, o simples fato de ocupar o espaço público e demonstrar afeto já é uma forma de subversão desse espaço. Assim, a investigação sobre a espacialização do afeto lésbico emerge como um campo crucial de estudo. Em particular, nos contextos urbanos como o de Maceió, marcados por um herança coronelista onde as complexidades da identidade e espaço urbano se entrelaçam.

Por isso, para compreender como os espaços são ocupados e percebidos pelas mulheres sáficas em Maceió será utilizada como metodologia um apanhado dos pontos elencados como positivos no quadro 1. Vale ressaltar que os pontos negativos estão elencados como tal por não contribuírem formalmente na construção metodológica da minha cartografia mas que não são necessariamente negativos, pelo contrário, em suas pesquisas foram de extrema necessidade.

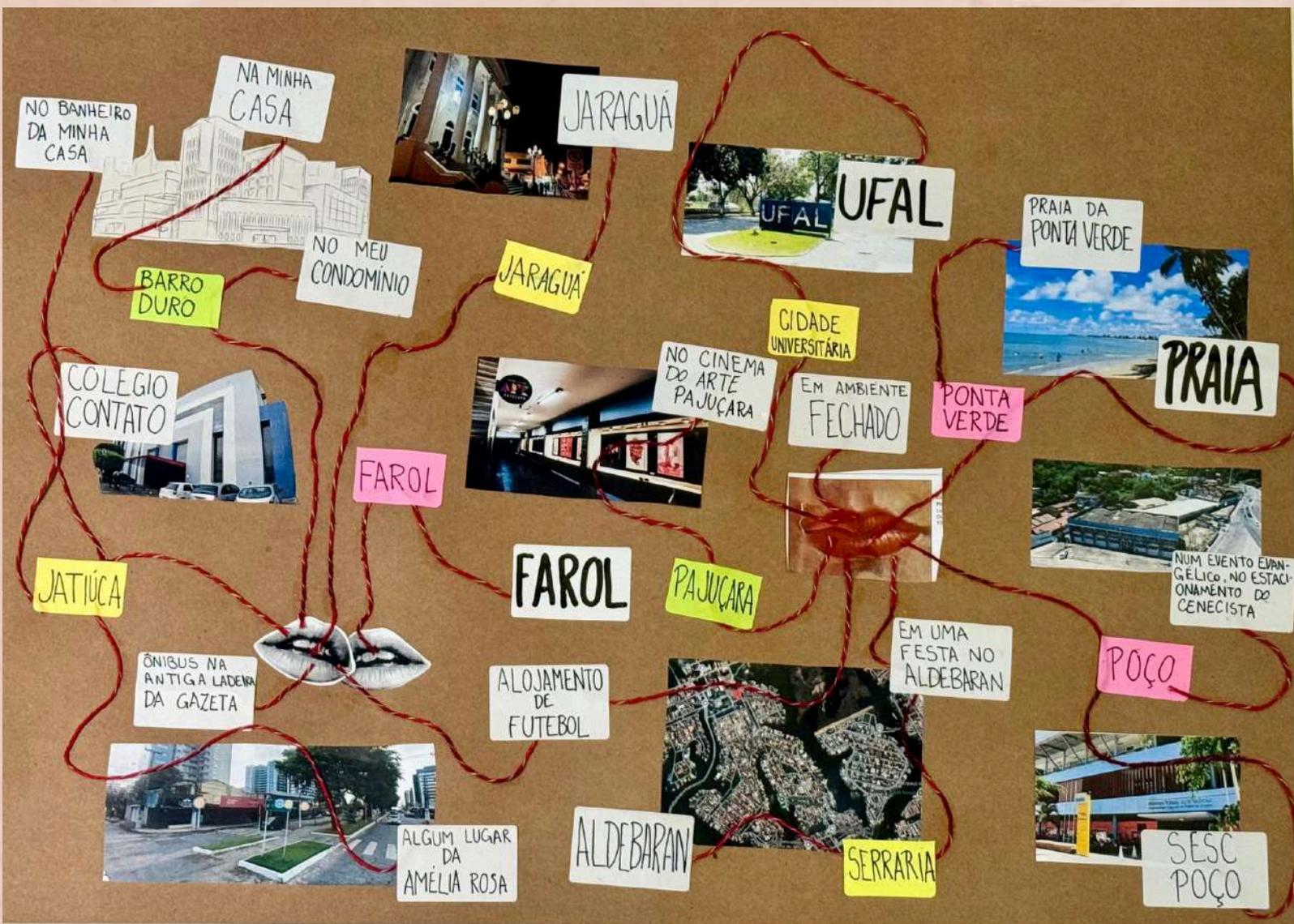
Quadro 1: Síntese da avaliação das cartografias estudadas em relação ao que será utilizado para construção da Cartografia Lesboafetiva em Maceió-AL.

Cartografia	Positivo	Negativo
1- Queering the map	anônima, colaborativa, colaborações digitais assíncronas com tempo de envio aberto para respostas.	não pode haver inserção de imagens ou pictogramas se limitando a uma base cartográfica preestabelecida (google maps)
2- Every where is queer	a plataforma mapeia locais úteis ao dia a dia da comunidade, colaborações digitais assíncronas com tempo de envio aberto para respostas.	por ser uma plataforma americana é pouco disseminada no Brasil assim, não há o mapeamento de nenhum local em Alagoas
3 - Cartografia Queer: retratos de	utilizou perguntas chave como mote para a cartografia que recorreu a linguagem escrita e do desenho,	as narrativas são apresentadas de forma individual e quando o resultado geral aparece nenhum dos desenhos ou escritas

violência em São Paulo	colaborações digitais assíncronas por um determinado tempo.	são apresentados retornando a uma linguagem completamente técnica para falar de subjetividade
4 - Manual de <i>mapeo colectivo</i>	utilização de diversos recursos de linguagem para criação do mapeamento, permitindo inclusive que se extrapole os limites da base física apresentada, encontros presenciais.	-
5 - Caosgrafia cidade	não necessita chegar em uma verdade absoluta já que cada indivíduo tem o seu dizer-cidade; apresenta a metodologia de um jogo, permite diferentes linguagens e meios de expressão, utiliza perguntas disparadoras para auxiliar na construção da cartografia, encontros presenciais.	para realizar toda a cartografia são propostas diversas dinâmicas a serem realizadas em mais de um encontro presencial, sendo inviável para esta pesquisa
6 - A Cartografia que virou Turbante: relações entre tecnologia, corpo e território	Técnicas para combinar diagnósticos de diferentes territórios, como a utilização de pictogramas; utilizar perguntas disparadoras para auxiliar na construção da cartografia, encontros presenciais.	para realizar toda a cartografia são propostas diversas dinâmicas a serem realizadas em mais de um encontro presencial, sendo inviável para esta pesquisa

Fonte: Produção autoral, 2024.

CARTOGRAFIA LESBOAFETIVA DE MACEIÓ-AL



Fonte: Produção autoral, 2024

“E foi assim mesmo, conquista de um território nosso, mesmo que durante uma noite, mas seria nosso lugar.” (NASCIMENTO, 2020)

Aqui é apresentado como decorreu o encaminhamento da etapa de construção, aplicação e resultados da cartografia, seguido das considerações finais. Início com a descrição de como se passou a experiência em campo, minha ideia e planejamentos originais, os contratempos que encontrei no caminho, e como pude realizar a cartografia junto à interlocutoras anônimas. O anonimato nesta pesquisa foi necessário em decorrência dos impasses com o comitê de ética. A construção do comitê foi focada em normatizar trabalhos científicos com experimentos e mesmo compreendendo toda a importância da sua existência o processo é muito lento e não abarca pesquisas de cunho sensível e afetivo que não são estruturadas apenas pela lógica. Assim, a saída foi tornar essas interlocutoras anônimas, o que não prejudica sua fala e pelo assunto ser sensível permite que mais pessoas se pronunciem. Em seguida apresento os resultados da cartografia em si, os artefatos gráficos que desenvolvi para sintetizar imagetivamente os resultados e, por fim, alguns encaminhamentos como reflexões que estes resultados me trouxeram.

4.1. Descrição da experiência

Após a análise das cartografias apresentadas anteriormente, decidi utilizar as táticas de linguagens comuns apresentadas no Mapeo Colectivo, para construir narrativas pessoais; a metodologia de jogo utilizada na Caosgrafia do GPMC (IPPUR-UFRJ), o uso de perguntas disparadoras e a elaboração de sínteses imagéticas para apresentar resultados, como as utilizadas na construção da PANA. Assim como os demais estudos de repertório analisados, considerou-se o uso de redes sociais e outras ferramentas digitais, a fim de permitir anonimato e maior adesão, ainda se tratando de um tema que é tabu e, tal como fez Vinicius Almeida, em sua dissertação de mestrado, foi importante utilizar perguntas disparadoras, sabendo que não teria uma aproximação prévia aprofundada.

Inicialmente, o mapeamento dos lesboafetos em Maceió foi idealizado em forma de oficina a ocorrer no Ateliê Ambrosina devido a notória contribuição do local à visibilidade lésbica em uma das capitais brasileiras mais hostis para as mulheres. A parceria seria com o apoio na garantia do espaço físico e auxílio na divulgação e participação entre mulheres da rede do Ateliê. O convite foi feito por meio do *Whatsapp* às lideranças do Ateliê, nele continha toda a descrição de como seria realizada a oficina que culminaria em uma cartografia realizada de modo coletivo e anônimo com pessoas adultas convidadas pelas nossas redes sociais (da autora e orientadora do TCC e do Ateliê) por se autodeclararem “mulheres (cis ou trans) lésbicas”. As convidadas poderiam participar através do preenchimento prévio de um

formulário simples e online (*google docs*) para caracterização do perfil das participantes (como idade, orientação sexual, gênero e bairro de residência), sempre garantindo o anonimato (o número mínimo de participantes era 3 e o máximo de 15 pessoas). No convite também haveria uma pergunta disparadora: “Onde foi seu primeiro beijo sáfico em Maceió?”.

A oficina ocorreria como um jogo, com as seguintes etapas sequenciais: 1) será estendido no chão um tabuleiro de papel kraft 2 x 2 m; 2) enquanto proponente farei a primeira jogada, respondendo a pergunta que foi enviada previamente via formulário de inscrição; 3) as demais participantes jogariam suas respostas no tabuleiro através da intervenção de objetos, desenhos, palavras, etc., cada resposta poderia interagir ou não com as anteriores, no caso de não interação, a resposta poderia abrir novas jogadas livres; 4) quando não houvesse mais jogadas com a primeira pergunta, tampouco com novas jogadas, ou ainda, o tempo se esgotar, seriam lançadas novas perguntas para que o jogo continue; 5) a pergunta final seria: qual o lugar mais acolhedor para demonstrar seu afeto em público em Maceió? 6) o jogo poderia se esgotar pelo fim dos debates ou com o fim do tempo máximo que variará de acordo com o número de participantes (de 30 minutos estipulado para cada pergunta, tendo duração máxima de 2 horas com o total de 4 perguntas havendo o número máximo de participantes ou 10 minutos por pergunta, com a duração de 1 hora e 30 minutos com o total de 9 perguntas havendo apenas 3 participantes).

De início, a resposta das coordenadoras do Ateliê Ambrosina foi muito positiva. Assim, realizei a compra dos materiais, juntei recortes, desenhei pictogramas, realizei o post para divulgação apenas esperando a confirmação da data pela organização do ateliê. Porém as datas previstas por mim no cronograma deste TCC (do dia 13 a 20 de setembro¹⁶) não entraram em consonância com o calendário do local, e apenas no dia 12 de setembro recebi a resposta que ninguém de lá estaria disponível para participar. Esta notícia me fez perceber a impossibilidade da realização da oficina como havia idealizado. Apesar da frustração inicial, e após orientação, compreendi que é importante ter em mente que na vida de pesquisadora sempre podem ocorrer percalços e que eu poderia reelaborar os procedimentos metodológicos de maneira viável para mim, e de modo a conseguir realizar a Cartografia e analisar seus resultados em tempo hábil no cronograma - já então alterado - deste TCC.

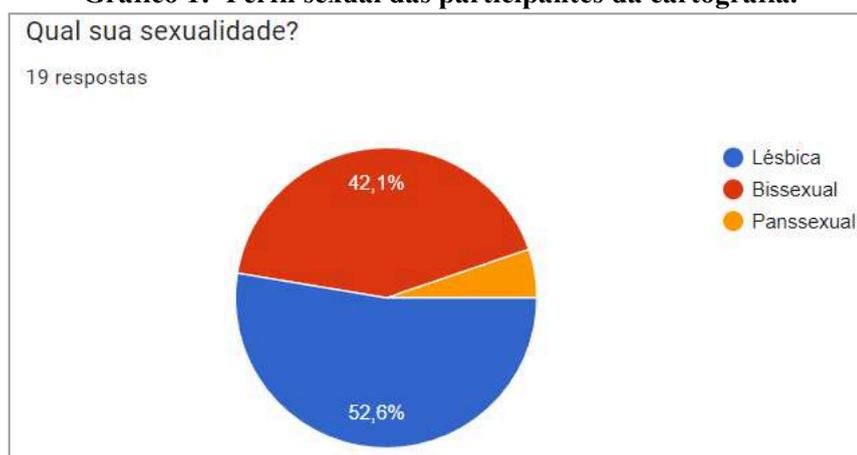
Quando realizei o convite à Ticiane Simões e Bruca Teixeira, coordenadoras do Ateliê, elas informaram que não estariam presencialmente em Maceió, porém afirmaram que queriam colaborar, assim como outras amigas que conheciam mas não poderiam ir na Oficina

¹⁶ A finalização deste TCC e seu respectivo cronograma precisaram ser alterados devido a minha decisão de participar de processos seletivos para mestrados acadêmicos onde as datas se coincidem.

presencialmente. Então, através do *Google Forms* realizei um formulário que disseminei em minhas redes, de minhas amigas e pelas redes do Ateliê. Neste formulário, apresentei a pesquisa informando que se tratava de uma etapa do meu TCC em Arquitetura e Urbanismo e que culminaria em uma Cartografia lesboafetiva de Maceió, garantindo anonimato e contribuições coletivas de pessoas adultas e de diferentes gerações.

Inicialmente apenas mulheres lésbicas poderiam responder, porém, as experiências sáficas no contexto urbano não vem com a delimitação da “caixinha” a qual a pessoa se enquadra, na maioria das vezes, se você é uma mulher vista com outra mulher em um contexto de afeto no espaço público, você tende a sofrer lesbofobia pois a sociedade lhe enquadrará lésbica no marcador social de sexualidade. Por isso, estendi a pesquisa ao afeto sáfico colocando como item obrigatório do formulário a identificação da sexualidade (gráfico 1), onde 52,6% das participantes afirmaram ser lésbicas.

Gráfico 1: Perfil sexual das participantes da cartografia.



Fonte: Produção autoral, 2024.

Além desta pergunta para caracterização, também foi perguntado: “Qual sua idade?”; “Qual seu gênero?”; “Qual bairro você mora?”; estas perguntas apareciam como obrigatórias no formulário, enquanto as demais não. A fim de caracterizar diversos campos da atuação pública, como equipamentos públicos e transporte, foram feitas as seguintes perguntas: “Conhece alguma escola que acolha casais de duas mães nas datas comemorativas?”; “Tem algum local que atenda em consultas médicas mulheres sáficas e estas possam falar abertamente sobre sua sexualidade/ identidade de gênero?”; “Você se sente livre de demonstrar afeto (segurar a mão, dar um beijo, abraçar...) no transporte público?”.

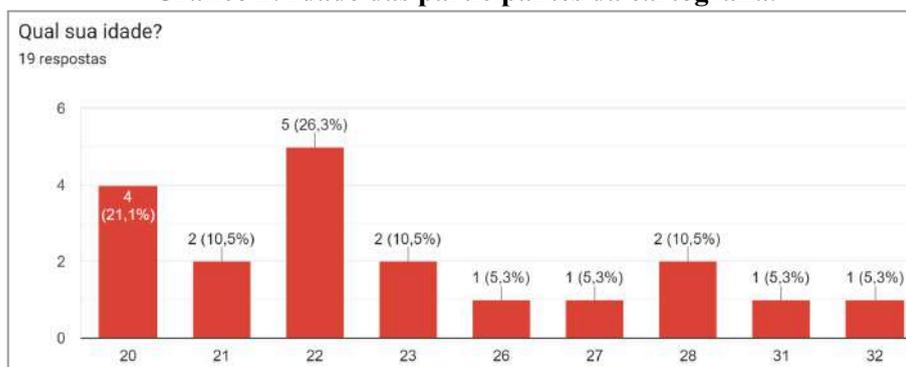
As perguntas em relação ao afeto foram: “Onde foi seu primeiro beijo sáfico em Maceió?”; “Onde você vai para paquerar?”; “Qual o lugar de pegação para mulheres no

espaço público?"; "Qual o melhor lugar pra ter um date sáfico em Maceió?"; "Qual o lugar mais acolhedor para demonstrar seu afeto em público em Maceió?". O formulário apesar de possibilitar a participação de mais pessoas, não permite a inserção de imagens, áudios, colagens, vídeos ou outras linguagens que não a escrita, por isso foi disponibilizado no início do formulário meu número para quem quisesse responder por outras linguagens. Ao final das perguntas também havia um item que a participante poderia marcar caso quisesse receber os resultados da pesquisa.

4.2. Resultados

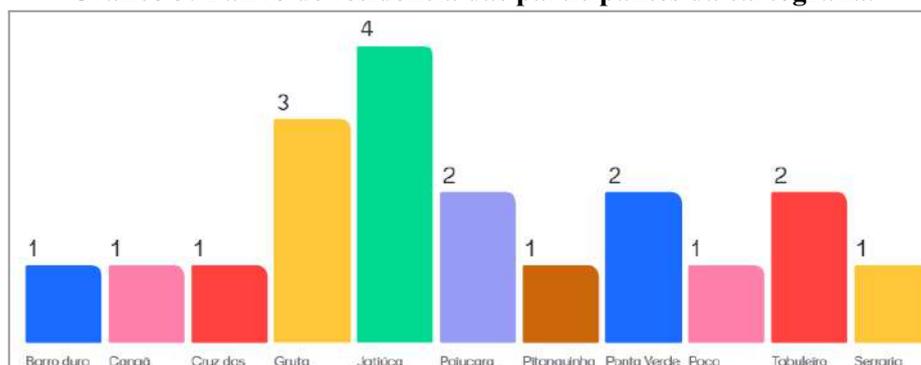
Até o momento que escrevo 19 pessoas participaram da pesquisa, o formulário continuará aberto por interesse próprio, para futuras reflexões, sempre garantindo o anonimato das respondentes. A primeira análise que pude fazer foi que por tratar de uma divulgação entre minhas redes de convívio a faixa etária das participantes ficou limitada dos 20 aos 32 anos como mostra o gráfico 2. Em relação ao gênero 17 se identificam como mulheres cis e 2 não-binárias. Já o bairro de residência das participantes teve maior diversidade, com uma concentração em bairros de classe média, como Jatiúca e Gruta, com destaque para a representação também de bairros considerados periféricos, conforme gráfico 3.

Gráfico 2: Idade das participantes da cartografia.



Fonte: Produção autoral, 2024.

Gráfico 3: Bairro de residência das participantes da cartografia.



Fonte: Produção autoral, 2024.

Mesmo especificando no enunciado do formulário para que junto aos locais viessem também o bairro correspondente a determinadas respostas, algumas respostas não apresentaram referência geográfica. Vale ressaltar que não recebi respostas via *Whatsapp* com envio de respostas por outros meios além do formulário, mesmo disponibilizando o meu número para tal como informado anteriormente.

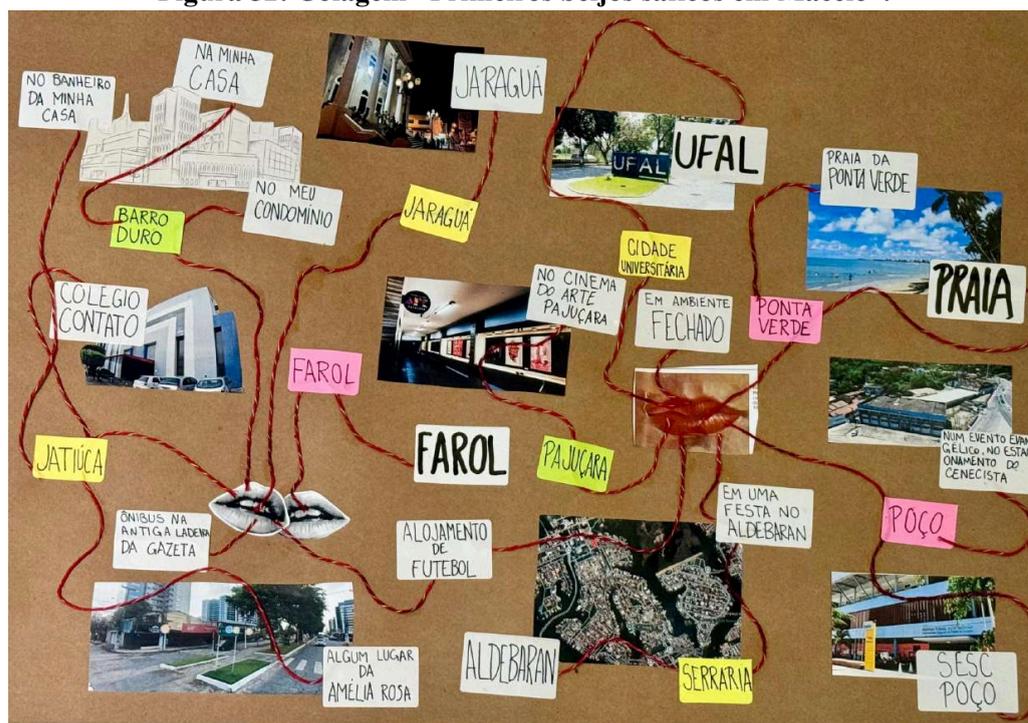
A primeira pergunta feita foi “Onde foi seu primeiro beijo sáfico em Maceió?” apresento todas as respostas no quadro 2 e na figura 52 onde sintetizei em forma imagética (Sanchez, Martins, 2015) todas as respostas em notas adesivas brancas, e os bairros que identifiquei em post-its coloridos. A maioria dos locais apontados foram a própria casa, em instituições de ensino (Contato, Sesc, UFAL, alojamento de futebol), ou na praia, algumas pessoas especificaram apenas o bairro, enquanto outra estava inclusive no transporte público “Ônibus na antiga ladeira da gazeta” ou em um evento evangélico “Acho que no estacionamento do Cenecista, que hoje é o espaço do Gigantinhos. Foi num evento evangélico ok” indicando que até nos espaços de maior opressão essas pessoas estão ocupando e tentando demonstrar seu afeto.

Quadro 2: Local do primeiro beijo sáfico em Maceió.

Localização na cidade	Bairro	Resposta
Parte baixa	Barro Duro	“No meu condomínio/ Barro duro”; “Barro duro”
	Jatiúca	“No banheiro do meu apartamento antigo”; “Algum lugar da Amélia Rosa (eu acho) - perto do paulista talvez”; “Colégio contato”
	Ponta Verde	“Praia da ponta verde”
	Jaraguá	“Jaraguá”
	Poço	“Sesc poço”; “Acho que no estacionamento do Cenecista, que hoje é o espaço do Gigantinhos. Foi num evento evangélico ok”
	Pajuçara	“No cinema do arte pajuçara”
Parte alta	Serraria	“Aldebaran”; “Em uma festa no Aldebaran”
	Cidade Universitária	“UFAL”
	Farol	“Farol”
	Santa Amélia	“Ônibus na antiga ladeira da gazeta”
-	-	“Praia”; “Em ambiente fechado”; “Na minha casa”; “Alojamento de futebol”

Fonte: Produção autoral, 2024.

Figura 52: Colagem “Primeiros beijos sáficos em Maceió”.



Fonte: Produção autoral, 2024.

Na segunda pergunta “Onde você vai para paquerar?”, as respostas coincidiram bastante sendo o Jaraguá e o Rex Jazz Bar, casa de festas que está no mesmo bairro, os mais citados. Além de festas promovidas por LGBTIs como a festa das sáficas, A festival, Carambola e outros citados ao longo deste Trabalho, eventos culturais realizados, bares e eventos sociais com pessoas do mesmo sexo a maioria das respostas especificando o bairro do Jaraguá. Três informaram não haver um lugar específico e uma quarta que refere online.

A terceira pergunta “Qual o lugar de pegação para mulheres no espaço público?” tinha o intuito de verificar se os locais de paquera e pegação se sobrepõem e as respostas apontam novamente o bairro do Jaraguá e festas promovidas por LGBTIs como resposta. Porém surgem também locais onde a visibilidade seja mais difícil refletindo o medo contido na ação do afeto, essas respostas foram: “Praia a noite”, “Cinema porque não tem **ninguém vendo**”; “**E tem?** Já rolou pra mim em **pracinhas**”; “Acredito que não tenha”, “[...] em espaços **menos movimentados** dentro do próprio carro”, “Não consigo pensar em **nenhum**”, “Acredito que **não tenha**”. Apenas **uma resposta fugiu de todas as anteriores “qualquer lugar**”. A figura 53 mostra uma colagem com as respostas apresentadas na segunda pergunta em amarelo e em rosa as respostas da terceira pergunta, a colagem contém as respostas de ambas as perguntas para demonstrar a interseção da maioria delas.

apareceu também como um local seguro, o bairro de Garça Torta e a praia “quando tem poucas pessoas”. Vale frisar a importância da Universidade pública de seus servidores nas lutas que defendem pautas diversas relacionadas aos direitos humanos, o próprio corpo docente e discente da Universidade Federal do estado é heterogêneo e militante das pautas LGBTI+. Entre as confluências sociais, muitos moradores do bairro da Garça Torta são também servidores (ativos ou aposentados) da Ufal ou ainda, tais moradores construíram laços de amizade com servidores.

Destaca-se também respostas negativas ao espaço público: “Não sei”; “Não sei dizer, sempre depende das pessoas e olhares”; “Não me sinto confortável em lugar algum”; “Não conheço” e “Geralmente me sinto mais confortável dentro de casa” demonstrando que para grande parte das sáficas, Maceió não é uma cidade acolhedora para demonstrar afeto em público e, quando é, ainda precisa de condições específicas como “[...] ainda assim só quando tenho meus amigos por perto”. Essas respostas apontam a hostilidade enfrentada por muitas no espaço público, não lhes sendo permitido ao menos afirmar um espaço seguro para demonstração de afeto sáfico.

Por Maceió ser uma capital conhecida por suas praias além de ser um dos principais locais de lazer da população foi feita a pergunta “Qual praia você gosta de frequentar?”. As praias citadas foram Ponta Verde, Francês, Guaxuma, Ipioca, Garça Torta, Pajuçara, Barra de São Miguel e Sonho Verde. Estas praias são frequentadas por um público heterogêneo, entre turistas, moradores da parte baixa (bairros mais abastados) e da parte alta (bairros mais adensados, com população majoritariamente negra, de menor renda e escolaridade), ainda assim, a presença de turistas pode garantir o anonimato e/ou a passabilidade lesboafetiva nestes espaços.

Importante informar que algumas destas praias não ficam na capital, como a praia do Francês a 20km do centro de Maceió muito frequentada por turistas, a Barra de São Miguel que fica a 30km do centro da cidade e é mais frequentada em períodos específicos do ano como no carnaval pelos moradores de Maceió e a praia de Sonho Verde a 25km do centro da capital. Mesmo não estando no recorte desta pesquisa elas foram citadas como importantes e por isso estão na cartografia. A frequência que cada praia foi citada está representada na nuvem de palavras realizada na plataforma *Mentimeter* na figura 54 seguida da colagem “Ocupação Sáfica nas praias” figura 55.

Figura 54: Nuvem de palavras Praias frequentadas por sáficas em Maceió.



Fonte: Produção autoral, 2024.

Figura 55: Colagem “Ocupação Sáfica nas praias em Maceió”.



Fonte: Produção autoral, 2024.

Partindo para análise dos equipamentos públicos foi feita a seguinte pergunta: “Conhece alguma **escola que acolha casais de duas mães** nas datas comemorativas?”. Todas as **respostas afirmam não existir ou não conhecer**, vale ressaltar que a faixa de idade das participantes contribui para esta desinformação em alguns casos mas que deveria ser um direito básico para uma família ser incluída nas atividades escolares de seus filhos.

Outro equipamento público pesquisado foram os hospitais com a pergunta: “Tem algum local que atenda em consultas **médicas mulheres sáficas e estas possam falar abertamente sobre sua sexualidade/ identidade de gênero?**”. Novamente a maioria das pessoas **não conheciam**, uma delas apontou que utiliza uma tática “Não que eu saiba, mas tendo a procurar profissionais mulheres que eu já saiba que, ou sejam da comunidade, ou seja mais novas (40 anos ou menos)”. Já outras três mulheres tiveram respostas mais positivas:

“Existem profissionais na área aqui na cidade, porém poucos que eu conheça, como por exemplo a minha psicóloga trabalha com questões de gênero e sexualidade. Voltados para a população, de forma gratuita, tenho conhecimento da CAEER, que disponibiliza assistência psicológica para a população LGBTQIAPN+ em situação de vulnerabilidade e os postos de saúde com assistência médica”; “Uma amiga indicou uma médica Dr. Nara e desde então só vou nela, quando preciso fazer exames, tento sempre me consultar com mulheres mais novas e só menciono minha sexualidade se for pertinente para o exame”; “nunca tive problemas com isso, normalmente me atendo no Hospital Arthur Ramos (Gruta de Lourdes) ou em clínicas particulares”.

Já acerca do transporte público a pergunta foi “Você se sente livre de demonstrar afeto (segurar a mão, dar um beijo, abraçar...) no transporte público?”. Quatro pessoas responderam negativamente, duas de forma positiva e o restante com ressalvas como “Apenas segurar mão e abraçar”; “eu faço mas tenho medo”; “Não! Depende das pessoas, mas normalmente não me sinto a vontade”; “Às vezes sim, mas em determinados locais evito, até por questão de segurança.”.

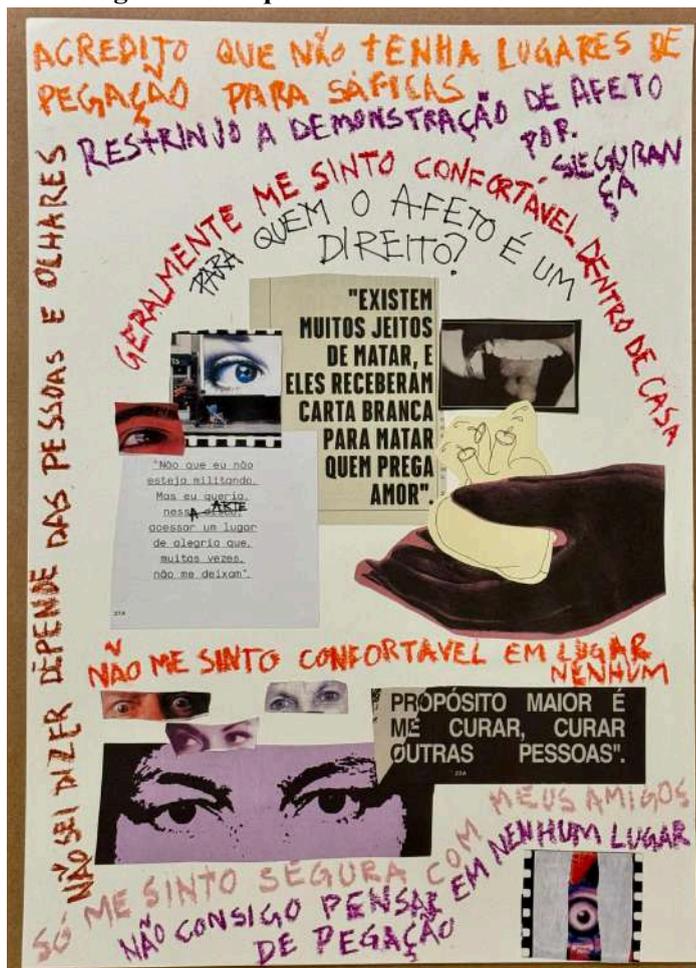
A última pergunta do formulário tinha o intuito de imaginar ferramentas que facilitassem a vida de mulheres sáficas em Maceió, como o caso da cartografia estudada anteriormente *Everywhere is Queer*. O questionamento foi “Existe algum aplicativo que dá dicas de locais acolhedores a mulheres sáficas, como hospitais, escolas, bares etc?”, todas as respostas afirmam desconhecer.

4.3. Considerações Finais

Após a apresentação deste panorama lesboafetivo entre jovens adultas, fica nítido que Maceió ainda tem muito o que avançar, esta Cartografia apresenta um recorte etário de todo o público sáfico de Maceió e uma parcela que ocupa, em sua maioria, lugares privilegiados como cafeterias caras, possui plano de saúde e frequenta escolas particulares. Mesmo assim, neste cenário a insegurança para manifestar afeto sáfico em espaço público ainda é grande. Ainda é preciso utilizar de técnicas como a proximidade com uma rede de apoio, buscar locais menos visíveis ou pouco ocupados. Isto demonstra também a importância de ter representatividades LGBTI+ ocupando espaços de produção de festas, eventos, bares e outros estabelecimentos de comércio e serviço, como isto faz diferença! Assim como é preciso também alcançarmos, além de alianças, representatividade nos espaços de poder e decisão sobre o desenho e o futuro da cidade. Os resultados nos fazem questionar quem tem direito a

manifestar o próprio afeto na cidade de Maceió, pois para as mulheres sáficas ele se restringe, em sua maioria, a um único bairro em uma capital com 50 bairros. Realizei a colagem “Para quem o afeto é um direito “Para quem o afeto é um direito em Maceió-AL?” (figura 56) para expressar esse questionamento que reverbera, utilizando as respostas que mais me marcaram de forma negativa.

Figura 56: Colagem “Para quem o afeto é um direito em Maceió-AL?”



Fonte: Produção autoral, 2024.

Porém as respostas também indicam a importância de eventos, ainda que pontuais, para as mulheres sáficas, ações mais efetivas e duradouras no poder público repercutiram ainda mais na efetividade do direito à cidade para estas pessoas. Atualmente Maceió não tem uma mulher lésbica ocupando um cargo público de decisão na Câmara municipal e a única candidata a vereadora Alycia Oliveira professora, lésbica e da Bancada Negra, recentemente recebeu ameaças de estupro e morte (Eufemea, 2024). Desde o início deste trabalho a ideia foi construir uma cartografia baseada no afeto mas não podemos apagar a violência que é infindável no dia a dia das mulheres lésbicas, todas as perguntas feitas são cotidianas e seriam

facilmente respondidas por qualquer pessoa dentro do padrão cisheteronormativo e branco que a sociedade impõe, por isso é necessário pensar em alternativas para subverter este sistema e fortalecer as redes de apoio dentro da comunidade LGBTI+.

Uma alternativa viável seria a construção de um aplicativo que pudesse, além de avisar eventos relacionados ao tema (como A Festival e a Parada LGBT, além de atividades do Ateliê Ambrosina entre muitos outros que virão), identificar serviços na cidade de Maceió que realizam atendimentos básicos e acolham mulheres sáficas, para garantir sua segurança e construir uma plataforma de troca. Identificam também espaços públicos e privados lesbo acolhedores com espaço para avaliação e *feedback* das frequentadoras. Inclui em equipamentos de saúde e educacionais, a fim de atender ao resultado da Cartografia, que apontou apenas três mulheres que conhecem locais para atendimento médico, considerados seguros em suas experiências, enquanto para a aceitação em escolas este número se mostrou nulo. Com a criação deste aplicativo, entre outras redes físicas e virtuais de informações e acolhimento, o benefício se expandiria para além do público lésbicas, pois divulgariam estabelecimentos LGBTI+ *friendly*, indicando locais onde os donos são pessoas LGBTI+, e aliadas, ajudando na divulgação de negócios e oportunidades de emprego dentro da comunidade. Destaco também que a maioria dos eventos atuais que contaram com a idealização por pessoas LGBTI+ necessitam de algum apoio financeiro por meio de editais do Ministério da Cultura, o que reafirma a importância deste no país, ministério este que sofreu e ainda traz consequências dos ataques e forte desmonte no último governo federal.

Ademais, ressalto a importância do bairro do Jaraguá como local de representação de afetos para a população LGBTI+. Este bairro histórico é lugar de encontro e troca para a maioria da comunidade, inclusive para mim que por vivenciar percebo como a ocupação da Rua Sá e Albuquerque é significativa. Em nenhum outro bairro desta cidade se pode encontrar as pessoas expressando tão livremente sua identidade seja embalado pelo som do Maracatu do Afrocaeté na praça Dois Leões, com djs ocupando a calçada na frente do Gira Mundo, pessoas aglomeradas na escadaria da Assembleia, noites de música e performances artísticas no Som do Beco, localizado no Beco da Rapariga, ou nas festas com todo tipo de pessoa no Rex Jazz Bar ou BarZarte. O Jaraguá é o local da cidade onde mais vi casais sáficos demonstrando afeto e demonstrando a outras sáficas que isso é possível, que ser vista e vivenciar a cidade, não só é possível, como é um direito nosso.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Otilia. VAINER, Carlos. MARICATO, Ermínia. **A CIDADE DO PENSAMENTO ÚNICO: Desmanchando consensos**. 3ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

ACONTECE LGBTI+, GRUPO GAY DA BAHIA, 2021. **Relatório: Observatório de mortes violentas de LGBTI+ no Brasil- 2020**. Disponível em: <<https://static.poder360.com.br/2021/05/Observatorio-de-Mortes-Violentas-de-LGBTI-13mai2021.pdf>> Acesso em: 12/09/2021.

Aliança Nacional LGBTI. **Candidaturas LGBTI+ e Aliadas + Programa vote com Orgulho Eleições 2022**. In: Aliança Nacional LGBTI+. Disponível em: <<https://aliancagbti.org.br/candidaturas-lgbti-2022/>>. Acesso em: 23/02/2024.

ALMEIDA, Diana de. **E se o dia fosse para todas as mulheres?** In: E se as cidades fossem pensadas por mulheres. Org. Laura Sito e Mariana Felix. 1ª edição. Zouk, 2021.

ALMEIDA, Vinicius Santos. **Proposta de cartografia queer a partir do mapeamento da violência aos corpos dissidentes das normas sexuais e de gênero em São Paulo**. Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Geografia Humana. São Paulo, 2019.

Ateliê Ambrosina. Página inicial. Instagram, 2024. @ateliambrosina. Disponível em: <<https://www.instagram.com/ateliambrosina?igsh=MXA5Y3JvYmdoOG1idw>>. Acesso em: 23/02/2024.

ARAÚJO, Flavia de Sousa. **Sobre ações de insistência e outros nós ou como rasurar identidade e cidade: construindo um texto trama em Belém-Pará-Amazônia**. Ayvu, Rev. Psicol., v. 03, n.01, p.63-84, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/ayvu/article/view/22209/13108>>. Acesso em: 02/03/2024.

ARAÚJO, Flavia de S., HOLANDA, Synara Jane da S., LIMA, Suzann Flavia C., DIAS, Juliana Michaello M. A Negação do Direito à Moradia Digna como Necropolítica: Pandemia, despejos e lutas cotidianas nas comunidades da Favelinha e Conjunto Otacílio Holanda – Cidade Universitária, Maceió-AL. In: Revista Ímpeto. **Catástrofes: cidades, desafios e emergências**. V. N.10, 2020, p.101-111.

ARAUJO, Flavia de Sousa; HOLANDA, Synara Jane da Silva; LIMA, Suzann Flávia Cordeiro de; DIAS, Juliana Michaello Macedo. A negação do direito à moradia digna como necropolítica: pandemia, despejos e lutas nas comunidades da Favelinha e Conjunto Otacílio Holanda - Cidade Universitária, Maceió - AL. **Ímpeto: Revista de arquitetura e urbanismo**. Maceió/AL, Nº 10. p. 101-111. Dezembro de 2020. Disponível em: <<https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaimpeto/issue/view/551>>. Acesso em: 23/09/2024.

ARAÚJO, Flavia de S.; RODRIGUES, Ana C.; BELO, Clara L.; BORGES, Hilda M. A. **Caruanas nas ruas**: workshop de arte e cura urbana. XXV Congresso de escolas e Faculdades Públicas de Arquitetura da América do Sul (ARQUISUR). Sessão Temática 05 - Lutas Urbanas e Práticas Insurgentes. 25., 2022, Porto Alegre. Anais. Disponível em: <https://sisgeenco.com.br/anais/arquisur/2022/arquivos/GT91_COM_99_163_20220729120604.pdf>. Acesso em: 21/01/2024.

ARAÚJO, Flavia; ROCHA, Liris; MAGALHÃES, Amanda. **Fanzine**: Mcz Delas. Issuu, 2021. Disponível em: <<https://issuu.com/mczpelasmulheres/docs/mczdelas.final>>. Acesso em: 25/02/2024.

ARAÚJO, Frederico G.B. de. **Caosgrafias cidade***. Cad. Metrop., São Paulo, v. 18, n. 37, pp. 899-920, set/dez 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/2236-9996.2016-3714>>. Acesso em: 20/08/2024,

ARAÚJO, João Gabriel Farias Barbosa. **Cidade entendida: os espaços de lazer de homo e bissexuais em São Paulo entre 1978 e 1987**. Tese. São Paulo. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para obter o título de Doutor em Ciências. Orientador Jorge Bassani. São Paulo, 2023. 283 p.

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte, Letramento: Justificando, 2018.

AZEVEDO, Caroline Silva. CAMARGO, Heloísa Salles. SANTOS, Nickielly Gomes dos. SANTOS, Roberta Marina dos. **Como o afeto, enquanto estratégia pedagógica inovadora e de coesão, pode ajudar a construir extensões universitárias que busquem transformar o ensino jurídico e fortalecer uma comunidade pedagógica?**. VII Encontro Nacional de Antropologia do direito, 2021. Disponível em:

<<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwjUzITBnsSEAxXgHrkGHf8tDIsQFnoECA0QAQ&url=https%3A%2F%2Fwww.enadir2021.sinteseeventos.com.br%2Farquivo%2Fdownloadpublic%3Fq%3DYToyOntzOjY6InBhemFtcyI7czozNToiYToxOntzOjEwOiJJRF9BUiFVSZPIjtzOjQ6IjU2MjYiO30iO3M6MToiaCI7czozMjoiNjk5ZjdhZTUzZTEzZGJjNmJkMjJkMGJiZjM2YWU3YTkiO30%253D&usg=AOvVaw1JBPe8hMcafDkS8mlMa4Cz&opi=89978449>>. Acesso em: 24/02/2024.

BAETA, Elayne. **Oxe, baby**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Galera, 2021.

BBC BRASIL. **Casamento gay é legalizado na Escócia após a aprovação de projeto de lei**. BBC News, 20 jan. 2023. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-64252532>>. Acesso em: 23 set. 2024.

BERTH, Joice. **O Caminho da equidade no Planejamento do Espaço Urbano**. In: REVISTA ARQUITETAS INVISÍVEIS. Pioneiras, V.01, 2016, p.73-74.

Boletim ChanacomChana. **Ferro's Bar, dia 19 de agosto**: Uma vitória contra o preconceito. 4ª edição, GALF (Grupo Ação Lesbica Feminista) 1983, p. 1-4.

BORGES, Hilda M.A.; ARAÚJO, Flavia de S. **Maceió para Todes**: modos dissidentes de ocupar e construir a cidade. Revista Ímpeto. n.12,dez.2022. Disponível em: <<https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaimpeto/issue/view/682>>. Acesso em: 17 mar.2023.

BRASIL. Conselho Nacional de Justiça. **Resolução nº 175, de 14 de maio de 2013**. Dispõe sobre o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo. Diário da Justiça, Brasília, DF, 15 maio 2013. Disponível em: <<https://atos.cnj.jus.br/atos/detalhar/1754>>. Acesso em: 23/03/2024.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, [2016].

BRASIL. Lei Nº 10.257, de 10 de julho de 2001. Regulamenta os arts. 182 e 183 da Constituição Federal, estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2001.

BUTLER, Judith P. **El género en disputa: el feminismo y la subversión de la identidad**. Paidós. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, 2016.

CARRERA, Gabi Carrera. **Remontagem de Queermuseu foi viabilizada por uma grande campanha de financiamento coletivo**. In: CARNEIRO, Júlia Dias. Queermuseu, a exposição mais debatida e menos vista dos últimos tempos, reabre no Rio. BBC News Brasil, 16 de agosto de 2018. Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/Brasil/noticia/2018/08/queermuseu-exposicao-mais-debatida-e-menos-vista-dos-ultimos-tempos-reabre-no-rio.html>>. Acesso em: 24/11/2023.

CARRERA, Júlia Dias. **'Queermuseu', a exposição mais debatida e menos vista dos últimos tempos, reabre no Rio**. BBC News Brasil, 16 de agosto de 2018. Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/Brasil/noticia/2018/08/queermuseu-exposicao-mais-debatida-e-menos-vista-dos-ultimos-tempos-reabre-no-rio.html>>. Acesso em: 24/11/2023.

Carta Mundial pelo Direito à Cidade. 03 Setembro 2007- Atualizado em 06 Novembro 2009. Disponível em: <<https://www.suelourbano.org/wp-content/uploads/2017/08/Carta-Mundial-pelo-Direito-à-Cidade.pdf>>. Acesso em 16 de fevereiro de 2024.

CASIMIRO, Lígia Maria Silva Melo de. **As mulheres e o Direito à Cidade: um grande desafio no século XXI**. In: Instituto Brasileiro de Direito Urbanístico – IBDU.

CASTELO, Gabriely. FRANÇA, Lucas. **Violência contra LGBTQIA+ em Alagoas: em 2022, 10 foram mortos e 617 denúncias de agressões registradas**. Tribunahoje, 2022. Disponível em: <<https://tribunahoje.com/especial/2022/10/26/2-violencia-contralgbtqia-em-alagoas-em-2022-10-foram-mortos-e-617-denuncias-de-agressoes-registradas>>. Acesso em: 23/02/2024.

CAVALCANTE, Ana Mary. Brasil segue como país com maior número de pessoas LGBTQ+ assassinadas. **Radioagência**. 31/01/2023. Disponível em: <<https://agenciabrasil.etc.com.br/radioagencia-nacional/direitos-humanos/audio/2023-01/brasil-segue-como-pais-com-maior-numero-de-pessoas-lgbt-assassinadas>>. Acesso em: 12/12/2023.

CHANACOMCHANA. São Paulo, 1982-1987. Disponível em: <<https://cisges.files.wordpress.com/2018/09/chana-com-chana.pdf>>. Acesso em: 03/03/2024.

EL-JAICK, Ana Paula. **Faz duas semanas que meu amor e outros contos para mulheres**. 1ª ed. São Paulo: Sumago, 2008.

FERREIRA, Bia. '**Amar num país onde estão pregando ódio é revolucionário**', diz Bia Ferreira. [Entrevista concedida a] Kamila Viola. Rio Adentro, 20/09/2019. Disponível em: <<https://rioadentro.blogosfera.uol.com.br/2019/09/20/amar-num-pais-onde-estao-pregando-odio-e-revolucionario-diz-bia-ferreira/>>. Acesso em: 24/02/2024.

FERREIRA, Bia. **Não adianta ser bonita, tem que andar com a galera que te valoriza**. [...]. 14 de dezembro de 2023. Instagram: @igrejalesbiteriana. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/C017ArRr6zB/?igsh=dzIxazdlaDZ2ZWMy>>. Acesso em: 02 de março de 2024.

FERREIRA, Eduarda. **Questões de gênero e orientação sexual em espaço escolar**. In: SILVA, Joseli Maria; SILVA, Augusto Cesar Pinheiro. Espaço, gênero e poder: conectando fronteiras. Ponta Grossa: Todapalavra, 2011, p. 43-66. Acesso em: 03/01/2024.

FIOR, Ana Clara. COMOLATTI, Greta. **FERRO'S BAR**. Laboratório para Outros Urbanismos. [2018] Disponível em: <http://outrosurbanismos.fau.usp.br/lugares-memoria-lgbt-sao-paulo/ferros-bar/>. Acesso em: 08/09/2023.

GRUPO GAY DA BAHIA- GGB. **Mortes Violentas de LGBTQ+ no Brasil, relatório do Grupo Gay da Bahia, 2021**. Bahia. 14 de março. de 2022. Disponível em: <<https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2022/03/mortes-violentas-de-lgbt-2021-versao-final.pdf>>. Acesso em: 15/02/2023.

GPMC (Grupo de Pesquisa Modernidade e Cultura); IPPUR (Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional); UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro). **MANUAL teórico-prático DE arTísticas**. Tomo VIII do experienciar, Vol. 2, 2014. Disponível em: <<https://www.google.com/url?q=https://periodicos.uff.br/ayvu/article/download/22214/13113/81758&sa=D&source=docs&ust=1709391528137403&usg=AOvVaw3gtky24oR51bX1EC9oClf8>>. Acesso em: 02/03/2024.

G1 AL. Maceió é de novo a única capital do Nordeste em que Bolsonaro teve maioria dos votos. Maceió, 31/10/2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/al/alagoas/eleicoes/2022/noticia/2022/10/31/maceio-e-a-unica-capital-do-nordeste-em-que-bolsonaro-teve-maioria-dos-votos-no-2o-turno.ghtml>>. Acesso em: 03/03/2024.

GORINI, Paula. **Corpos Dissidentes: perspectivas de gênero e sexualidade na construção de um corpo político**. In: Anais do XV Enecult: encontro de estudos multidisciplinares em cultura. 2019. Disponível em: <<http://www.xvenecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-484/111651.pdf>>. Acesso em: 21 ago. 2022.

HELENE, Diana; VASCONCELLOS, Bruna M.; MIRANDA, Eva R.; LAZARINI, Kaya; AZEVEDO, Amanda. **A CARTOGRAFIA QUE VIROU TURBANTE: RELAÇÕES**

ENTRE TECNOLOGIA, CORPO E TERRITÓRIO. Revista Ímpeto, N 12. Maceió. 2022. Disponível em: <<https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaimpeto/issue/view/682>>. Acesso em: 18/08/2024.

hooks, bell. **Love as the practice of freedom.** In: hooks, b. Outlaw culture: resisting representations. Nova Iorque: Routledge, p. 243-250, 2006.

hooks, bell. **Salvation: black people and love.** Nova Iorque: Harper Collins Publishers, 2001.

hooks, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas.** tradução Stephanie Borges. São Paulo: Efeante, 2020.

Lana. **SAFO E AS LÉSBICAS DA ILHA DE LESBOS:** Safo de Lesbos revolucionou a visão grega sobre como se comporta a mulher, dando origem aos termos lesbianismo e safismo. Animo, 2017. Disponível em: <https://aminoapps.com/c/comunidade-lgbt/page/blog/safo-e-as-lesbicas-da-ilha-de-lesbos/xprP_eGEs2uWp6mM3gRqmepbj33qZB6gZv5>. Acesso em: 08/03/2024.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço.** Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão : início - fev. 2006.

LEONEL, Vange. **Grrrrls: garotas iradas.** 1ª edição. Edições GLS, 1 janeiro de 2001.

LEOPOLDO, Rafael. **Cartografia do pensamento quer.** 1 ed., Salvador- BA. Editora Derives, 2020.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider.** Tradução: Stephanie Borges. 1 ed.; 2 reimp.; Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

Levante a Bandeira. Bia Ferreira. In: Igreja Lesbiteriana, Um Chamado. Bia Ferreira. São Paulo, 2019.

Kern Leslie. **Cidade Feminista - A luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens.** 2021. Rio de Janeiro. Oficina Raquel. 256 pp.

Manual de comunicação LGBTI+ [livro eletrônico] / organização Toni Reis, Simón Casal. 3. ed. Curitiba : IBDSEX, 2021. ISBN 978-65-991261-9-2. Disponível em: <https://aliancalgbiti.org.br/wp-content/uploads/2022/01/manual-de-comunicacao-gaylatino-V-2021-WEB.pdf>>. Acesso em: 09/02/2024.

MARTINHO, Míriam. **Orgulho Lésbico: o happening político do Ferro's Bar (edição 2022).** Um outro olhar. São Paulo, 19 de junho de 2022. Disponível em: <https://www.umoutroolhar.com.br/2022/06/orgulho-lesbico-o-happening-politico-do.html>. Acesso em: 08/09/2023.

MBEMBE, A. Ensaio: Necropolítica. Arte & Ensaio, n. 32, Rio de Janeiro: revista PPGAV/EBA – UFRJ, 2016, p. 122– 151. In: ARAÚJO, Flavia de S., HOLANDA, Synara Jane da S., LIMA, Suzann Flavia C., DIAS, Juliana Michaello M. A Negação do Direito à Moradia Digna como Necropolítica: Pandemia, despejos e lutas cotidianas nas comunidades

da Favelinha e Conjunto Otacílio Holanda – Cidade Universitária, Maceió-AL. In: Revista Ímpeto. **Catástrofes: cidades, desafios e emergências**. V. N.10, 2020, p.101-111.

MEDEIROS, Ronaldo. **O presidente do GGAL, @nildocorreia, foi detido na manhã deste domingo (26) pella Guarda Municipal de Maceió, momentos antes de ter início Parada do Orgulho LGBTQIAPN+, [...]**. Maceió, 26 de novembro de 2023. Twitter:

@dep_ronaldom. Disponível em:

<https://twitter.com/dep_ronaldom/status/1728793108257636505?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E1728793108257636505%7Ctwgr%5E4eca2551177ae0edaf49b1a08f60db354c3d446c%7Ctwcon%5Es1_&ref_url=https%3A%2F%2Ffeassim.com.br%2Fprefeitura-de-maceio-inaugura-o-natal-de-quase-todos-e-exclui-populacao-lgbtqia%2F>. Acesso em: 22/02/2024.

MENDONÇA, Heloísa. Queermuseu: O dia em que a intolerância pegou uma exposição para Cristo. El País, São Paulo, 13 de setembro de 2017. Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/11/politica/1505164425_555164.html>. Acesso em: 06/03/2024.

MENDONÇA, Patrícia. **Festival promove mais de 15 horas de ações culturais, educativas e de saúde no Jaraguá**. Alagoas. 6 de setembro de 2022. Disponível em:

<<https://folhadealagoas.com.br/2022/09/06/festival-multiartistico-promove-mais-de-15-horas-de-aco-es-culturais-educativas-e-de-saude-no-jaragua/>>. Acesso em: 20/08/2024.

MONTANER, Josep Maria. Colaboração Zaida Muxí. **Política e arquitetura - Por um urbanismo do comum e ecofeminista**. São Paulo: Olhares, 2021. Tradução: Júlia Urrutia. ISBN 9778-65-88280-16-4.

NASCIMENTO, Aline P. **OCUPAÇÃO SAPATÃO EM SALVADOR:**

TERRITORIALIDADE E DIREITO À CIDADE. Salvador. 3 de agosto de 2020. Medium: Diálogos Insubmissos de Mulheres Negras. Disponível em:

<https://dialogosinsubmissos.medium.com/ocupação-sapatão-em-salvador-territorialidade-e-direito-à-cidade-41c25f89a815>. Acesso em: 23/10/2023.

NELMA, Teca. **É vergonhoso a manobra jurídica realizada pela prefeitura de Maceió para criminalizar o movimento e impedir que a 21 parada do orgulho LGBTQIA+ de Maceió acontecesse. [...]** Maceió, 26 de novembro de 2023. Twitter: @TecaNelma.

Disponível em:

<https://twitter.com/TecaNelma/status/1728863899053916515?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E1728863899053916515%7Ctwgr%5E4eca2551177ae0edaf49b1a08f60db354c3d446c%7Ctwcon%5Es1_&ref_url=https%3A%2F%2Ffeassim.com.br%2Fprefeitura-de-maceio-inaugura-o-natal-de-quase-todos-e-exclui-populacao-lgbtqia%2F>. Acesso em: 22/02/2024.

NETO, Euclides Rocha Cavalcante. **Itinerários desejanter: cartografando dissidências no Recife-PE**. Orientação: Prof.a Dra Flavia de Sousa Araújo. Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas. Maceió - AL, 2022.

"Nojo", diz coronel da PM ao presenciar abraço entre casal de lésbicas em bar de Maceió. TNH1. Maceió- AL. 19/08/2022 - 17h46. Disponível em:

<<https://www.tnh1.com.br/noticia/nid/nojo-diz-coronel-da-pm-ao-presenciar-abraco-entre-casal-de-lesbicas-em-bar-de-maceio/>>. Acesso em: 11/05/2023.

OLIVEIRA, M. D.; MESQUITA, M. R. **Saindo do armário**: a história do movimento lésbico em Maceió. Revista *Ártemis*, [S. l.], v. 26, n. 1, p. 387–405, 2018. DOI: 10.22478/ufpb.1807-8214.2018v26n1.36980. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/36980>. Acesso em: 9 setembro. 2023.

OLIVEIRA, Rebecca Christina Rodrigues (Religare) Juvencio. **O direito à cidade para o exercício da sexualidade de mulheres lésbicas**: Uma questão de direitos humanos. Dissertação - Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Brasília, 2019.

PAGNAN, Redson. **Cartografias dissidentes**: corpo, sexo, gênero e discurso como dispositivos de mapeamento de resistências e categorias de análise sociais urbanas. *Diálogos Pertinentes – Revista Científica de Letras*. Jul./dez. 2020. Volume 16, número 2, páginas 214-230.

PEREIRA, Deriky. **Pesquisa revela número elevado de suicídios entre integrantes da comunidade LGBT em Maceió**. Site Oficial da Universidade Federal de Alagoas, 2013. Disponível em: <<https://ufal.br/ufal/noticias/2013/11/pesquisa-revela-numero-elevado-de-suicidios-entre-integrantes-da-comunidade-lgbt-em-maceio>>. Acesso em 20/04/2023.

Periódicos. **Revista de estudos indisciplinados em gêneros e sexualidades**. Salvador, n. 19, v. 2, jul.2023-dez.2023. Publicação periódica vinculada ao NuCuS, da Universidade Federal da Bahia –UFBAISSN: 2358-0844. ISSN: 2358-0844. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicos/issue/view/2563>;

PINHEIRO, Valéria. **O peso da vida urbana sobre os ombros das mulheres e dimensão dos despejos forçados**. In: Instituto Brasileiro de Direito Urbanístico - IBDU *Direito à Cidade: uma visão por gênero* - São Paulo: IBDU, 2017. ISBN 978-85-68957-05-9. Acesso em: 07/02/2024.

PREU, Roberto de Oliveira; BRITO, Carolina Franco. **A questão trans no cenário brasileiro**. *Revista Periódicos*. v. 1, n. 10, p. 95-117, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicos/article/view/27809>>. Acesso em: 02 de março de 2024.

RAPOSO, Paulo. **“Artivismo”: articulando dissidências, criando insurgências**. Dossiê "Artivismo: poéticas e performances políticas na rua e na rede". VOL. 4, NO 2. p. 3-12. 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.4000/cadernosaa.909>>. Acesso em: 03/06/2024.

Redação Jornal Extra. **Políticos de AL repercutem ataque à companheira de ex-prefeita de Maceió**- Kátia Born pediu medida protetiva após o carro ser alvejado; homem que fez os disparos foi preso. *Jornal Extra*, 02/02/2024. Disponível em: <<https://ojornalextra.com.br/noticias/politica/2024/02/101123-politicos-de-al-repercutem-ataque-a-companheira-de-ex-prefeita-de-maceio>>. Acesso em: 23/02/2024.

ROLNIK, Raquel. **Por cidades femininas feministas**. In: FEMINISMURBANA um projeto teórico político. FAPERJ. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2023.

RISLER, Julia. ARES, Pablo. **Manual de mapeo colectivo**: recursos cartográficos críticos para procesos territoriales de creación colaborativa. 1a ed. Buenos Aires, 2013. Disponível em: <<https://iconoclasistas.net/4322-2/>>. Acesso em: 09/03/2024.

SAMPAIO, Thiago. **Prefeitura de Maceió “inaugura” o “Natal de Quase Todos” e exclui população LGBTQIA+**: Prefeito amigo de Carlinhos Maia desligou as luzes da orla para afetar a marcha apoiada pelo Governo do Estado. É assim, 2023. Disponível em: <<https://eassim.com.br/prefeitura-de-maceio-inaugura-o-natal-de-quase-todos-e-exclui-populacao-lgbtqia/>>. Acesso em: 22/02/2024.

SANCHES, Maria Celeste de Fátima; MARTINS, Sergio Regis Moreira. **Projetando Mensagens Visuais**: a contribuição de síntese imagética no design de moda. Revista de Estudos em Design. Vol.23, 2015. Disponível em: <<https://estudosemdesign.emnuvens.com.br/design/article/view/200/177>>. Acesso em: 24/02/2024.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. 5 ed. São Paulo: Edusp, 1985.

SANTOS, Antônio Bispo. **A Terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/Piseagrama, 2023.

SILVA, Vinicius Rodrigues Costa da. NASCIMENTO, Wanderson Flor do. **Políticas do Amor e Sociedades do Amanhã**. Voluntas: Revista Internacional De Filosofia. Vol 10. P. 168–182, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/39954/html>>. Acesso em: 24/02/2024.

SILVA, Zuleide Paiva da. **“Sapatão não é bagunça”**: estudo das organizações lésbicas da Bahia. Orientadora: Rosângela Costa Araújo. Tese (Doutorado) – Doutorado Multi-Institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento. Salvador, 2017.

SILVA, Ariadne Moraes. VALLADÃO, Solange. **Arquitetura-Diagrama e as Cartografias do Poder**. In: VI Simpósio Internacional LAVITS 'Assimetrias e (in)visibilidades: vigilância, gênero e raça, 2019, Salvador-Bahia. Anais do VI Simpósio Internacional LAVITS 2019 "Assimetrias e (in)visibilidades: vigilância, gênero e raça. Salvador: Creative Commos Atribuição 4.0. Internacional, 2019.

SOARES, Suane Felipe. **Engendrando novos territórios políticos**: um caso de resistência lésbica periférica, Publicado em 07 de julho de 2021. URL: <http://journals.openedition.org/alhim/9969>; DOI: <https://doi.org/10.4000/alhim.9969>. Acesso em: 11 dezembro de 2023.

SITO, Laura. FELIX, Mariana. Introdução- **E se as cidades fossem pensadas por mulheres**. Org. Laura Sito e Mariana Felix. 1ª edição. Zouk, 2021.

TAVARES, Rossana Brandão. RAMOS, Diana Helene. **FEMINISMURBANA** um projeto teórico político. FAPERJ. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2023.

TEDx Talks. **INVIBILIZAÇÃO DAS SAPATONAS, AFETO COMO TECNOLOGIA DE SOBREVIVENCIA** | Bia Ferreira | TEDxYouth@CHPR. Youtube, 5 de abril de 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=P4-plIRSYoA>>. Acesso em: 24/02/2024.

TEIXEIRA, Bruca. Minha Sereia e Praia da SerAia. *In: Fanzine: Mcz Delas*. Issuu, 2021. p. 58. Disponível em: <<https://issuu.com/mczpelasmulheres/docs/mczdelas.final>>. Acesso em: 25/02/2024.

WITTING, Monique. **A categoria do sexo**. *Feminist Issues* 2, no. 2. 1982.